

UNIVERSIDADE PAULISTA - UNIP

JOSÉ LUIZ BALESTRINI JUNIOR

FASCISMO E PARANOIA NA SOCIEDADE MUDIÁTICA

SÃO PAULO

2025

JOSÉ LUIZ BALESTRINI JUNIOR

FASCISMO E PARANOIA NA SOCIEDADE MUDIÁTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para a obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Malena Segura Contrera.

SÃO PAULO

2025

Balestrini Júnior, José Luiz.

Fascismo e paranoia na sociedade midiática / José Luiz
Balestrini Júnior. - 2025.
140 f. : il. color.

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de concentração: Comunicação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Malena Segura Contrera.

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Petra Missomelius.

1. Fascismo. 2. Sociedade midiática. 3. Paranoia. 4. Algoritmos.
5. Comunicação. 6. Desinformação. 7. Arquétipo. I. Contrera,
Malena Segura (orientadora). II. Missomelius, Petra
(coorientadora). III. Título.

JOSÉ LUIZ BALESTRINI JUNIOR

FASCISMO E PARANOIA NA SOCIEDADE MUDIÁTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para a obtenção do título de Doutor em Comunicação.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Malena Segura Contrera – orientadora
Universidade Paulista – UNIP

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva
Universidade Paulista – UNIP

Profa. Dra. Carla Montuori Fernandes
Universidade Paulista – UNIP

Profa. Dra. Santana Rodrigues
Instituto do Imaginário

Prof. Dr. Norval Baitello Jr.
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

AGRADECIMENTOS

Talvez seja inapropriado citar, logo de cara, um autor nos agradecimentos, mas não encontro palavras melhores para iniciar esta conversa do que as de Ovídio que, no começo de seu *Metamorfoses*, conta: “*É meu propósito falar das metamorfoses dos seres em novos corpos. Vós, deuses, que as operastes, sede propícios aos meus intentos e acompanhai o meu poema, que vem das origens do mundo até os meus dias*”. Ora, não é meu intuito, neste trabalho, falar da origem do mundo até os meus dias, mas é, como veremos, discorrer sobre algumas transformações operadas pelos deuses. Nada mais justo, portanto, que começar agradecendo a eles, por permitirem que a *opus* pudesse ser performada.

Agradeço à minha esposa Manuela. Só essa parte valeria um livro que somente faria jus ao fenômeno se fosse poético, nada mais. Lembro-me de James Hillman que, quando perguntado “por que essa mulher?” responde “porque essa mulher”.

Malena Contrera, minha orientadora: direta, cirúrgica, intuitiva e honesta. Não abraçou somente a pesquisa, me recebeu como um ser humano. O alinhamento entre nós dois foi sempre algo mágico. Malena corrigiu meu trabalho monográfico quando fiz a formação em psicologia junguiana, depois veio o mestrado e agora o doutorado com ela como orientadora. Ela carrega algo de original sempre, o que, no mundo atual, parece se tornar cada vez mais raro.

Maurício Ribeiro da Silva; seriedade e comprometimento com a pesquisa científica. Maurício parece lembrar sempre algo importante para que façamos uma ciência responsável: não podemos nos tornar comedores de flor de lótus. Quero dizer, ficar fascinado pela imagem que fazemos do fenômeno faz com que nossa pesquisa se torne simplesmente acusatória e, sem o devido aprofundamento no nosso objeto de pesquisa, o texto não passa de catarse. Também sou muito grato ao Maurício pelo trabalho e empenho que teve em fazer acontecer a fase sanduíche deste doutorado. Ainda quero que isso reverta em algo positivo para o programa e que não se encerre naquilo que eu pude aprender durante o período fora. Arrependo-me um pouco de não ter conversado mais com Maurício durante esse período, mas há tempo futuro.

Professora Petra Missomelius, que me recebeu na Universidade de Innsbruck e que atuou como coorientadora internacional da pesquisa. Seus apontamentos foram excelentes para que eu me

sentisse cada vez mais dentro da área da comunicação. Ela também me apresentou autores que se tornaram bastante importantes para a produção do texto final da tese, principalmente relacionados ao tema da paranoia. Professora Missomelius chegou a me perguntar se eu não escreveria a tese também em inglês; isso também parece pertencer ao tempo futuro.

Aos amigos queridos do Delirium podcast, Rafael Rodrigues e Leonardo Torres. Nossas conversas semanais são alimento para a alma.

Ao meu analista Waldemar Magaldi; aqui seria preciso outro livro completo, também poético; fica o mistério da relação transferencial.

Ao Sidarta Ribeiro, amigo e companheiro na ciência.

Agradeço à minha família: José e Lúcia, pais e educadores. Marina e Catarina, filhas amadas. Shirley e Edson, os companheiros de viagens mais constantes que temos. Cada um de vocês contribuiu à sua maneira para as reflexões propostas nesta tese: o trabalho revela quem somos, assim como nossas relações. Uma vez perguntaram à Marie-Louise von Franz se não era necessário escrever um livro sobre sua vida, sua biografia. Contam que a resposta dela foi que, se alguém quisesse saber sobre a vida dela, só precisaria ler seus livros.

Aos meus clientes e aos participantes dos grupos de estudos que coordeno e participo: nesses lugares acontecem as batalhas da guerrilha simbólica!

Por fim, agradeço às instituições, entidades criadas por nós mesmos para dar conta das demandas coletivas que carregamos e que, exatamente por isso, representam, de várias maneiras diferentes, as vontades sociais: à UNIP pela acolhida e à CAPES/PROSUP pelo suporte financeiro durante todo o trabalho, assim como pelo financiamento da fase sanduíche na Áustria. Sem esse suporte a pesquisa não teria acontecido.

“É no fascínio que o problema espiritual exerce sobre o homem moderno que está, na minha opinião, o ponto central do problema psíquico do hoje. Por um lado, trata-se de um fenômeno de decadência – se formos pessimistas. Mas, por outro, trata-se de um germe promissor de transformação profunda da atitude espiritual do Ocidente – se formos otimistas. Em todo caso, deve ser levado em conta justamente por encontrar suas raízes nas vastas camadas do povo. E é tão importante porque atinge, como prova a História, as incalculáveis forças instintivas irracionais da psique, que transformam inesperada e misteriosamente a vida e a cultura dos povos.”

C. G. Jung

*“Somente ao se tomar um homem duvidoso,
enganador, irônico e imaginativo é que se torna um
homem são.”*

James Hillman

RESUMO

Esta tese investiga como o fascismo, compreendido em sua dimensão arquetípica e estrutural, manifesta-se na sociedade midiática digital contemporânea e de que forma um estado de paranoia coletiva atua como sustentáculo para a aceitação e naturalização de discursos autoritários e manipuladores. Partindo da ideia de que o fascismo possui uma base psíquica inconsciente — enraizada em arquétipos, portanto, no inconsciente coletivo, e reativada por condições comunicacionais e sociais específicas —, o estudo analisa como tais estruturas simbólicas são mobilizadas na atualidade por meio dos algoritmos, da desinformação e da cultura de massas, configurando um fenômeno que se denomina aqui como “fascismo algorítmico”. As perguntas que norteiam a pesquisa são: (1) Como o fascismo, em sua dimensão arquetípica, está conectado e se manifesta na sociedade midiática da atualidade? (2) De que maneira a paranoia coletiva contribui para a aceitação de ideologias fascistas que se disfarçam através de discursos que pregam liberdade individual e pluralismo? O trabalho ancora-se na teoria da comunicação (com autores como Malena Contrera, Norval Baitello Jr. e Clemens Apprich) nos estudos da psicologia de profundidade (especialmente C. G. Jung e James Hillman) e na crítica cultural (principalmente com Umberto Eco, Byung-Chul Han e Pier Paolo Pasolini). A análise articula essas abordagens para demonstrar que o funcionamento das plataformas digitais — sobretudo com base nos algoritmos de personalização e nas câmaras de eco — favorece a homogeneização do pensamento, o enfraquecimento do debate público e o reforço de padrões autoritários, ainda que velados sob a aparência de diversidade e escolha. A metodologia é qualitativa, com ênfase em revisão bibliográfica interdisciplinar, complementada por dados quantitativos de fontes confiáveis que atestam o crescimento de práticas fascistas na política e na comunicação globais. Como principal conclusão, constata-se que a paranoia funciona como ambiente psíquico fértil para a instalação de estratégias simbólicas de controle, operadas por meio da linguagem, da imagem e da repetição algoritmizada. A tese propõe, como forma de resistência, o conceito de “guerrilha simbólica” — uma atualização da guerrilha semiológica de Umberto Eco — que visa restaurar o pensamento crítico e a manifestação criativa consciente e anímica, assim como a autonomia narrativa frente ao avanço de um modelo comunicacional que aliena e padroniza.

Palavras-chave: Fascismo; Sociedade Midiática; Paranoia; Algoritmos; Comunicação; Desinformação; Arquétipo.

ABSTRACT

This thesis investigates how fascism, understood in its archetypal and structural dimensions, manifests in contemporary digital media society, and how a collective state of paranoia serves as a foundation for the acceptance and normalization of authoritarian and manipulative discourses. Based on the notion that fascism has an unconscious psychic foundation — rooted in archetypes, and therefore in the collective unconscious, and reactivated under specific communicational and social conditions — the study analyzes how these symbolic structures are mobilized today through algorithms, disinformation, and mass culture, constituting what is here defined as “algorithmic fascism.” The central research questions are: (1) How is fascism, in its archetypal dimension, connected to and manifested within contemporary media society? (2) In what ways does collective paranoia contribute to the acceptance of fascist ideologies disguised by discourses of individual freedom and pluralism? The study is grounded in communication theory (with authors such as Malena Contrera, Norval Baitello Jr., and Clemens Apprich), depth psychology (especially C. G. Jung and James Hillman), and cultural critique (particularly Umberto Eco, Byung-Chul Han, and Pier Paolo Pasolini). The analysis interweaves these approaches to demonstrate that the functioning of digital platforms — especially through personalization algorithms and echo chambers — fosters ideological homogenization, weakens public debate, and reinforces authoritarian patterns, even when cloaked in the appearance of diversity and choice. The methodology is qualitative, emphasizing interdisciplinary bibliographic review, and is complemented by quantitative data from reliable sources indicating the growth of fascist practices in global politics and communication. As its main conclusion, the thesis finds that paranoia functions as a fertile psychic environment for the implementation of symbolic control strategies, operated through language, imagery, and algorithmic repetition. As a form of resistance, the research proposes the concept of “symbolic guerrilla” — an update of Umberto Eco’s semiological guerrilla — aimed at restoring critical thought, conscious and soulful creative expression, and narrative autonomy in the face of a communicational model that alienates and standardizes.

Keywords: Fascism; Media Society; Paranoia; Algorithms; Communication; Disinformation; Archetype.

LISTA DE GRÁFICOS E FIGURAS

- Gráfico 1 - Interesse e tendência pelo termo “fascism” no Goodle Trends e utilização do termo e tendência em publicações científicas indexadas no banco de dados Dimension.....59
- Gráfico 2 - Dados brutos do *Google Trends* que mostram o interesse pelo termo "fascismo" no Brasil entre os anos de 2012 e 2024.....60
- Gráfico 3 - Interesse pelo termo "Mussolini" revelado por buscas no Brasil entre os anos.....61
- Figura 1 - Fascinus ou fascinum, divindade itifálica alada grega, representada aqui num amuleto81
- Figura 2 - Notícia falsa publicada em rede social pelo então senador Flávio Bolsonaro.....93
- Figura 3 - Imagem manipulada da capa da revista TIME com a cabeça de Donald Trump substituída pela de Jair Bolsonaro.....93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – FASCISMO: É POSSÍVEL CHEGAR A UMA DEFINIÇÃO?.....	22
1.1 O Fascismo Atemporal	22
1.2 As propriedades do Ur-fascismo.....	24
1.3 Da romanità de Mussolini ao neoliberalismo	32
1.4 O fascismo atemporal no Brasil dos últimos anos	43
1.5 Dados quantitativos sobre o retorno do fascismo no mundo e no Brasil	55
CAPÍTULO II – PROJEÇÃO DE CONTEÚDOS INCONSCIENTES NA COMUNICAÇÃO	63
2.1 O que é projeção?	63
2.2 Arquétipo, mito e desinformação.....	70
CAPÍTULO III - DESINFORMAÇÃO, FAKE NEWS E FASCISMO	80
3.1 Fascinação, (des)informação e suas raízes arquetípicas	80
3.2 O que compreendemos por Fake News	83
3.3 Fake News, estereótipos e imagens	88
3.4 A indústria das Fake News	92
3.5 A guerrilha semiológica de Umberto Eco.....	98
CAPÍTULO IV – PARANOIA NA SOCIEDADE MIDIÁTICA.....	103
4.1 Paranoia	103
4.2 Mídia de massas paranoica	108
CAPÍTULO V – A GUERRA CONTRA O FASCISMO ALGORÍTMICO	114
5.1 Fascismo paranoico ou paranoia fascista.....	114
5.2 Batalhas midiáticas e o manifesto da guerrilha simbólica	120
CONCLUSÕES.....	126
REFERÊNCIAS	130

INTRODUÇÃO

Não há como discutir com profundidade qualquer fenômeno comunicativo social na atualidade sem levar em consideração a mútua imbricação entre comunicação, política e o imaginário arquetípico. Acreditamos que o ressurgimento do fascismo no Brasil e no mundo nos últimos anos está diretamente conectado com os processos comunicacionais da sociedade midiática digital contemporânea, assim como com os processos imaginários que ela convoca. Os meios que operam com a informação, seja ela verdadeira, inventada ou deturpada, exercem poder de transformação e controle da opinião pública, assim como do comportamento político da população; não são poucos os autores que afirmaram isso, mas tomemos com exemplo o que diz Byung-Chul Han:

O Big Data e a inteligência artificial levam o regime da informação a um lugar que é capaz de influenciar nosso comportamento num nível que fica embaixo do limiar da consciência. O regime da informação se apodera das camadas pré-reflexivas, pulsionais, emotivas, do comportamento antepostas às ações conscientes (Han, 2022, p. 23)

Ou seja, o autor aponta como a dimensão do inconsciente participa diretamente do fenômeno, exatamente por isso é necessária a interdisciplinariedade proposta logo de início na nossa pesquisa. Devemos lembrar também que a desinformação, que pode ocorrer, por exemplo, com a divulgação de notícias falsas e manipuladas, sempre teve papel importante nas diferentes guerras. Porém, na atualidade, a disputa social, econômica e política pelo poder ganha novas regras e possibilidades. Com o desenvolvimento tecnológico e, principalmente, com a capacidade de atingir a coletividade através dos canais de comunicação em quantidades e com velocidade jamais vista na história, o jogo da manipulação da opinião pública e do comportamento da massa, que sempre teve como uma de suas principais características as batalhas de e por informação, se tornou, quase exclusivamente, digital.

Essa pesquisa teve início a partir do nosso interesse na utilização de imagens produzidas tecnicamente para a manipulação da massa, mais especificamente no que concerne o uso disso como uma ferramenta de desinformação pelos movimentos políticos de direita da atualidade que trazem seu discurso, algumas vezes de maneira disfarçada, porém, cada vez mais de forma direta, ideias e valores que podem ser considerados como fascistas. Isso, como sabemos, não é novidade, já que podemos observar com certa clareza que muitas vezes a produção de imagens tem objetivos específicos e ideológicos de manipulação da massa, levando a comportamentos individuais e coletivos que podem ser considerados muitas vezes como catastróficos (Contrera, 2010). Porém, como explicamos nesta introdução, a partir do aprofundamento nos temas, o

trabalho acabou ganhando volume e o enfoque principal, ainda alinhado com as ideias iniciais da pesquisa, se tornou a conexão entre o crescimento do fascismo na sociedade midiática e o estado de paranoia coletiva que parece estar instaurado na atualidade, sobretudo através dos ambientes midiáticos.

Ainda sobre a noção de comunicação de massa, compreendemos que na contemporaneidade fala-se sobre a comunicação em rede e, nesse sentido, a partir do que desenvolvemos na presente pesquisa, enxergamos a necessidade de explorar uma certa reinvenção daquele conceito a partir da ação dos algoritmos. A comunicação de massa, que antes poderia ser definida fundamentalmente a partir do estabelecimento de uma instituição emissora única, agora parece ser substituída pela instituição programadora única que tem como estrutural o mecanismo de funcionamento algorítmico; o que encontramos atualmente parece ser uma massa de usuários aprisionados pela falsa noção de individualidade¹; isso, veremos, será explorado de maneira mais profunda ao longo do trabalho. Mas, fundamental, será o conceito de massa porque, como afirma C. G. Jung: “O homem massificado, contudo, não tem valor; é uma simples partícula que perdeu sua alma, isto é, o sentido de sua humanidade” (Jung, 2018a, p. 215).

Um dos maiores exemplos históricos da utilização de informação – principalmente em forma de propaganda – para a construção ideológica e manipulação do pensamento da massa vem exatamente da extrema-direita com o nazismo alemão. Sabemos que isso resultou na eclosão da Segunda Guerra Mundial, porém, esse comportamento tem raízes que podem ser traçadas até o período que antecedeu a Primeira Guerra Mundial, quando tiveram origem os primeiros grupos fascistas na Itália (Nelis, 2007). Temos ciência de que não podemos reduzir a história e sabemos também que o desenvolvimento dessas ideias e valores poderia ser buscado ainda mais para trás no tempo histórico. Apesar de citar algumas dessas raízes mais antigas em nosso texto, foi preciso fazer recortes e, para o presente trabalho escolhemos olhar com mais profundidade para as manifestações do cenário cultural e midiático das sementes do fascismo contemporâneo que acreditamos estarem situadas no período do início do séc. XX. Não é exagero afirmar que o fenômeno carrega uma hipercomplexidade e que, no máximo, tocaremos com profundidade apenas alguns dos fatores relacionados à irrupção de comportamentos fascistas na atualidade.

A tendência de retorno de ideias fascistas mostra e comprova aquilo que Umberto Eco (2021) traz em seu livro *O fascismo eterno* quando apresenta o conceito de Ur-fascismo. Esse

¹ Um artigo sobre a ideia da reinvenção da comunicação de massa na contemporaneidade está em produção em parceria com a orientadora Malena Contrera, com previsão de submissão ainda para o ano de 2025.

texto de Eco é fundamental para a nossa pesquisa, é a partir dele que tecemos paralelos com a atualidade trazendo categorias de comportamentos descritas pelo autor que podem ser encontradas no tempo presente. Foi principalmente a partir dessas reflexões que a pergunta central norteadora da nossa pesquisa se estabeleceu: como o fascismo, em sua dimensão arquetípica, está conectado e se manifesta na sociedade midiática da atualidade? Em nosso texto, tomamos a licença de ampliar e atualizar algumas das ideias propostas por Eco, mas sempre mantendo o que ele descreveu como núcleo da nossa reflexão.

O prefixo alemão *Ur* utilizado pelo autor também está presente em alguns termos da psicanálise freudiana e poderia ser traduzido com o significado de arcaico. *Ur* indica uma temática fundamental e que faz parte estruturalmente da constituição humana; poderíamos falar aqui, para usar uma expressão mais alinhada com a psicologia profunda da contemporaneidade e com o viés teórico da nossa pesquisa, da dimensão arquetípica do fascismo. Isso é importante porque nossa linha de pensamento sobre os fenômenos comunicacionais leva em consideração a manifestação e a irrupção dos arquétipos nas suas mais diferentes formas, influenciando grandemente o comportamento humano e conseqüentemente a construção da realidade. O conceito de arquétipo será devidamente aprofundado no trabalho.

De qualquer forma, o retorno massivo e midiático dessas ideias e comportamentos, assim como da divulgação e da tentativa de angariar mais e mais pessoas para esse tipo de movimento, mostra que esses valores sempre existiram, mesmo que de maneira velada, ou apenas em potencial, na mentalidade da população. Podemos supor também que, se essas características latentes existem psicologicamente no ser humano de maneira universal, elas precisam apenas que algumas provocações e confirmações externas aconteçam em momentos propícios para ressurgir das profundezas da psique coletiva. A utilização de imagens, produzidas tecnicamente para esse fim, pode servir de estímulo para que a projeção e identificação do indivíduo com esse tipo de tendência aconteça; aqui encontramos um dos pontos de convergência onde a utilização ideológica dos meios de comunicação e da distribuição de informação se conecta com o fenômeno. Se a identificação com as imagens que resulta em ações e comportamentos, por exemplo, de produção e consumo é algo já estabelecido na teoria da comunicação, não devemos supor que seria diferente no que se refere à construção de ideologias. Podemos facilmente observar como, aparentemente do dia para a noite, indivíduos considerados como exemplos de cidadãos comuns, alinhados com os valores democráticos e éticos, se transformam em defensores de ideias preconceituosas, destrutivas e fundamentalistas, assim como ocorreu na Segunda Guerra Mundial (Neumann, 1991).

Apesar de inicialmente concentrarmos nossa pesquisa no fascismo da extrema-direita, conforme caminhamos e aprofundamos nossos estudos, esbarramos com o problema da algoritmização da vida humana. Nesse momento, o trabalho ganhou algo de inesperado; percebemos, como vários autores apontam, mesmo que não utilizem exatamente essas expressões, uma conexão direta do fascismo como núcleo arquetípico com o neoliberalismo atual. Textos de Pier Paolo Pasolini, cujas obras estão carregadas com a temática do fascismo foram fundamentais para a nossa discussão. Em seu livro intitulado *Il fascismo degli antifascisti*² (2018), Pasolini defende a ideia geral de que o fascismo pode tomar novas formas, disfarçadas por exemplo como práticas capitalistas imperialistas, mas que no fundo tem como objetivo apenas o controle do comportamento da massa, resultando no que ele chama de homogeneização da cultura. Nas suas próprias palavras:

Porque o velho fascismo, ainda que por degeneração retórica, distinguiu: enquanto o novo fascismo - que é uma coisa completamente diferente - já não distingue: não é humanisticamente retórico, é americanamente pragmático. O seu objetivo é a reorganização e padronização brutalmente totalitária do mundo (Pasolini, 2018, p. 40 - 41, tradução nossa).

O fascismo antigo, através de uma visão eugênica do ser humano, dividia a população entre os escolhidos pela própria evolução da natureza – ou até mesmo por Deus – para reinar, enquanto os outros deveriam servir a esse propósito como força de trabalho escravo ou serem eliminados; o novo fascismo finge que pretende unificar as pessoas com a ideia de que todos são iguais, porém, a grande massa, agora, paradoxalmente indistinta através de suas peculiaridades, serve como matéria-prima, força de produção e consumo para as grandes corporações e alimento da própria energia que move as redes digitais.

Somando a visão de Pasolini com o que evidenciou Umberto Eco e ampliando nosso entendimento do fenômeno, preferimos adotar o termo fascismo atemporal, pela sua potencialidade de manifestação a qualquer tempo de acordo com a condições ideais para sua irrupção, mas que não necessariamente precisa ser considerado eterno – queremos manter a esperança de que podemos, através da criação de consciência e do desenvolvimento de pensamento crítico reflexivo, lutar para que o fascismo seja vencido.

A conexão do fascismo com o neoliberalismo pode não ser, para muitos, uma novidade. Porém, foi a partir dessa compreensão, levando também em consideração que vivemos num momento em que o tempo de vida é dedicado em grande parte a uma existência pendurada nas nuvens de dados (Baitello Jr, 2019), cuja imagem poderia ser comparada metaforicamente com a de campos de concentração onde as pessoas entregam sua energia vital se tornando matéria

² O fascismo dos antifascistas (tradução do autor).

prima e produto no mundo digital (Balestrini Jr, 2023a), que ampliamos a nossa pergunta de pesquisa. Vamos retomá-la por um momento: como o fascismo, em sua dimensão arquetípica, está conectado e se manifesta na sociedade midiática da atualidade? Secundariamente, mas de maneira alguma com menos importância para a compreensão do fenômeno, perguntamos também como a paranoia coletiva funciona como pano de fundo e sustentáculo dessa dinâmica fascista que se disfarça de um estado de liberdade de pensamento e comportamento, mas que na verdade transforma cada indivíduo em mais uma peça genérica da engrenagem. A comunicação de rede acaba massificando, mas por motivos e mecanismos novos e diferentes daqueles que foram observados durante o século XX. Os objetivos principais da pesquisa são, portanto, desvelar alguns aspectos e aprofundar a discussão acerca dessa conexão entre fascismo, paranoia e a massificação criada a partir da utilização da mídia digital como ferramenta para se alcançar tais resultados.

Como afirmamos anteriormente, partimos de exemplos da política da extrema-direita para compreendermos os mecanismos fascistas na atualidade, caminhamos até o capitalismo neoliberal como evolução do fascismo para finalmente observar como ele está por trás do funcionamento da programação dos algoritmos que regem a mídia digital, assim como do consequente direcionamento do comportamento das massas. Nossa hipótese principal era a de que, através de uma potencial ideologia fascista estrutural, presente no inconsciente coletivo – ou seja, arquetípica - e não é integrada na consciência individual e coletiva, o fascismo continue se manifestando das mais diferentes maneiras alcançando na atualidade uma atuação de qualidade algorítmica.

A partir dessa ideia, seria possível dizer que o próprio mecanismo de funcionamento dos algoritmos pode ser considerado como sendo fascista porque estes são, em sua maioria, programados com o propósito direto de criação de câmaras de eco (Cramer, 2018) que servem para a manipulação da massa, tendo por trás como objetivo fundamental o engajamento dos indivíduos com os conteúdos publicados, o que se desdobra em lucro para as grandes corporações da área de comunicação. Em outras palavras, podemos afirmar que o mecanismo algorítmico de funcionamento da sociedade midiática digital é fascista por excelência, resultado da industrialização de tudo (Adorno, 2021) que somada à homogeneização da cultura (Pasolini, 2018) culmina na ditadura da informação (Han, 2022). A desinformação, principalmente através da divulgação de *Fake News*, é uma das principais armas nessa guerra política e econômica; mas, como veremos, quase todo o mecanismo de funcionamento das redes que tem como pano de fundo a atuação dos algoritmos, pode, de acordo com a nossa hipótese, ser

considerado fascista; essa será umas das principais noções desenvolvidas durante nosso trabalho.

Entre muitos outros valores, podemos encontrar como marca do capitalismo predatório a negação do pensamento simbólico, da experiência metafórica e, portanto, da criatividade consciente e/ou anímica; tudo isso em nome da manutenção da produção e consumos desenfreados que fazem com que a roda-viva que engole o tempo de vida do homem contemporâneo continue em movimento. Aqui, talvez, esteja uma das principais marcas da transformação histórica do fascismo em capitalismo que carrega por trás a padronização brutal da cultura citada por Pasolini (2018), que hoje fica disfarçada de singularidade e exclusividade (Han, 2022). A cultura de massas engoliu toda a criatividade transformando absolutamente tudo o que surge como diferente em igual (Morin, 2007a) e essa é, como veremos, exatamente uma das características principais do fascismo (Eco, 2021); aqui encontramos uma das raízes da citada reinvenção da cultura de massas na contemporaneidade.

A partir dessa constatação, como citamos rapidamente anteriormente, não foi possível durante a nossa pesquisa escapar da paranoia, tanto de uma perspectiva conceitual, como do ponto de vista comportamental em suas mais variadas formas. Vista de maneira popular, essa palavra já expressa a persecutoriedade fantasiosa daquele que é considerado portador do comportamento paranoico. Porém, sabendo que era preciso ir além, nos propomos a estudar a conexão de um possível estado de paranoia coletiva na atualidade com a manifestação do que denominamos como fascismo algorítmico, sendo este, apenas mais uma forma de manifestação do fascismo atemporal.

O capitalismo predatório neoliberal realmente não parece tão diferente do fascismo se pensarmos que ambas as visões não passam de estratégias de manipulação que tendem a transformar o ser humano em mão de obra para que sejam alcançados objetivos supostamente coletivos, mas que respondem apenas a uma minoria da população que mantém o poder político e econômico para seu próprio benefício (Barros; Henriques; Mendonça, 2000). Uma das maneiras de alcançar esse estado das coisas é estabelecendo uma condição geral de vida paranoica, cuja resposta da coletividade, ainda que patológica, acaba sendo a aceitação da manipulação da massa pela liderança fascista que passa a decidir o destino de todos.

A presente pesquisa foi, em sua maioria, de caráter qualitativo e de revisão bibliográfica. Porém, aproveitamos para apresentar também alguns dados quantitativos sobre o reaparecimento do tema do fascismo no Brasil e no mundo, assim como fazemos uma análise sobre esses números. Tivemos o cuidado de escolher artigos e pesquisas de fontes confiáveis do ponto de vista científico e que trouxessem, muitas vezes, análises quantitativas que

sustentassem suas argumentações; dessa forma, podemos afirmar que nossas reflexões teóricas foram também embasadas por resultados quantitativos sólidos e reflexões teóricas apresentadas por outros pesquisadores sobre nossos temas centrais. Reconhecemos, portanto, a importância de pesquisas quantitativas, mas seguimos, talvez numa atitude de resistência a uma predominância da busca exagerada por dados, com a maior parte da nossa reflexão sendo teórica. Florian Cramer, estudioso do campo da comunicação, acredita que a interpretação ainda é o ponto cego da inteligência artificial, sendo, por hora, impossível substituir a simples análise de dados pelo trabalho reflexivo teórico humano (Cramer, 2018). Afirma o autor:

Se a análise pode, hipoteticamente, tornar a interpretação obsoleta, então os algoritmos devem, em última análise, ser capazes de substituir a maioria dos sociólogos, críticos e acadêmicos de humanidades — ou, pelo menos, tornar obsoleto seu trabalho interpretativo prático e mudar sua profissão para a pesquisa e o desenvolvimento de algoritmos de análise de dados³ (Cramer, 2018, p. 37, Tradução Nossa).

Posicionamo-nos, portanto, como resistência a esse possível estado futuro das coisas em que a reflexão humana que abriga, além da autopoieses (Maturana; Varela, 2001), a imaginação e a intuição como aspectos importantes para o trabalho científico, não tenha lugar. Em nossa visão, é possível fazer ciência com encantamento. Concordamos com Byung-Chul Han:

O desencantamento do mundo significa, sobretudo, que a relação com o mundo é reduzida à causalidade. A causalidade é apenas uma das formas possíveis de relação. Sua totalização leva a uma pobreza do mundo e da experiência. O mundo mágico é o mundo no qual as coisas se relacionam entre si fora do contexto causal e trocam confidências. A causalidade é mecânica e externa. Relações mágicas ou poéticas com o mundo significam que uma profunda simpatia conecta seres humanos e coisas (Han, 2023, p. 47).

A pesquisa foi financiada por uma bolsa PROSUP/CAPES e uma parte dela foi feita em parceria com a Universidade de Innsbruck na Áustria a partir de uma bolsa sanduíche também concedida pelo CAPES. Essa parte da pesquisa se mostrou muito frutífera porque pudemos entrar em contato com vários autores da comunicação que tratam do tema do fascismo, da algoritmização e da paranoia na atualidade e que não eram conhecidos por nós.

A revisão do estado da arte foi feita a partir de pesquisas em diferentes bancos de dados, porém, principalmente através dos portais da CAPES e do Google Acadêmico. Devido ao alto número de artigos relacionados ao tema do fascismo, foi preciso fazer recortes e escolhas constantes a partir de critérios de exclusão. Esses critérios foram direcionados principalmente a partir dos autores que utilizamos como base fundamental para a nossa pesquisa. Por exemplo,

³ No original: If analytics can, hypothetically, render interpretation obsolete, then algorithms should ultimately be able to replace most sociologists, critics, and humanities scholars—or, at least, to render obsolete their hands-on interpretative work and shift their profession toward research and development of data analytics algorithms.

consideramos artigos e outras pesquisas que trouxessem reflexões sobre as ideias de Umberto Eco sobre o tema, mesmo que estas apresentassem críticas e discordâncias acerca do que foi dito pelo autor. Fizemos o mesmo na escolha de artigos que tratassem dos outros núcleos temáticos que constituíram nossa pesquisa, ou seja, dos algoritmos e da paranoia. Aqui, mais uma vez, o período na Universidade de Innsbruck se mostrou importante, pois a maior parte dos autores utilizados no presente trabalho que tratam do tema dos algoritmos foi descoberta durante a pesquisa feita lá e, principalmente, a partir de indicações feitas pela coorientadora internacional. Como o fascismo é um tema de crescente interesse na esfera internacional, também foi possível utilizar trabalhos de autores europeus sobre o tema. Um dos critérios fundamentais para a escolhas de produções que pudéssemos utilizar em nossa pesquisa foi a conexão dos temas com o campo dos estudos comunicacionais e da psicologia de profundidade.

Em termos de relevância, nossa pesquisa contribui para o aprofundamento de um tema que não pode ser deixado à deriva. O que propomos como novidade surge principalmente a partir de um questionamento de Wilhelm Reich em seu livro *Psicologia de Massas do Fascismo* (Reich, 1988), quando o autor aponta que, além da importância que devemos dar à situação econômica e social de uma nação onde irrompe o fascismo, é preciso levar em consideração o misticismo por trás do fenômeno como sendo uma de suas características fundamentais. Compreendemos aqui o misticismo citado pelo autor, não como algo metafísico, mas sim como uma parte escondida e desconhecida do fenômeno que, na nossa visão, pode ser elucidada exatamente a partir de uma união entre o os estudos da comunicação e da psicologia de profundidade, principalmente através do mecanismo de projeção de conteúdos inconscientes que acreditamos fazer parte dos fenômenos comunicacionais e da sua conexão com a manifestação autônoma da dimensão arquetípica da psique coletiva. Aprofundaremos o conceito e discutiremos esse assunto com profundidade ao longo do trabalho.

A tese está estruturada em cinco capítulos; no primeiro, trazemos autores que falam sobre o desenvolvimento do fascismo, porém, como apontamos anteriormente, nos concentramos principalmente nas ideias de Umberto Eco sobre o Ur-fascismo, atualizando algumas delas para a contemporaneidade. Mostramos as conexões do fascismo com o neoliberalismo e apresentamos também exemplos de como ideias, valores e comportamentos fascistas podem ser encontrados na atualidade no Brasil e em algumas outras partes do mundo. Esses exemplos são tirados de notícias de jornais e declarações feitas por políticos e figuras públicas em redes sociais.

Para estreitar o laço do pensamento científico entre a comunicação e a psicologia de profundidade, no segundo capítulo exploramos como o mecanismo de projeção de conteúdos

do inconsciente faz parte dos processos comunicacionais. Utilizamos aqui, principalmente, os conceitos trazidos por C. G. Jung, porém, procuramos também conectar essas ideias com autores da comunicação da atualidade, por exemplo, Malena Contrera, Norval Baitello Jr e Muniz Sodré. De acordo com a nossa visão dos estudos do imaginário, também é fundamental a compreensão aprofundada e correta do conceito de arquétipo, já que essa é uma expressão que vem ganhando popularidade e, como é comum nesses casos, acaba ganhando interpretações populares que se afastam de sua dimensão acadêmica. Portanto, ainda neste capítulo, falamos sobre a conexão entre a dimensão arquetípica e o mito, e suas conexões com a desinformação. Esse capítulo foi necessário para que no terceiro, aprofundássemos a discussão do funcionamento da desinformação, principalmente através da produção, divulgação e compartilhamento de *Fake News*, mostrando sua conexão com o fascismo atemporal e ampliando simbolicamente possibilidades sobre suas raízes arquetípicas. Para essa discussão, utilizamos textos de autores da contemporaneidade que tratam do assunto, por exemplo, Cláudio Paolucci, discípulo direto de Umberto Eco que trás contribuições interessantes sobre o tema. Também aqui discutimos e apresentamos a guerrilha semiológica proposta por Eco como sendo uma possível maneira de lutar contra a massificação estabelecida através dos canais de comunicação.

No capítulo quatro apresentamos o conceito de paranoia e discutimos como essa patologia está diretamente conectada com o funcionamento da mídia de massas. Utilizamos aqui, mais uma vez as ideias de C. G. Jung e adicionamos autores como James Hillman e Luigi Zoja, que tratam do tema a partir de uma perspectiva da psicologia coletiva e que, por isso, são importantes para costurarmos nossas ideias com o campo da comunicação. Encontramos reflexões diretas sobre a paranoia como um problema comunicacional principalmente com Clemens Apprich e colaboradores que propõem, inclusive, a ideia da paranoia como método para estudos da comunicação. Neste capítulo também exploramos as definições de algoritmo mais fundamentais e de como eles se conectam com os temas do fascismo e da paranoia.

Por último, no quinto capítulo, mostramos como o estabelecimento de um estado coletivo paranoico está na base da estruturação de uma sociedade fascista e apresentamos, finalmente, nossa definição geral ampliada do fascismo. Expandindo o que foi proposto por Umberto Eco sobre a guerrilha semiológica, declaramos o nosso manifesto da guerrilha simbólica como uma possibilidade para o estabelecimento de comportamentos e ações que levem ao desenvolvimento de pensamento crítico e reflexivo e da vida simbólica, o que seria, em nossa opinião, o contrário do fascismo.

CAPÍTULO I – FASCISMO: É POSSÍVEL CHEGAR A UMA DEFINIÇÃO?

“Foi o próprio Poder - através do desenvolvimento da produção de bens de consumo, da moda, da informação (sobretudo, de forma imponente, a televisão) - que criou tais valores...”

Pier Paolo Pasolini

1.1 O Fascismo Atemporal

Sempre que se discute o fascismo, parece haver um problema sério quanto à sua definição conceitual e histórica, não apenas do ponto de vista político, mas também em torno de suas bases filosóficas (Bataille; Lovitt, 1979). São muitos os autores que falam sobre o assunto, eles continuam se multiplicando e isso acaba sendo somado a um problema contemporâneo específico, pois o termo tem sido popularmente usado como referência para qualquer tipo de comportamento totalitário e até mesmo como um insulto em muitos casos diferentes (Cortez; Santos; Biar, 2020; Strick, 2021). Há também uma miríade de termos que têm o fascismo como núcleo e base de suas definições, por exemplo, nazifascismo, pós-fascismo, neofascismo, antifascismo e afascismo (Filippi, 2020). Uma expressão que vem se tornando popular é tecnofascismo, mas, por mais interessante que a palavra seja, após uma pesquisa minuciosa por trabalhos acadêmicos, podemos afirmar que seu uso parece incorrer no mesmo problema que todos os outros: a expressão passou a ser utilizada de uma maneira acusatória e, na maioria das vezes, os textos não trazem definições claras do conceito. Aproveitamos então a oportunidade para fazer isso, buscando a sua origem. Pelo que foi possível encontrarmos em nossa pesquisa, o termo foi introduzido por Janis Mimura seu livro *Planning for Empire: Reform Bureocrats and the Japanese Wartime State*, publicado em 2011. Mimura define tecnofascismo a partir de uma perspectiva histórica do Japão que percorre o período entre os anos de 1930 a 1945. Podemos encontrar nas palavras do próprio autor:

Como um modo de política, o tecnofascismo representava uma nova forma de governo autoritário em que o estado ‘totalitário’ é fundido com as agências de planejamento militar e burocrático e controlado por tecnocratas. Não significou nem a ascensão do militarismo nem a reafirmação do governo militar-burocrático tradicional, mas sim a ascensão de um novo grupo de líderes tecnocráticos que operavam no coração do sistema de guerra. Como outras visões e programas fascistas japoneses promovidos por jovens oficiais radicais e ativistas de direita, o tecnofascismo abraçou um governo estreito e autoritário; uma forma de economia dirigida pelo estado; e uma ideologia étnica chauvinista e centrada na comunidade que foi usada para justificar a

guerra e a expansão imperialista. Em contraste com outras visões e programas fascistas, no entanto, o tecnofascismo apelou para profissionais da esquerda e da direita. Ela desviou questões distributivas sensíveis sobre vencedores *versus* perdedores, custos *versus* benefícios e fins *versus* meios, prometendo maior produtividade, eficiência e co-prosperidade por meio de tecnologia superior, organização e espírito nacional⁴ (Mimura, 2017, p. 4, tradução nossa).

Sua visão pode ser comparada e atualizada de várias maneiras para os fenômenos da contemporaneidade, mas, em suma, não nos parece acrescentar nada de muito novo no que diz respeito ao fenômeno principal que propomos estudar em nossa pesquisa, o qual poderíamos enxergar como sendo o núcleo fundamental e arcaico por trás de todas as formas, sejam elas novas ou antigas, de manifestação do fascismo.

Embora não seja necessário que o debate proposto no presente texto se aprofunde nas definições de cada um desses conceitos, sua mera existência já é um argumento para a atemporalidade da existência do fascismo como algo que subjaz à consciência humana, ainda que o movimento só tenha ganhado esse nome no início do século XX. Como o fascismo trazia em sua definição naquela época, entre outras características fundamentais, a ideia de um resgate de valores tradicionais do passado da cultura italiana (Mussolini, 1936), sua construção se deu com base em ideias e comportamentos que existiam antes de sua nomeação como forma de sistema de governo, caracteriza-se, portanto, por valores historicamente enraizados na sociedade. Como afirma Jan Nelis:

O fascismo, em alto grau uma criação de Mussolini, era em certo sentido uma ideologia moderna que olhava para o futuro, mas ao mesmo tempo olhava para um passado romano idealizado. Isso criou um campo de tensão que forneceu ao fascismo muito de sua dinâmica, bem como de sua atração⁵ (Nelis, 2007, p. 393, tradução nossa).

Para termos uma visão minimamente organizada do pensamento fascista, é necessário estabelecer algumas categorias de comportamento que sirvam de base para a análise e

⁴ No original: As a mode of politics, techno-fascism represented a new form of authoritarian rule in which the “totalist” state is fused with the military and bureaucratic planning agencies and controlled by technocrats. It signified neither the rise of militarism nor the reassertion of traditional military-bureaucratic rule, but rather the ascendance of a new group of technocratic leaders who operated at the heart of the wartime system. Like other Japanese fascist visions and programs advanced by radical young officers and right-wing activists, techno-fascism embraced narrow, authoritarian rule; a form of state-directed economy; and an ethnic chauvinist, community-centered ideology that was used to justify war and imperialist expansion. In contrast to other fascist visions and programs, however, techno-fascism appealed to professionals on the left and right. It deflected sensitive distributional issues.

about winners versus losers, costs versus benefits, and ends versus means by promising increased productivity, efficiency, and co-prosperity through superior technology, organization, and national spirit.

⁵ No original: Fascism, to a high degree Mussolini's creation, was in a certain sense a modern ideology which looked at the future, but at the same time looked back at an idealized Roman past. This created a field of tension that provided Fascism with much of its dynamic as well as its attraction.

ampliação do surgimento, ressurgimento e atualização dessas atitudes na contemporaneidade. Muitos cientistas políticos tentaram estabelecer, ao longo da história, sistemas que pudessem servir como chave de compreensão do fascismo; no presente trabalho, utilizamos aquilo que foi proposto na década de 1990 por Umberto Eco (Eco, 2020; 2021). Embora o autor não seja propriamente um cientista político, ele transitou de maneira multidisciplinar pelos acontecimentos históricos e, sendo importante na área dos estudos em comunicação, é alguém que traz profundidade ao fenômeno que estudamos nessa pesquisa.

Essa escolha também se justifica pelo fato de que, a partir do que é proposto pelo autor como Ur-fascismo, ou fascismo eterno, características nucleares do pensamento fascista podem se manifestar a qualquer momento, sendo atualizadas apesar de carregarem em seu cerne, de maneira fundamental, os mesmos valores psicossociais originais. O conceito de Ur-fascismo se refere a um fascismo arcaico e original que continua a existir potencialmente sempre na psique humana coletiva. Por isso, acreditamos também que um pequeno ajuste seja necessário e, apesar de o autor utilizar a expressão eterno, optamos por substituí-la por atemporal. Acreditamos que dessa forma deixamos claro que, em nossa visão, o fascismo não precisa necessariamente se manifestar para todo o sempre. Sua reaparição poderá ser impedida se estivermos fazendo criação de consciência sobre o fenômeno, o que nos forneceria capacidade reflexiva suficiente para escolher a melhor maneira de agir e antecipar ao aparecimento de tendência fascistas. De qualquer forma, atualmente podemos afirmar que essas ideias e comportamentos podem ressurgir conforme as possibilidades e condições ambientais, sociais e econômicas, e consequentemente das necessidades adaptativas exigidas no momento histórico.

Wilhelm Reich (1988) aponta um fator que normalmente não é citado pela maioria dos autores que trata do fascismo, mas que, segundo ele, é de extrema importância para a compreensão do fenômeno; o elemento místico e religioso que ele carrega. Porém, iremos concentrar agora nas ideias de Umberto Eco e retomaremos o pensamento de Reich mais adiante no texto.

1.2 As propriedades do Ur-fascismo

Umberto Eco defende que o fascismo era fundamentalmente incoerente e marcado por uma desconexão ideológica, diferente do movimento nazista que, como primo distante do fascismo, continha uma agenda específica e bem determinada. O autor afirma: “Mas era um ‘desconjuntamento ordenado’, uma confusão estruturada. O fascismo não tinha bases filosóficas, mas do ponto de vista emocional era firmemente articulado a alguns arquétipos”

(Eco, 2021, p. 39). Faz todo sentido que o autor utilize a conexão entre emoção e o funcionamento arquetípico do fascismo porque, de acordo com a nossa tese principal, o movimento está diretamente ligado a uma ou mais irrupções de imagens arquetípicas, como veremos no decorrer do trabalho.

Eco então elenca 14 características fundamentais que permitem o reconhecimento do comportamento fascista e diz: “Tais características não podem ser reunidas em um sistema; muitas se contradizem entre si e são típicas de outras formas de despotismo ou fanatismo. Mas é suficiente que umas delas se apresente para que se forme uma nebulosa fascista” (Eco, 2021, p. 44).

Abaixo apresentamos uma breve descrição dessas características. Para algumas delas, não é necessário um esforço muito grande para perceber como podemos encontrá-las manifestadas na contemporaneidade em comportamentos e declarações de figuras políticas ou públicas e até mesmo em nossos entornos relacionais mais afastados ou mais próximos. Porém, com o intuito de iniciar uma reflexão que nos ajude a posicionar mais claramente a manifestação dessas ideias na atualidade, adicionamos em nosso texto expressões e ampliações que trazem uma linguagem atual que acreditamos auxiliar na compreensão e organização dessas ideias, traduzindo, de certa forma, as ideias de Umberto Eco para a nossa realidade mais presente. Partimos das ideias do autor, mas tentamos ir além; no item subsequente, iremos apresentar exemplos dessas manifestações.

1 – “Culto da tradição” (Eco, 2021, p. 44); isso é caracterizado pelo sincretismo cultural, mesmo com o risco de contradição interna (traço que, como veremos, irá se repetir se mostrando como uma característica nuclear do fascismo). É declarado pela liderança do movimento que toda a verdade já foi revelada pela tradição, dessa forma, nenhum novo aprendizado pode ocorrer. Se for realmente necessário que algum fenômeno seja explicado e compreendido pela massa, isso será feito apenas através de uma interpretação e refinamento adicionais, mas sempre com base nas ideias e ideais tradicionais pré-concebidos e declarados pela liderança. Na contemporaneidade, podemos traçar um paralelo com o conceito de pré-verdade proposto por Cláudio Paolucci (2023). O autor afirma que a informação divulgada serve apenas para confirmar as crenças e pré-conceitos dos usuários. Como daremos destaque a esse conceito com mais profundidade no trabalho, deixamos, nesse momento, apenas essa indicação. Porém, podemos afirmar já que esse é um dos mecanismos utilizados pelo jogo político tradicionalista. Através de ataques diretos à diversidade e da busca pelo resgate de valores considerados tradicionais, a extrema-direita procura angariar mais e mais seguidores que não conseguem, por

seus próprios pré-conceitos individuais baseados em estereótipos, aceitar e fomentar a alteridade.

2 – “Recusa da modernidade” (Eco, 2021, p. 46); qualquer tipo de desenvolvimento e esclarecimento que discordem do que é estabelecido pela liderança são vistos como rebaixamento, regressão e depravação. Mas isso não se aplica ao crescimento do poder industrial – na contemporaneidade, podemos pensar no sistema de pensamento neoliberal que prega produção e consumo como modo de vida como um desdobramento disso –, pois os fascistas insistem na ideia de que a indústria é importante para o regime e para o crescimento do país. Novamente, e como vai acontecer com a maioria de suas ideias, podemos enxergar a contradição: é verdade que eles se autodenominam modernistas, mas apenas no sentido de crescimento e desenvolvimento industrial, qualquer coisa fora dessa área é condenada pela liderança. Algo novo só será aceito se servir aos ideais tradicionalistas do regime. Existe uma adoração pela tecnologia e pelo seu desenvolvimento, desde que isso sirva aos propósitos do regime. Ou seja, o discurso fascista é a favor do desenvolvimento, mas a tecnologia deve servir para manter a população sob o controle da liderança. Janis Mimura afirma sobre a manifestação do fascismo no Japão:

Modernidade significou não apenas a chegada da máquina, mas também a aplicação de seus princípios à sociedade em geral. A tecnologia representava uma nova forma de racionalidade técnica expressa na linha de montagem em massa, na corporação e na grande e complexa burocracia. Tecnologia pode ser definida como a aplicação da ciência à vida diária por meio dos processos duais de especialização e integração⁶ (Mimura, 2017, p. 10-11, tradução nossa).

Umberto Eco afirma, ainda explicando essa característica, que é possível enxergar aqui o irracionalismo fascista, que está conectado também com o próximo item da lista.

3 – “Culto da ação pela ação” (Eco, 2021, p. 47); este princípio dita que a ação tem valor em si mesma e deve ser tomada sem nenhuma reflexão intelectual. As pessoas devem seguir apenas o que é determinado pela liderança sem nenhum tipo de questionamento. Há uma abundância de anti-intelectualismo e irracionalismo, frequentemente manifestados em ataques à cultura, à ciência moderna ou a qualquer tipo de mudança do sistema de pensamento. Se algo é aceito pelo regime, então deve ser aceito pelo povo. Caso surja algo, uma ideia ou

⁶ No original: Modernity meant not only the arrival of the machine, but also the application of its principles to society at large. Technology represented a new form of technical rationality expressed in the mass assembly line, the corporation, and the large, complex bureaucracy. It can be defined as the application of science to daily life by means of the dual processes of specialization and integration.

comportamento que não é aceito pela liderança do regime, todos são responsáveis por atacar aquilo em defesa dos valores tradicionais ditados pela liderança.

Para conectar os dois últimos itens apresentados, acreditamos ser importante trazer para a discussão o papel que teve no processo de construção do pensamento e da propaganda fascista o autor do texto *Fondazione e Manifesto del Futurismo*, Filippo Tomaso Marinetti. O manifesto foi publicado originalmente em 1909, depois, várias publicações complementares seguiram trazendo tentativas de adequações e transformações futuristas da cultura italiana em geral. As iniciativas futuristas de Marinetti tiveram larga perspectiva política que influenciaram e auxiliaram Mussolini no estabelecimento do regime. O professor e pesquisador da história italiana, Ernesto Ialongo, mostra que Marinetti não foi apenas oportunista em sua transformação em um dos maiores apoiadores do movimento fascista, suas ideias, na verdade, foram determinantes para que Mussolini obtivesse sucesso. Ialongo afirma:

Marinetti apoiou tanto os objetivos da autarquia econômica quanto cultural para fortalecer a Itália. Novamente, isso não era novidade, mas uma realização das ideias futuristas dentro do fascismo. Desde 1909, Marinetti buscava quebrar a dependência da Itália do comércio turístico e encorajar uma maior industrialização⁷ (Ialongo, 2013, p. 405, tradução nossa).

O papel de Marinetti na construção de uma ideologia fascista foi fundamental para que o pensamento da liderança fosse aceito e disseminado pela sociedade italiana. Mais do que isso, era importante que a juventude respondesse aos apelos de mudança ditados pelo futurismo, assim ela se tornaria a força principal para a expansão imperialista desejada por Mussolini. O plano de Marinetti foi muito bem elaborado, e Mussolini percebeu sua potência, não só declarando que suas ideias eram inspiradoras, mas também o enviando como representante da cultura fascista para disseminar o pensamento do regime em outros países. Marinetti esteve no Brasil na década de 1920, em São Paulo, e foi recebido, numa visita, com legumes podres atirados ao palco por estudantes que nem permitiram que ele falasse. Porém, numa outra oportunidade, foi ovacionado pelos integralistas (Brito, 2004). Se prestarmos atenção no caminho que Marinetti cursou durante o estabelecimento e crescimento do regime, podemos fazer um paralelo com o que aconteceu coletivamente na Itália; os valores fascistas, existindo em potencial, só precisavam ser provocados para irromper na sociedade e cultura italiana. De acordo, mais uma vez, com Ernesto Ialongo:

⁷ No original: Marinetti supported both the goals of economic and cultural autarchy to strengthen Italy. Again, this was not new, but a fulfilment of Futurist ideas within Fascism. Since 1909, Marinetti had sought to break Italy's dependence on the tourist trade and to encourage further industrialization.

No final da década de 1930, Marinetti havia adquirido o que sempre quis, um claro reconhecimento de que o futurismo era parte integrante do regime fascista. E, assim como Mussolini o rotulou, ele agora era visto por muitos como simplesmente um ‘fascista fervoroso’, um funcionário do regime. E assim a transformação estava completa, de Marinetti, o futurista, para agora, simplesmente, Marinetti, o fascista⁸ (Ialonga, 2013, p. 412, tradução nossa).

4 – “Discordância ou desacordo é traição” (Eco, 2021, p. 49); o discurso intelectual e o raciocínio crítico são considerados barreiras à ação (pela ação). Qualquer um que questione ou desafie o pensamento estabelecido é considerado traidor e deve ser doutrinado ou punido automaticamente (na maioria das vezes, ambos). O exercício ou desenvolvimento de capacidade reflexiva pelo povo não é algo desejado pela liderança do regime. Como veremos, quando trouxermos a paranoia como a condição coletiva da contemporaneidade, veremos como qualquer tipo de discussão e reflexão que poderia, mesmo que apenas potencialmente, levar a transformações e mudanças de ideias, são veementemente evitadas ou rechaçadas pela maioria das lideranças políticas da atualidade. Desacordo pode ser um instrumento para o avanço dos conhecimentos, por isso, descobertas científicas, por exemplo, só podem ser validadas se concordarem com os objetivos do regime fascista.

5 – “O Ur-fascismo é racista por definição” (Eco, 2021, p. 50); existe aqui o medo da diferença que se manifesta como racismo, e a principal forma de promover e aumentar esse medo é por meio da propaganda. No caso do fascismo, o objetivo é criar e reforçar esse comportamento por meio de discursos racistas, muitas vezes direcionados a imigrantes, estrangeiros, religiões não reconhecidas pela liderança e quaisquer outras minorias que sirvam a esse propósito. Qualquer coisa que seja considerada diferente pelo pensamento hegemônico imposto pela liderança é usada como objeto de depósito do medo, da culpa e do mal, exatamente como acontece com o mecanismo do bode expiatório (Girard, 2020). É possível fazer isso através da propaganda, pois as pessoas, em geral, não têm informações suficientes sobre os fatos, tendem assim a acreditar cegamente no que é divulgado pela liderança que controla os meios de comunicação. As estratégias populistas de comunicação são reducionistas e pautadas numa estereotipia midiática. Como afirma Claudio Paolucci (2023), na sociedade midiática é praticamente impossível escaparmos da invasão de estereótipos. Portanto, nesse caso, torna-se uma questão estratégica para a política em geral utilizar isso a favor dos interesses do partido. Como o pensamento fascista é inescrupuloso e direcionado à busca incessante pelo poder

⁸ No original: By the end of the 1930s Marinetti had acquired what he had always wanted, a clear recognition that Futurism was an integral part of the Fascist regime. And, just as Mussolini had labelled him, he was now seen by many as simply a ‘fervent Fascist’, a functionary of the regime. And thus the transformation was complete, from Marinetti the Futurist to now, simply, Marinetti the Fascist.

absoluto, o uso ideológico da manutenção e criação de estereótipos, que sirvam aos seus propósitos, é parte importante da estratégia.

6 – “Frustração individual ou social” (Eco, 2021, p. 50): historicamente, quando o fascismo surge a classe média constituía a maior parte da população, por isso, era importante que a liderança fascista ganhasse seu apoio para chegar ao poder e fazer sua manutenção. A melhor forma de fazer isso era por meio de suas frustrações econômicas e pelo medo do crescimento das classes mais baixas que, dessa forma, ameaçariam sua posição. Enquanto isso, em sua contradição, o regime prometia proteger aqueles que já detinham poder econômico e ajudar no crescimento daqueles que se encontravam nas classes econômicas mais baixas. Isso não parece muito diferente quando olhamos para a situação atual. O tamanho e a classificação das classes podem variar durante o tempo, porém, para que um partido fascista consiga alcançar o poder, é preciso ganhar o apoio da maioria da população. A melhor maneira de fazer isso parece ser através de discursos contraditórios que atinjam as diferentes classes de acordo com seus interesses específicos; mesmo que isso seja incoerente, a ilusão de salvação parece atuar aqui de maneira preponderante. Assim, cada um acredita naquilo que pode acreditar e, mesmo que surjam fatos que mostrem a contradição, eles serão descartados como notícias falsas e mentiras.

7 – “Obsessão da conspiração” (Eco, 2021, p. 51): outra forma de manter as mentes dos indivíduos ocupadas é por meio da disseminação massiva de teorias da conspiração insolúveis. Isso garante uma circularidade de pensamento que não leva a nenhum tipo de pensamento ou reflexão criativos. Essa é uma parte essencial da estratégia para manter o controle das massas e, geralmente, é alcançada também através do ataque às minorias, pois elas se tornam o objeto de depósito de fantasias conspiratórias. Instigar a desconfiança mina a possibilidade de uma união social que seja composta por indivíduos que pratiquem sua capacidade reflexiva; o que impera é a necessidade de acabar com os inimigos. Aqui, mais uma vez, os meios de comunicação são essenciais para que o partido fascista alcance seus objetivos. É através dos canais midiáticos que teorias da conspiração podem ser disseminadas e, na contemporaneidade, em hipervelocidade.

8 – “Os inimigos são ao mesmo tempo fortes demais e fracos demais” (Eco, 2021, p. 52): mais uma contradição que ajuda a criar confusão e reforça o impedimento do exercício do pensamento crítico, o que resulta na facilidade para manipular emoções. O medo exagerado e a coragem para ultrapassar isso leva mais uma vez à ação irrefletida. A liderança quer fazer o povo acreditar que os inimigos são mais fortes porque têm mais acesso a alimentos, assim como estão sempre em melhor situação econômica. Ao mesmo tempo, são considerados fracos o

suficiente para serem derrotados pelos fascistas. Na contemporaneidade, através do pensamento neoliberal, podemos atualizar essa noção com disseminação do ideal do empreendedorismo individual. Aparentemente e ilusoriamente, cada indivíduo tem a chance de se tornar bem-sucedido financeiramente, porém, na prática, sabemos que somente alguns poucos conseguem alcançar tal objetivo. É também essa ilusão que faz a manutenção circular do sistema de produção e consumo capitalista.

9 – “A vida é uma guerra permanente” (Eco, 2021, p. 52): para a manutenção de um sistema totalitário fascista, é necessário manter uma situação de tensão e alerta constantes entre a população. Todos precisam estar sempre preparados para a ação e qualquer tipo de pacifismo é considerado um conluio com o inimigo. Mas, novamente contraditoriamente, precisa haver a ideia de que após uma grande batalha final, a paz seria alcançada. Essa batalha, porém, nunca chega, porque a cada conquista do regime um novo inimigo é criado, juntamente com novas fantasias persecutórias. A confirmação dessa afirmativa pode ser observada na corrida armamentista que se repete historicamente entre pequenos períodos de paz. Isso também se reflete na necessidade individual de se defender contra inimigos e invasores locais. Enquanto Jair Bolsonaro foi presidente do Brasil, houve várias tentativas de armar a população; isso movimentou a indústria bélica e o mercado de armamentos.

10 – “Desprezo pelos fracos” (Eco, 2021, p. 53), aqueles que pertencem ao grupo são considerados superiores a qualquer forasteiro. E dentro do grupo também há uma hierarquia muito bem estabelecida, na qual cada pessoa precisa olhar para seu subordinado como se fosse mais fraco. Essa cadeia de comando reforça o elitismo da massa, com todos usando seus pequenos poderes para manter, na verdade, a grande liderança governando com poder absoluto. Essa é uma ideia que, embora seja muitas vezes dissimulada na contemporaneidade, pode facilmente ser encontrada nas grandes corporações onde uma elite comanda a grande massa que trabalha pelo crescimento da instituição, mas que, com o surgimento de crises, é o extrato que mais sofre com perdas e demissões. O mais aterrador pode ser perceber que existe por trás desse fenômeno uma eugenia, algumas vezes declarada, outras vezes dissimulada; as pessoas das classes mais baixas são consideradas inferiores de nascença.

11 – “Cada um é educado para tornar-se um herói” (Eco, 2021, p. 54): essa educação também leva ao culto e, de certa forma, desejo de uma morte heroica em favor das massas. Todos devem se identificar com o herói mítico; essa é a norma do regime fascista. Poderíamos, portanto, também chamar esse princípio de culto à morte, pois se ele vier de ações que defendam o regime, será considerado heroico. Temos aqui uma identificação patológica com a imagem do herói mítico, porém manipulada, por interesses políticos. Dentro do movimento neoliberal,

isso vira, por exemplo, um ideal de sacrifício da própria vida pelo dinheiro, o que toma novas proporções na sociedade midiática digital com o advento da busca pela vida espetacular publicada na internet, principalmente nas redes sociais.

12 - “Machismo” (Eco, 2021, p. 54): os homens (na liderança) determinam os papéis de todos os participantes de acordo com o gênero. Dessa forma, as mulheres têm papéis específicos sob controle patriarcal. O homossexualismo ou qualquer outro tipo de identificação de gênero que não esteja de acordo com a heteronormatividade não são tolerados. Dentro de uma visão psicanalítica ortodoxa, a libido sexual é transferida para a guerra, e as armas, assim como objetos e ações fálicos, tornam-se substitutos simbólicos do pênis e da potência sexual (Reich, 1988). Existe, então, um reforço da visão binária e maniqueísta: só pode haver o bem e o mal, e nenhum tipo de variação, graduação ou relativização disso é aceita. Da mesma maneira, só pode haver dois sexos e quaisquer outras identificações de gênero que não sejam as pré-definidas biologicamente – o que também parte de uma falsa premissa considera científica – não podem ser aceitas. Isso pode parecer uma questão específica, mas revela uma visão de mundo que sustenta o fascismo: tudo é dividido e visto de maneira binária e essa é uma característica do rebaixamento cognitivo e da incapacidade de reflexão crítica.

13 – “Populismo qualitativo” (Eco, 2021, p. 55): o líder se apresenta como o intérprete da vontade popular (embora ele, acompanhado da elite do regime, a dite). Devido ao poder investido pelas massas no líder, quaisquer decisões que ele tome são consideradas soberanas, mesmo que sejam contraditórias. As pessoas são transformadas em *pars pro toto*, servindo apenas para cumprir seus papéis definidos pela liderança. Aqui também encontramos a reação emocional explorada pelo populismo da mídia de massa. O efeito de massa só pode ser alcançado por meio de diferentes formas de disseminação de propaganda pela mídia, isso é verdade para qualquer estratégia de manipulação de massa. Um destaque para o que ocorre atualmente é que podemos observar que há cada vez menos necessidade de as pessoas se reunirem fisicamente em lugares específicos, esse efeito pode ser alcançado facilmente por meio da mídia digital.

14 – “Novilíngua” (Eco, 2021, p. 58): o fascismo emprega e promove um vocabulário empobrecido para limitar o raciocínio crítico. Para descrever isso, Umberto Eco usa a expressão criada por George Orwell em seu livro 1984. Ainda que, na realidade concreta, não seja uma linguagem nova, o uso de expressões vulgares e reducionismos em discursos políticos atendem ao mesmo propósito mencionado no item anterior: excitar reações emocionais e irrefletidas. Quanto menos a população puder aprofundar o pensamento crítico, melhor para a liderança permanecer no poder, portanto, é importante para o fascismo que o povo não saiba se comunicar

profundamente; a comunicação fica, portanto, prejudicada. O uso de palavras de ordem, neologismos, bordões e estereótipos resultam numa redução da comunicação; não há necessidade de interpretação porque o significado da mensagem já está determinado pelo próprio emissor. Byung-Chul Han reafirma essa ideia na atualidade quando fala sobre o regime da informação: “Cria-se uma linguagem, uma ‘novilíngua’ que consolida a mentira total. O vocabulário é radicalmente reduzido, e *nuances* linguísticas são aniquiladas para impedir pensamentos diferentes” (Han, 2022, p. 92).

1.3 Da *romanità* de Mussolini ao neoliberalismo

Ainda em busca de uma ideia mais clara do que é o fascismo e, em meio a uma grande confusão de nomes e definições que podemos encontrar sobre o termo, descobrimos até mesmo autores que o consideram como um movimento que tem suas origens na ala esquerda da política. Essa ideia é fundamentada com o argumento de que Benito Mussolini estudou profundamente as ideias marxistas antes de se tornar o maior líder da história do movimento fascista na Itália (Gregor, 2021). No entanto, para a maioria dos estudiosos em estudos políticos, é considerado óbvio que o fascismo é um movimento de ultradireita (Eco, 2021; Forchtner, 2019; Kølvråa; Forchtner, 2019). Por trás dessa miscelânea de ideias e tentativas de definir o que é o fascismo em sua essência, há o que revela algo que já foi apontado por Umberto Eco quando o autor afirmou: “Ao contrário, o fascismo não continha nenhuma quintessência, e nem mesmo uma única essência. O fascismo era um totalitarismo *fuzzy*. O fascismo não era uma ideologia monolítica, mas antes uma colagem de diversas ideias políticas e filosóficas, um alveário de contradições” (Eco, 2021, p. 32). A *romanità* inventada por Mussolini era muito mais um nome para suas próprias ideias sobre a história do que contavam os fatos em si. Como sempre foi característico de seu movimento, ele mudaria sua visão e discurso filosóficos, assim como sua maneira de agir concretamente para alcançar e manter o poder sob sua liderança. Por exemplo, o expansionismo sempre foi considerado importante para o regime, mas a maneira como ele falou sobre isso mudou ao longo dos anos de acordo com seus interesses políticos. A princípio, seu discurso defendia o expansionismo pacífico, mas depois a agressividade e a violência tiveram de fazer parte do processo. O apelo ao passado romano produziu um efeito místico e mítico, trazendo a ideia de que o movimento fascista era o herdeiro de um grande passado. O uso de uma identificação religiosa no movimento parecia ter sido deliberado e calculado friamente por Mussolini:

Uma herança quase mítica de um passado distante poderia contribuir para essas aspirações, poderia ‘naturalizar’ o fascismo em certo sentido. Ao retratá-

lo como descendente de um grande passado, o fascismo elevou-se a um nível mítico, mas, por sua vez, influenciou a antiguidade clássica, que em alguns casos se tornou mais religiosa do que supostamente era. Mussolini certamente não era estranho a esse conceito⁹ (Nelis, 2007, p. 413, tradução nossa).

Pode-se ver então que, no cerne de sua estruturação, o fascismo, conforme criado por Benito Mussolini, não tem um código fundamental de valores e uma agenda definida. É por isso que, ao longo da história, ele pôde tornar-se tão fluido e adaptável, sendo capaz de emergir repetidamente em novas formas e expressões ao longo do tempo (Pasolini, 2018; Strick, 2021). Esta é, para nós, umas das principais razões para usarmos as características descritas por Umberto Eco como ponto de partida e justificarmos o uso do termo para definir o que traremos, mais à frente em nosso texto, como sendo aquilo que caracterizamos como fascismo algorítmico. Eco descreve classes de comportamentos fluidos que podem ser revistos, expandidos e atualizados de acordo com o momento histórico. Outras formas de totalitarismo carregam em seu cerne ideias rigidamente estabelecidas, enquanto o fascismo, por não ter uma agenda essencial em termos de valores filosóficos, pode ser adaptado o tempo todo de acordo com a vontade e os objetivos daqueles que buscam o poder por meio desse sistema de pensamento e, conseqüentemente, de governo. Uma coisa, pelo menos, é certa, a necessidade de manter uma característica que se mostra essencial para o movimento: a massificação.

Atualmente, como afirma Simon Strick: “O fascismo forma uma matriz ideológica altamente flexível que se adapta aos tempos, aos meios de comunicação, aos contextos e às condições sociais em mudança¹⁰” (Strick, 2021, p. 110, tradução nossa). Portanto, ambos os autores, Eco nos anos 1990 e Strick nos dias atuais, parecem concordar com a capacidade de mutação e adaptação do fascismo, seja de maneira consciente por parte de lideranças políticas que buscam o poder ou simplesmente pelo efeito massificante inconsciente que essas ideias podem suscitar.

Portanto, a transformação dos indivíduos em partes massivas de um mecanismo que os faz desaparecer na multidão, ou seja, a morte da individualidade e das idiossincrasias e a dissolução de qualquer característica pessoal naquilo que é considerado fundamental para o grupo, são características essenciais para o estabelecimento e manutenção do fascismo (Reich, 1988; Rosenberg, 2012). Cada pessoa só pode existir em um regime fascista como uma unidade

⁹ No original: A quasi-mythical heritage from a faraway past could contribute to these aspirations, could “naturalize” Fascism in a certain sense. In portraying it as the descendant of a great past, Fascism raised itself to a mythical level, but in turn, influenced classical antiquity, which in some cases became more religious than it supposedly was. Mussolini was certainly no stranger to this concept.

¹⁰ No original: Faschismus bildet eine hochflexible ideologische Matrix, die sich veränderten Zeiten, Medien, Kontexten und Gesellschaftsbedingungen gestaltwandelnd anpasst.

produtora que contribui para a manutenção do próprio sistema. Claro que isso não é diferente em outros regimes totalitários, por exemplo, no caso dos sistemas políticos comunistas. A dialética entre comunismo e fascismo parece ser um problema eterno e justificável, porque os dois sistemas de pensamento estão entrelaçados em posições opostas extremas. Um dos motivos disso ser assim é o fato de que ambos os movimentos surgiram da crise da democracia que cresceu com a Primeira Guerra Mundial. Para a análise aqui proposta, o mais importante é o fenômeno da massificação, algo que ambos os regimes têm em comum, mas com justificativas diferentes para cada caso. Como este texto não se concentra nessa discussão, apenas como exemplo dessa distinção, pode-se dizer que o movimento fascista estava focado em uma sociedade orgânica determinada por valores do passado, enquanto o comunismo buscava um futuro determinado e governado pelas classes trabalhadoras unidas (Furet; Nolte, 2001). No caso do fascismo, a liderança é declaradamente considerada portadora da verdade, enquanto no comunismo a verdade vem diretamente do povo; e a liderança, teoricamente, deveria aceitá-la. Outra diferença fundamental é que, para o regime comunista, não havia possibilidade de acordo com nenhum tipo de tendência neoliberal, o que também era verdade no início do movimento fascista. Porém, acordos com características liberais se tornaram aceitáveis no regime fascista, desde que servissem aos propósitos da liderança de Benito Mussolini e seus companheiros (Bosworth, 2021; Pine, 2019).

Retornando ao fenômeno da massificação como uma das características fundamentais do fascismo e a mais importante para a nossa análise, basicamente podemos dizer que essa é uma situação em que não se pode, por vários motivos diferentes, levar adiante as próprias ideias. Cada pessoa deve, ao máximo, ser podada de sua criatividade, a não ser que ela sirva para a manutenção do próprio movimento de massa e, ainda assim, somente os líderes detém esse direito. Deve-se simplesmente seguir a corrente do que é melhor para a comunidade, sem questioná-la. Segundo o próprio Benito Mussolini (1936), na verdade, o que ocorre é que as ideias do indivíduo precisam coincidir com as do coletivo, caso contrário, essa pessoa não poderia fazer parte do corpo coeso que defende sua própria soberania, que está, naturalmente, depositada na figura do líder. Não se pode esquecer que as ideias coletivas são, na verdade, definidas pela liderança fascista de forma hierárquica, e não pelo povo (Furet; Nolte, 2001). O alto comando é responsável por tomar decisões e apontar os caminhos em direção aos valores sociais, culturais, políticos e econômicos do grupo (Reich, 1988). Embora a imposição dessa dinâmica esteja presente em todo sistema fascista, o indivíduo precisa ter a ilusão de que a escolha de permanecer nessa situação é feita por ele mesmo através de um exercício de

liberdade. Mas o que acontece aqui é uma transferência de responsabilidade pela própria existência, bem como pelas próprias escolhas, para a figura de liderança.

Embora isso possa parecer positivo em muitos aspectos, trazendo, por exemplo, um sentimento de pertencimento social, esse mecanismo se baseia no rebaixamento da consciência que resulta na irrupção de conteúdos inconscientes; a capacidade crítica reflexiva é também diminuída, o que resulta em explosões de comportamentos considerados patológicos, tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo. O que acontece, do ponto de vista psicológico, é uma invasão da irracionalidade negada e empurrada para o inconsciente que precisa ser confirmada de maneira coletiva. Como afirma C. G. Jung:

Uma vez que essa função passe para o inconsciente, sua ação torna-se tão devastadora e irresistível como uma doença incurável, cujo foco não pode ser extirpado, porque é invisível. E isso compele o indivíduo ou o povo a viver a irracionalidade. Não só a vivê-la, como a aplicar todo o seu idealismo, todo o seu engenho para tornar a loucura da irracionalidade tão perfeita quanto possível (Jung, 2011f, p. 107).

O fascismo carregava em seu cerne uma crítica a uma democracia destruída, distorcida e corrupta (Furet; Nolte, 2001), portanto, o regime pregava a restauração de uma sociedade democrática de acordo com o que Mussolini pensava sobre o tema. No entanto, quando ele usava a história romana como exemplo a ser seguido, como mencionado anteriormente, os valores de sua *romanità* eram, em grande parte, suas próprias invenções (Nelis, 2007). Em teoria, portanto, era necessário confiar no povo e em sua capacidade de discernimento para que o regime tivesse sucesso, embora, na prática, as decisões fossem tomadas por meio de uma rígida cadeia hierárquica de comando. Aqui encontramos um dos pontos principais de convergência entre uma análise psicológica e as ideias da teoria da comunicação sobre o fenômeno, conexão que será mais bem explorada no decorrer deste trabalho. Nas palavras de Umberto Eco: “Quando a mídia de massa triunfa, o ser humano morre” (Eco, 1986, p. 136), e a massificação através do uso da mídia está na raiz do estabelecimento e posterior tentativas de manutenção do fascismo. Malena Contrera explica esse fenômeno:

O advento da Internet e a criação de um ambiente de redes gerou a ilusão de que a Comunicação de Massas estava superada, ou ao menos que seu impacto estava diluído significativamente. Mas foi preciso apenas duas décadas para que percebêssemos que a coisa não era assim tão simples, tão linear como alguns propagaram ao avaliarem os novos cenários que a web comunicação descortinava. Após praticamente 100 anos de comunicação de massas - e aqui me refiro especialmente à comunicação eletrônica que marcou o século XX, propiciando por seus meios técnicos uma enorme vascularização dos meios de comunicação -, foi ingênuo acreditar que seria possível apagar toda a programação estética, cognitiva e ideológica gerada pelo rádio e pela TV, já por sua vez herdeiros do cinema, sobretudo, no Brasil, do hollywoodiano (Contrera, 2021, p. 37).

De qualquer forma, as palavras de Eco citadas logo acima precisam ser atualizadas e ampliadas para os tempos atuais. Não é que os seres humanos deixem de existir completamente, precisamos compreender sua fala de maneira simbólica. Grande parte da humanidade de cada pessoa fica comprometida quando a mídia de massa, em suas mais diversas formas, prevalece. A porção humana que mais sofre com a massificação é, como o próprio termo denota, a singularidade, e, como afirma C. G Jung: “(...) quanto maior for o agregado de indivíduos, tanto maior será a obliteração dos fatores individuais e, portanto, da moralidade, uma vez que esta se baseia no sentido moral do indivíduo e na liberdade imprescindível para isso” (Jung, 1988, p. 62). Aprisionados em sistemas rígido de pensamento, com ideias e valores determinados pela liderança, o exercício moral real torna-se impossível, porque qualquer ação que caminhe contra as ideias do regime será condenada.

Na contemporaneidade, soma-se ao fenômeno já conhecido da massificação, a alta velocidade de transmissão de informações que parece privar cada vez mais os usuários de sua vida criativa (Baitello Jr., 2017). Desaparece, então, algumas vezes por escolha, mas na maioria delas por uma imposição ideológica extremamente difícil de ser evitada, o tempo lento necessário para que os processos criativos e imaginativos tenham espaço (Baitello Jr, 2001; Contrera, 2016). Um dos principais problemas aqui é a massificação disfarçada de singularidade que a mídia de massa promove desde seus primórdios, mas que ganhou enormes proporções com a popularização da internet e das redes sociais (Han, 2022). Não podemos deixar de destacar o conceito de *prossumidor*¹¹ cunhado por Alvin Toffler na década de 1980, quando o autor trazia a seguinte reflexão:

Fazer com que o cliente faça parte do trabalho — conhecido pelos economistas como ‘externalizar o custo do trabalho’ — não uma é novidade. É disso que se tratam os supermercados de autoatendimento. O balconista sorridente que conhecia o estoque e ia buscá-lo para você foi substituído pelo carrinho de compras do tipo ‘empurre-você-mesmo’. Enquanto alguns clientes lamentavam os bons e velhos tempos do serviço pessoal, muitos gostaram do novo sistema. Eles podiam fazer suas próprias buscas e acabavam pagando alguns centavos a menos. Na verdade, eles estavam pagando para fazer o trabalho que o balconista costumava fazer¹² (Toffler, 2022, p. 270, tradução nossa).

¹¹ No original: *prosumer*

¹² No original: “Getting the customer to do part of the job—known to economists as “externalizing labor cost”—is scarcely new. That’s what self-service supermarkets are all about. The smiling clerk who knew the stock and went and got it for you was replaced by the push-it-yourself shopping cart. While some customers lamented the good old days of personal service, many liked the new system. They could do their own searching and they wound up paying a few cents less. In effect, they were paying themselves to do the work the clerk had previously done.”

O conceito de prossumidor, portanto, está alinhado com a nossa compreensão do funcionamento e manutenção da sociedade midiática, que traz como uma de suas características principais o enquadramento do usuário como sendo produtor e consumidor de imagens:

Um prossumidor é um indivíduo que atua como produtor e consumidor. Esse papel duplo é elaborado em várias teorias e apoiado por modelos de pesquisa que explicam suas características e motivações. Primeiramente, a Teoria da Prosumerização (TP) destaca o papel dos prossumidores, que são consumidores que também participam do processo de produção, tornando-se assim coprodutores de produtos¹³ (Ertz; Cao; Maravilla, 2024, p. 1267, tradução nossa).

No caso da contemporaneidade, devemos adicionar que além de produtor e consumidor, o usuário torna-se também matéria-prima a ser utilizada para a confecção do produto final que, em sua maioria, consiste em imagens divulgadas principalmente através das redes sociais (Baitello Jr., 2014) – voltaremos a esse assunto oportunamente e com mais profundidade ao longo do texto. Portanto, é claro que o conteúdo publicado também reflete os interesses do prossumidor, porém, essa dinâmica é cada vez mais condicionada pelas bolhas de pensamento criadas pelo mecanismo algorítmico de operação das mídias sociais (Gillespie, 2014), criando uma ideia de liberdade, mas que, no final, é condicionada por reações emocionais tendenciosamente calculadas que tem como pano de fundo objetivos capitalistas predatórios (Ritzer, 2015). Nas palavras de Clemens Apprich:

Consequentemente, a esfera pública, anteriormente mediada pela mídia de massa, se dissolveu em uma ampla gama de veículos de mídia baseados principalmente na internet. Embora essa mudança da mídia de massa para a mídia social tenha sido por muito tempo aclamada como um passo necessário em direção a uma maior democracia, críticas recentes alertaram sobre um "declínio da eficiência simbólica" resultante — isto é, um colapso de um quadro de referência comum, central para os processos de negociação democrática. Nesse sentido, pode-se testemunhar uma tensão emergente entre a ideia de um público aberto e tendências homofílicas, fomentadas por tecnologias algorítmicas que funcionam subdividindo as pessoas em conjuntos fechados de interesses pessoais, visões políticas ou orientações sexuais. A desvantagem da mídia baseada na participação comum parece ser uma sociedade que foi estilhaçada em públicos fragmentados em rede¹⁴ (Apprich, 2020, p. 6, tradução nossa).

¹³ No original: A prosumer is an individual who acts as both a producer and a consumer. This dual role is elaborated upon in various theories and supported by research models that explain their characteristics and motivations. Firstly, Prosumption Theory (PT) highlights the role of prosumers, who are consumers that also take part in the production process, thereby becoming co-producers of products.

¹⁴ No original: Consequently, the public sphere, previously mediated by mass media, has dissolved into a wide range of primarily internet-based media outlets. While such a shift from mass media to social media was for a long time hailed as a necessary step towards more democracy, recent critiques have warned of a resulting “decline of symbolic efficiency” (Dean, 2010, p. 5) — that is, a collapse of a common frame of reference, central to democratic negotiation processes. In this sense, an emerging tension can be witnessed between the idea of an open public and homophilic tendencies, fostered by algorithmic technologies that work by subdividing people into closed sets of

A análise e definição do fenômeno apresentada no presente trabalho considera que o fascismo foi, em sua expressão mais popular, um sistema político, mas ao invés de focar somente neste aspecto, está mais direcionada para uma compreensão mais profunda de suas bases psicológicas e como elas se manifestam e se perpetuam através dos sistemas comunicacionais. Isto é necessário para entender o mecanismo por trás do surgimento de ideias e comportamentos fascistas que, oportunamente e eventualmente, acabam se tornando uma forma de governo, mas que é, em sua essência, uma forma de pensamento (Reich, 1988) que revela uma cosmovisão, como é característico de qualquer ideologia (Marcondes Filho, 1994).

O fenômeno comunicacional não pode, em nossa visão, ser compreendido em sua profundidade isolado do funcionamento psicológico humano, e vice-versa. Podemos propor modelos isolados que expliquem aspectos específicos a partir de suas áreas, mas a interligação dos saberes se faz necessária em sua múltiplas facetas se quisermos aprofundar nossa compreensão dos fenômenos (Morin, 2007b). Entretanto, não seria possível fazer uma análise tão aprofundada sem o uso de exemplos políticos, pois é nesta esfera que se encontram as maiores expressões de como o fascismo historicamente foi definido e atuado até os dias de hoje. Um dos objetivos deste trabalho é fazer com que seja possível, após estes estudos aprofundados, entender que o fascismo pode ser considerado parte de um regime inconsciente que, de forma altamente ordenada, direciona o comportamento humano. Isso não significa que surtos de fascismo se tornem inevitáveis, mas, ao mesmo tempo, ficar preso em uma guerra com o passado não tem efeitos transformadores na vida atual. Podemos comparar esse tipo de atitude ao fenômeno que conhecemos na psicologia com ab-reação, ou aquilo que conhecemos popularmente como catarse, como foi proposto no início da psicanálise freudiana.

Inicialmente, acreditava-se que simplesmente reviver traumas passados e compreendê-los intelectualmente seria o suficiente para que o indivíduo os superasse. No entanto, com o passar do tempo, a partir da observação empírica e do advento de novas descobertas no campo da psicologia, percebeu-se que isso causava alívio dos sintomas, mas não era suficiente para eliminar os efeitos mais duradouros do trauma. Para que a verdadeira transformação ocorra, é necessário ressignificar essas experiências e transformar a atitude e o comportamento conscientes do indivíduo para que seja possível agir no tempo presente (Jung, 2018a). Em outras palavras, é preciso refletir e aprender com o passado e mudar de acordo com as novas situações de vida e necessidades adaptativas. O indivíduo é a base fundamental da formação coletiva (desde que ele tenha um sistema de troca simbólica eficiente), portanto, pode-se dizer que o

personal interests, political views, or sexual orientations. The downside of participation-based media seems to be a society that has been splintered into fragmentary, networked publics

mesmo ocorre quando lidamos com a sociedade com suas diferentes marcas e traumas sociais e culturais. Uma das soluções é a criação de novas narrativas coletivas, das quais também emerge uma nova identidade social, mais coerente com o momento presente que sempre clama por transformações adaptativas (Cyrulnik, 2001; Hirschberger, 2018). Como veremos, é parte importante desse processo que não abandonemos simplesmente a mídia de massa e a mídia de rede, igualmente massificada, nas mãos daqueles que detém o poder, mas é necessário adicionar o trabalho direto de desenvolvimento de capacidade crítica e reflexiva nas relações individuais (Eco, 1986).

A reflexão crítica sobre a história é necessária para que movimentos políticos fascistas não voltem a acontecer, mas isso é uma parte do processo que deve ser somada às possibilidades futuras de desenvolvimento social e cultural. Como coletividade, podemos dizer que os seres humanos não parecem estar fazendo um bom trabalho nesse sentido, dado o fato de que o fascismo continua a (re)surgir em muitos lugares do mundo (Balestrini Jr; Contrera, 2021; Bulli, 2019; Fielitz; Marcks, 2019; Kølvråa, 2019). Uma das chaves para entender isso é a ideia de que o pensamento, mesmo que crítico, que não considera a irrupção de conteúdos inconscientes está fadado a continuar andando em círculos (Jung, 1988; 2018c). A repetição de movimentos históricos, como podemos ver com o fascismo em suas diferentes formas de ressurgimento, é prova suficiente de que há algo que ainda não foi compreendido pela consciência individual ou coletiva sobre o fenômeno. Do ponto de vista psicológico, aquilo que se repete como sintoma ou patologia não foi compreendido e elaborado e, enquanto isso não ocorrer, continuará se repetindo de diferentes maneiras, mas sempre carregando o mesmo núcleo temático. Isso é verdade a menos que estejamos falando de perversidades psicopáticas ou sociopáticas, porque, nesses casos, ações que não consideram a situação ou a importância da integridade física ou psicológica de outras pessoas são tomadas voluntariamente e de forma consciente (Pontalis; Laplanche, 2001). O papel do inconsciente e as nossas hipóteses sobre a psicopatologia coletiva presente na atualidade e sua conexão com os processos comunicacionais serão exploradas adiante no texto.

De qualquer forma, parece que a famosa frase atribuída a Winston Churchill: “Aqueles que não aprendem com a história estão condenados a repeti-la” não pode ser completamente sustentada. Não porque não tenhamos aprendido com o passado, na verdade, o que parece acontecer é que, por razões ideológicas perversas, algumas pessoas que aprendem com a história querem repeti-la na busca pelo poder absoluto (Rosenfeld, 2017). Parece que essas pessoas buscam corrigir o que consideram ser os erros de líderes totalitários da história que não foram bem-sucedidos em seus empreendimentos. Nesse sentido, sempre existiram e sempre

existirão indivíduos sociopatas identificados com a busca sedenta por poder egoísta que se estabelece em detrimento da própria vida humana, restando aqueles que conseguem, de forma crítica e reflexiva, se posicionar como resistência. Afinal, diferentes formas de estabelecer poder se mostraram eficientes ao longo da história e a sociopatia continua se repetindo e se manifestando veementemente na esfera política (Mealey, 2013).

Algumas críticas podem surgir afirmando que, se o problema principal para a análise aqui proposta é a massificação, então, o conceito de cultura de massa por si só poderia ser suficiente para aprofundar o assunto. Mas há outro elemento importante que devemos considerar e que o fascismo carrega como característica fundamental: sua intencionalidade por trás da massificação se resume ao poder pelo poder, há o gozo através do poder. Se, de um lado do fenômeno, podemos encontrar explicações que alinham com uma visão psicanalítica freudiana ortodoxa, onde a busca do gozo se dá pelo prazer e pela substituição do falo pelo comportamento bélico, de outro, encontraremos também aspectos que podem ser compreendidas a partir da visão de um dos dissidentes de Freud, Alfred Adler. O autor afirmava que a verdadeira busca do ser humano é pelo estabelecimento do poder; não necessariamente patológico, mas inicialmente numa tentativa de controlar e mudar o mundo à sua volta de acordo com suas necessidades adaptativas. Somente a partir de distúrbios, frustrações e traumas é que essa busca tornar-se-ia doentia (Adler, 2021).

Quando tratamos do tema da massificação, o fascismo, mais uma vez, se destaca de todos os outros sistemas políticos totalitários que também visam o mesmo fenômeno. Assim como o fascismo, outros sistemas políticos devem possuir intencionalidade por trás de suas ideias e valores, mas a intenção fascista é simplesmente manter o controle político e o poder econômico independentemente de que tipo de valores e regras sejam estabelecidos para que isso ocorra (Eco, 2021). Visto como uma base psicológica para ações e comportamentos e não simplesmente como um sistema político estabelecido, o movimento fascista tem, como apontado anteriormente, como estratégia fundamental a degradação do pensamento crítico reflexivo. Isso significa que, como previsto por Umberto Eco (2021), ele pode se manifestar em qualquer regime político, mesmo que outros nomes sejam dados ao seu surgimento. Um exemplo disso é o capitalismo neoliberal, cujo funcionamento é muito semelhante em termos fundamentais à lógica fascista. Para o regime fascista não há uma agenda rígida, o que também é verdade para o neoliberalismo atual, cujo mecanismo operacional é uma atualização de ideias fascistas disfarçadas. Ora, se podemos encontrar naquilo que chamamos de sociedade do consumo o núcleo do neoliberalismo, observamos que Pier Paolo Pasolini descrevia com destreza, já na década de 1960, para onde caminharíamos como sociedade:

Acredito, acredito profundamente, que o verdadeiro fascismo é o que os sociólogos têm chamado de maneira bem-humorada de ‘sociedade de consumo’. Uma definição que parece inofensiva, puramente indicativa. Mas não. Se observarmos atentamente a realidade, e sobretudo se soubermos ler em torno dos objetos, da paisagem, do planejamento urbano e, sobretudo, dos homens, veremos que os resultados desta sociedade de consumo despreocupada são os resultados de uma ditadura, do verdadeiro fascismo¹⁵ (Pasolini, 2018, p. 72, tradução nossa).

Autores da contemporaneidade atualizam a noção dessa conexão entre o fascismo e o desenvolvimento do capitalismo nas suas diferentes formas, mostrando que suas similaridades são muito maiores do que imaginamos ou refletimos no nosso cotidiano, mas elas existem e são disfarçadas exatamente com a intenção de servir à manutenção do poderio econômico e político hegemônicos.

Tanto o fascismo quanto o capitalismo como o conhecemos, de fato, implicam uma sociedade orgânica (uma comunidade, como os homens e mulheres capitalistas atuais de todas as convicções políticas gostam de dizer); sindicatos que são combatidos e reprimidos até serem domesticados em uma estrutura de estratégia corporativista; um papel para uma ética social/socializada e até mesmo uma ética empresarial que é buscada e até mesmo (em alguns períodos históricos) surpreendentemente encontrada; a guerra como um meio para resolver questões espinhosas de relações internacionais; horror em relação a formas de sociabilidade que não são baseadas no estado capitalista padrão; a percepção do ‘outro’ como uma ameaça ou um aliado; e uma tensão entre política e economia, fácil de rotular como um problema de eficiência¹⁶ (Micocci; Di Mario, 2017, p. 2, tradução nossa).

Nesse sentido, embora o fascismo seja considerado aqui como um movimento político de ultradireita, para alguns, mesmo que estes estejam dentro de movimentos fascistas, a definição entre esquerda ou direita não é necessariamente fundamental e, às vezes, pode até ser considerada sem importância e suprimida. Encontramos isso hoje, por exemplo, no caso do partido italiano declaradamente fascista chamado CasaPound Italia (CPI): “Apesar da hibridização entre símbolos de direita e esquerda que distingue o CPI e sua rejeição oficial das categorias tradicionais de 'direita' e 'esquerda', o fascismo continua sendo seu principal ponto

¹⁵ No original: lo credo, lo credo profondamente, che il vero fascismo sia quello che i sociologi hanno troppo bonariamente chiamato «la società dei consumi». Una definizione che sembra innocua, puramente indicativa. Ed invece no. Se uno osserva bene la realtà, e soprattutto se uno sa leggere intorno negli oggetti, nel paesaggio, nell'urbanistica e, soprattutto, negli uomini, vede che i risultati di questa spensierata società dei consumi sono i risultati di una dittatura, di un vero e proprio fascismo.

¹⁶ No original: Both fascism and capitalism as we know it, in fact, imply an organic society (a community, as present-day capitalist men and women of all political persuasions are fond to say); trade unions that are fought and repressed until they are tamed into a corporatist structure and strategy; a role for a social/socialised ethics and even a business ethics that is sought and even (in some historical periods) surprisingly found; war as a means to resolve thorny international relations issues; horror towards forms of sociality that are not based on the standard capitalist state; the perception of the ‘other’ as either a threat or an ally; and a tension between politics and the economy, easy to brand as an efficiency problem.

de referência ideológico e 'ideal'"¹⁷ (Bulli, 2019, p. 254, tradução nossa). Os participantes do movimento, portanto, não se consideram parte, em termos políticos, da esquerda ou da direita. Também não é incomum que tomem ações que poderiam ser consideradas parte de uma tendência ou de outra.

Retornando às nossas justificativas para a escolha do termo fascismo como determinante do fenômeno estudado nesta pesquisa, ela se dá então primordialmente pelo fato de que ele denota em sua estrutura conceitual mais fundamental a busca de poder pelo poder por meio da massificação. É uma forma de totalitarismo, porém, sem valores definidos. Estes, na verdade, podem mudar conforme as necessidades impostas pelas situações, apenas para que o sistema fascista seja mantido. Também importante para a definição do conceito aqui proposto é a natureza fascista nuclear do neoliberalismo (Micocci; Di Mario, 2017), que também serão exploradas com maior profundidade oportunamente no texto quando aprofundarmos na discussão daquilo que denominamos como fascismo algorítmico.

Outra característica fundamental do fascismo como ideologia de direita que pode auxiliar na compreensão da nossa escolha é o extremismo do anti-igualitarismo, em oposição ao igualitarismo extremo proposto pelos movimentos de extrema esquerda (Backes, 2007). O fascismo é um movimento que carrega em seu cerne o extremismo político, assim como pode acontecer com o comunismo, mas em sua base está a ideia de que há diferenças fundamentais entre os homens que devem ser respeitadas e que tais características deveriam ser determinantes das suas funções sociais, assim como do seu posicionamento econômico. Isso está conectado com o princípio do racismo eugênico apontado como umas das características fundamentais do fascismo por Umberto Eco (2021), que pode ser encontrado na contemporaneidade disfarçado da ideia de meritocracia. Essa diferenciação social e econômica baseada no racismo deve ser imposta de forma hierárquica e, se necessário, violenta (Nelis, 2007), mesmo que essa violência seja infligida de maneira indireta através de ações que podemos considerar como práticas necropolíticas¹⁸. Mesmo sem deixar isso claro, encontramos aqui ideias advindas de uma pseudociência conhecida como darwinismo social – o contrário daquilo que podemos chamar de darwinismo como ciência legítima (Radick, 2019). Como afirma Fernando Mendes Coelho:

¹⁷ No original: Despite the hybridization between right and left symbols that distinguishes CPI and its official rejection of the traditional categories of 'right' and 'left', Fascism remains its main ideological and 'ideal' point of reference.

¹⁸ O conceito de necropolítica foi explorado primeiramente por Achille Mbembe, filósofo camaronês que a define como sendo uma prática que vai além do direito matar, incluindo a capacidade de impor ou expor os cidadãos à morte, à escravidão e outras formas de violência política a partir do exercício da soberania e do exercício do poder.

Neoliberalismo e darwinismo social são elementos de um mesmo fenômeno, no sentido em que predomina no neoliberalismo a ideia de que existe uma competição entre as pessoas no mercado, e as mais preparadas são as que atingem maior sucesso. Sucesso que no neoliberalismo se traduz em lucros para as empresas proporcionadas por sujeitos convertidos em capital-humano, ou na ideia do empreendedor de si. A sobrevivência do mais apto ou do melhor qualificado está inserida nos aspectos subjetivos da racionalidade neoliberal (Coelho, 2022, p. 631).

1.4 O fascismo atemporal no Brasil dos últimos anos

Um exemplo da manifestação do fascismo atemporal no Brasil dos últimos anos pode ser encontrado no caso de Jair Bolsonaro, considerado um político com tendências nitidamente fascistas (Melo, 2019). É preciso fazer o alerta de que, no presente trabalho, não estamos analisando o personagem de Jair Bolsonaro como indivíduo, mas sim como representante de um movimento. Utilizamos suas ações e declarações como exemplos do ressurgimento do fascismo atemporal que pode acontecer a partir do encontro de sua figura pessoal com valores carregados veladamente pela população.

Para citar apenas algumas situações que corroboram essa ideia, é possível perceber que muitos de seus discursos e atitudes se enquadram em diferentes categorias propostas por Umberto Eco para definir o fascismo eterno. Também não é nosso objetivo explorar aqui todos os quatorze pontos descritos pelo autor, por isso, partimos apenas das quatro primeiras características descritas como fundamentais para o surgimento do fascismo e vemos como é possível encontrar exemplos entre ações governamentais e declarações de Jair Bolsonaro, assim como de alguns de seus apoiadores que mostram o fundo fascista de sua ideologia. Porém, não seria difícil observar que, nos exemplos citados, poderíamos encontrar outras das quatorze características descritas por Eco (2021). Isso nos ajuda a compreender que, muitas vezes, elas se misturam nos fenômenos. Relembramos também que, como já foi citado anteriormente, segundo o autor, basta que uma das características se apresente para que surja um efeito de coagulação das outras, dando início a uma reação em cadeia que constela o comportamento fascista.

Sobre o primeiro item descrito pelo autor, o “culto à tradição” (Eco, 2021, p. 44), há um discurso proferido pelo então presidente do Brasil Jair Bolsonaro em um evento religioso ocorrido em 2022, durante a campanha em que buscava sua reeleição que mostra claramente que isso está de acordo com suas ideias:

Hoje, vivemos em um Brasil polarizado. Vou lhe dizer que nosso governo é contra o aborto. Nosso governo defende a família, e somos contra a ideologia de gênero. A inocência das crianças em sala de aula deve ser preservada. Somos contra a legalização das drogas. (...) Defendemos a liberdade em nosso

país e isso inclui a liberdade de culto. Somos livres para escolher nossa religião, para professar nossa fé. Respeitamos todos os cidadãos brasileiros (Bolsonaro, 2022 apud Hessel, 2022, s.p.).

É possível perceber pelo conteúdo de seu discurso a intenção clara de difundir valores, ideias e ideais que deveriam, segundo sua própria visão de mundo, ser automaticamente considerados corretos pela população devido ao seu teor tradicionalista quanto a um modelo de família também previamente conhecido pelos receptores da mensagem. O presidente e, então candidato à reeleição, reduz muito a discussão sobre aborto, ideologia de gênero e uso de drogas, misturando todos esses assuntos em um discurso superficial e reducionista, característica essencial do discurso populista que busca apenas incitar e exaltar emoções para manipulação das massas através da corrupção da própria linguagem (Camargo Penteado; Goya; Santos; Jardim, 2022). Nas palavras de Jacques Wainberg: “Em última instância o que está em jogo é o tipo de emoção que cada vocábulo gera na audiência. O fato explica porque é comum na literatura crítica a acusação de que a comunicação política é uma prática abusiva, insincera e ardilosa” (Wainberg, 2020, p.75). Apesar de afirmar a liberdade de culto, Jair Bolsonaro prega valores tradicionais diretamente conectados às determinações religiosas institucionalizadas que acredita serem corretas. Nesse caso, não acreditamos que seja necessário justificar a conexão dele com as igrejas e instituições neopentecostais, já que isso é amplamente divulgado pela imprensa.

Outro exemplo ainda conectado ao culto à tradição pode ser encontrado no fato de que, mesmo sendo acusado de vários crimes diferentes contra comunidades indígenas brasileiras (Barretto Filho, 2020), Jair Bolsonaro fez aparições, em algumas ocasiões – que poderiam até mesmo serem consideradas cômicas em nossa opinião –, usando acessórios vestuários pertencentes à cultura dos povos originários brasileiros. Talvez um dos maiores absurdos nesse sentido seja o fato de ele ter recebido até mesmo a Medalha do Mérito Indígena durante seu mandato como chefe executivo do governo federal. Em seu discurso na ocasião, falou sobre como era preciso tornar os povos indígenas iguais ao restante da população brasileira, esta que era automaticamente considerada cristã pelo então presidente, obviamente, segundo sua própria visão e crença religiosa (Said, 2022). Trata-se claramente de um discurso incoerente, ambíguo e contraditório que pode ser considerado por muitos indígenas como impositivamente catequizante e invasivo. Afinal, para a maioria evangélica que apoia o bolsonarismo, os povos indígenas devem ser convertidos religiosamente ao cristianismo evangélico (Palmeira; Casarões, 2023). No entanto, enquanto ele se esconde atrás de discursos políticos populistas e desinformativos, pesquisas mostram como as ações práticas de seu governo têm caminhado na

direção oposta a qualquer tipo de integração dos povos originários brasileiros. Henyo Barreto Filho confirma esses fatos, apontando como, desde o início e, conseqüentemente durante o governo Bolsonaro, a situação dos povos originários no Brasil piorou:

Tudo isso tem transmitido, desde antes mesmo do início do governo, a sensação generalizada de que o governo ‘liberou geral’. Como disseram posseiros armados que invadiram Terras Indígenas em Rondônia: ‘Agora Bolsonaro é presidente!’. Isso se faz sentir em repercussões gravíssimas na Amazônia como um todo, tais como: a invasão sistemática a áreas protegidas e Terras Indígenas (Uru-Eu-Wau-Wau, Karipuna, Xipaia, Arara, Awa Guajá) logo no primeiro mês de governo; a retomada da invasão da Terra Indígena Yanomami por dezenas de milhares de garimpeiros, em patamares similares à grande invasão de 1992; a explosão da taxa de desmatamento, que já em junho de 2019 registrava um aumento de 60% em relação ao mesmo mês do ano anterior e que não para de crescer desde então; e a intensificação da grilagem de terras, da mineração clandestina em larga escala e da exploração madeireira predatória, com a criminalidade que costuma acompanhar-las – entre outros desdobramentos igualmente nefastos para os povos e comunidades que vivem em estreita interação com os ecossistemas da região (Barretto Filho, 2020, p. 6-7).

Como apontado anteriormente, o culto à tradição depende e está diretamente conectado à rejeição da modernidade, a segunda característica do Ur-fascismo, conforme descrito por Eco (2021). Para o regime fascista, qualquer tipo de produção e avanços tecnológicos só podem ser aceitos pelo sistema se estiverem de acordo com o tradicionalismo da ideologia – e isso apenas quando ocorrem, o que é raro. Durante a campanha de 2022, mencionada acima, Jair Bolsonaro visitou o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) na cidade de São José dos Campos com a promessa de que o presidente e candidato daria uma palestra intitulada “Inovação, Tecnologia e Empreendedorismo no Brasil”, na ocasião. A palestra foi anunciada oficialmente no site do Parque de Inovação Tecnológica (PIT) de São José dos Campos. Durante a palestra, que, segundo alguns membros da imprensa, não passou de um discurso de poucos minutos e que buscava apenas reforçar sua campanha de reeleição, apontando supostos resultados positivos de sua gestão nas diferentes áreas da ciência brasileira, Bolsonaro chegou a dizer: “o país que não investe em ciência e tecnologia está condenado a ser escravizado por outro país” (Prizibiszki, 2022, s.p.).

Ainda que seu discurso tente apontar uma visão positiva do investimento no desenvolvimento tecnológico do país, ele se baseia, mais uma vez, na reação emocional de ouvintes e potenciais eleitores quando o candidato usa a ideia de escravidão para justificar investimentos nessa área. Ou seja, a estratégia populista apontada anteriormente se mantém, mesmo que discursos sejam dados em diferentes contextos sociais e econômicos. Enquanto, segundo sua fala, o país que possui tecnologias não será escravo de outras nações, esse mesmo

desenvolvimento parece permitir que o país que possua tais tecnologias ganhe a possibilidade de se tornar escravocrata. Isso também revela uma tentativa de usar o nacionalismo para alcançar efeitos emocionais nos ouvintes. A soberania sobre outros países é também uma característica fundamental de movimentos que carregam a ideologia fascista. A questão se complica ainda mais quando os dados divulgados sobre investimento em tecnologia durante seu governo revelam que o caminho trilhado foi, na verdade, contrário ao desenvolvimento tecnológico: “Segundo estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) no final de 2021, os investimentos federais em Ciência e Tecnologia, que já vinham caindo desde 2015, atingiram seu menor valor em mais de uma década durante o Governo Bolsonaro” (Prizibisczki, 2022, s.p.).

Talvez um dos fatos mais curiosos e alarmantes da história de Bolsonaro no governo com relação à sua atitude perante a ciência tenha sido sua atitude negacionista em relação aos eventos e dados divulgados por órgãos competentes de pesquisa durante a pandemia da COVID-19. O então presidente claramente agiu usando desinformação ou supostos resultados comprovados para tentar convencer a população de que suas atitudes eram, de fato, respaldadas por alegações científicas. Paes e colegas afirmam sobre o caso:

Em março (2020), o presidente usou seu perfil diversas vezes para fazer comentários sobre medicamentos contra a COVID-19 sem comprovação científica. Na época, não havia estudos conclusivos que comprovassem a eficácia do tratamento contra a doença. No entanto, o princípio da bioequivalência, ou seja, a noção de que um medicamento existente poderia ser eficaz no tratamento de diversas doenças, ganhou popularidade nos primeiros meses da pandemia. Em especial, os ensaios e declarações do médico francês Didier Raoult se popularizaram no debate público. O médico se posicionou contra o isolamento social e apresentou resultados supostamente promissores para o uso da cloroquina tanto na prevenção quanto para evitar o agravamento em pacientes recentemente infectados. No entanto, seus estudos mostraram falta de evidências robustas e ele foi criticado pela comunidade científica por apresentar diversos vieses ao longo de 2020 (Paes; Brasil; Massarani, 2022, p. 252).

Assim, podemos observar que acontece aqui o que pode ser considerado como característico de movimentos fascistas, qualquer tentativa de uso da ciência deve estar de acordo com os valores, pensamentos e ideias determinadas pela ideologia do regime. Isso tudo a serviço do objetivo fundamental de manter constante a negação da reflexão crítica por parte da população, o que permite o estabelecimento de um sistema hegemônico e inquestionável de poder.

Para o movimento fascista, a ação é bela em si mesma e deve ser realizada sem nenhuma reflexão; aqui entra a terceira característica descrita por Eco (2021), ou seja, “a ação pela ação”.

De acordo com esse princípio, os ataques pelos membros e apoiadores do movimento a qualquer tipo de desenvolvimento intelectual e cultural que sejam críticos ou mesmo apenas diferentes da hegemonia determinada pelos valores tradicionais disseminados pelo pensamento fascista devem ser reativos, claros e diretos. Aqueles que lutam pela diversidade são automaticamente considerados inimigos e geralmente são identificados como comunistas e depravados. As universidades públicas, conhecidas por seu espaço de criação de liberdade de pensamento, são consideradas “ninhos de comunistas” (Eco, 2021, p. 49).

Luciano Hang, empreendedor declaradamente a favor do neoliberalismo e um dos apoiadores mais importantes de Jair Bolsonaro e do próprio bolsonarismo, declarou em 2019 durante a inauguração de uma das lojas de sua rede: “Universidade pública produz zumbi. Eu, Luciano, não colocaria meu filho em universidade pública porque você educa seu filho e ele volta comunista, não quer trabalhar e quer atrapalhar quem trabalha” (Luciano Hang..., 2019, s.p.). Com esse tipo de discurso, lideranças políticas e sociais que carregam valores fascistas em seu cerne buscam dissuadir o grande público de estudar em universidades públicas, utilizando o termo “comunista” como algo que identifica automaticamente o indivíduo com o que ele considera “mal” e cuja identificação pode ocorrer a partir da experiência do ensino superior público. Entre as mais diversas falácias concentradas nesse tipo de discurso está a ideia de que no Brasil existe um acesso democrático ao ensino superior, seja ele público ou privado, como se as pessoas, em geral, tivessem essa possibilidade de escolha. Porém, segundo pesquisa da área, os dados mostram o contrário, como conclui José de Rezende Pinto em seu estudo sobre o acesso à educação superior no Brasil:

(...) o Brasil tem uma necessidade premente de ampliar o acesso à educação superior e de democratizar o perfil dos seus alunos, em especial nos cursos mais concorridos. Constata-se também que a saída deve dar-se pela expansão do setor público, uma vez que o grau de privatização apresentado por esse nível de ensino já é um dos maiores do mundo (Pinto, 2004, p. 754).

O comportamento exemplificado aqui através da fala de Luciano Hang também carrega em seu cerne as ideias capitalistas predatórias que tomaram conta do mundo por meio da popularização de que qualquer tipo de salvação, seja ela religiosa ou não, precisa vir do trabalho e da produção (Kamper, 1998; Weber, 2013). Impressiona que Umberto Eco tenha descrito esse aspecto do fenômeno usando como exemplo praticamente as mesmas expressões que Luciano Hang usa em seu discurso, com os acontecimentos separados por cerca de trinta anos; o perigo está, na fantasia fascista, sempre na possibilidade do (re)surgimento do comunismo. Outro exemplo de ação pela ação é encontrado no fato de Jair Bolsonaro ter incitado movimentos

violentos, irracionais e irrefletidos por parte de seus apoiadores. Em janeiro de 2023, o site de notícias G1 divulgou:

Bolsonaro incitou atos golpistas com uso de violência em diversas ocasiões durante seu mandato. (...) Nesse período, Bolsonaro insultou ministros do STF quando decisões judiciais não eram a seu favor; questionou a lisura do processo eleitoral, pregando contra as urnas eletrônicas; e participou de atos que pediam intervenção militar e o fechamento do Congresso e do STF (Calgaro, 2023, s.p.).

Essas atitudes, além de não condizerem com o que deveria ser o comportamento de um chefe de Estado democrático, buscam minar a confiança das massas no sistema político, facilitando assim a implantação de ideias fascistas na mente da grande massa. Isso faz parte do processo de estruturação e arquitetura populista de direita que pode levar à instauração de regimes totalitários (Pinheiro, 2022). Em seus estudos sobre a relação entre comunicação e poder e da implantação e influência do imperialismo norte-americano na América Latina, Pedrinho Guareschi afirma:

Não há necessidade de voltar à afirmação de Marx, de que as ideias dominantes em uma sociedade são as ideias da classe dominante, que, conseqüentemente, determina o que é importante nessa situação histórica. Nem é necessário repetir uma outra assertiva sua de que a classe que possui o poder material dominante de uma sociedade possui, outrossim, o poder espiritual dominante: as ideias dominantes não são nada mais do que a expressão espiritual (ideológica, imaterial) das relações materiais, dominantes, apreendidas como ideias (Guareschi, 1981, p. 19-20).

A última categoria aqui utilizada como exemplo está relacionada à discordância crítica, que, normalmente considerada uma ferramenta de construção de conhecimento e transformações, não pode ocorrer dentro de uma cultura fascista onde prevalece o sincretismo caótico a que nos referimos anteriormente (Eco, 2021). A distinção, característica fundamental do exercício da consciência (Damásio, 2015; Jung, 2011b) leva à reflexão crítica, e isso obviamente não é desejado por um sistema que busca o poder absoluto. Para o regime fascista, qualquer tipo de discordância é traição. Não é à toa que durante o governo de Jair Bolsonaro a imprensa sofreu constantes ataques e tentativas de censura; muitas vezes diretamente, mas também pela saturação dos canais de divulgação de informações que foram – e continuam sendo – inundados de desinformação (Balestrini Jr.; Contrera, 2021).

Em abril de 2024, o deputado federal pró-Bolsonaro Bibó Nunes publicou a seguinte mensagem na rede social X (na época ainda chamada Twitter):

O Papa é o representante de Jesus, mas os comunistas que ele apoia não acreditam em Jesus, muito menos em Deus. Qual o objetivo do Papa ao dizer que o ‘condenado’ Lula foi preso injustamente? É difícil acompanhar esse

Papa – (assinado) Bibó Nunes, deputado federal (Deputados bolsonaristas..., 2024, s.p.).

Mais uma vez, encontramos também neste exemplo a retórica reducionista da mentalidade fascista. A mensagem é transmitida de maneira superficial e aborda a questão sugerindo que o próprio Papa está em desacordo com os valores religiosos da igreja à qual ele mesmo pertence. A ambiguidade da declaração mantém o destinatário da mensagem perdido em uma lógica falha que impede, mais uma vez, a reflexão crítica, o que é característico da desinformação e das *Fake News* (Lazer; Baum; Benkler; Berinsky *et al.*, 2018; Pennycook; Rand, 2021).

Segundo o deputado, o Papa é um representante de Jesus, mas por apoiar aqueles que, a partir de sua visão de mundo são considerados comunistas, não pode ser confiável e nem um modelo a ser seguido por aqueles que têm crenças religiosas católicas. Ou seja, para todos os efeitos, para o deputado Nunes, o Papa Francisco, mesmo sendo uma figura carismática que parece trabalhar pela integração de novos valores que privilegiem a diversidade e a alteridade, muitas vezes desconstruindo dogmas absolutistas da igreja católica, não pode ser considerado digno de confiança por qualquer pessoa que tenha crenças religiosas, mesmo que elas sejam diferentes do catolicismo. Esse tipo de uso distorcido da informação por meio dos meios de comunicação tem efeitos nefastos numa sociedade que sofre com o semianalfabetismo ou com o analfabetismo funcional que resulta também num subdesenvolvimento cognitivo. Essa situação acaba sendo determinada, mais uma vez, através de políticas públicas falhas que, em sua maioria e, quando existem, fingem promover educação, quando na verdade buscam manter a população numa situação de submissão intelectual que serve ao exercício hegemônico do poder. Sabemos que existem projetos sérios nessa área e não é nossa intenção generalizar, porém, sem levar em consideração números e estatísticas com relação à alfabetização no Brasil, podemos levantar a hipótese de que, mesmo que a maioria da população saiba minimamente ler e escrever, a capacidade interpretativa de informações divulgada pelos meios de comunicação encontra-se prejudicada, como veremos quando discutirmos com mais profundidade o fenômeno da desinformação e das *Fake News*.

Quando é possível encontrar declarações claras e diretas de indivíduos que se identificam com movimentos fascistas, pode-se ver e identificar o tipo de inimigo da democracia que precisa ser enfrentado, a luta neste caso pode ser direta e franca. No entanto, há outras formas de manifestações fascistas, as quais podemos classificar como sendo disfarçadas ou dissimuladas. Encontramos dados sobre esse tipo de manifestação fascista, por exemplo, através da pesquisa de Bernhard Forchtner (2019), no caso de movimentos atuais da

extrema direita na Alemanha que buscam justificar suas ideias com base na proposta de uma ecologia da pureza, baseada, segundo seus argumentos, em leis naturais – mais uma vez, vemos aqui a presença do darwinismo social, mesmo que não seja identificado como tal. Eles podem declarar possuir boas intenções, mas seus horizontes são obviamente limitados por uma visão de mundo fascista que leva em consideração uma ecologia baseada em preceitos eugênicos que contam com a possibilidade de uma limpeza étnica do país. Dessa forma, suas políticas e discursos dissimulados acabam abrindo caminho para que ideologias de extrema direita se fortaleçam. Como vimos, a estratégia fascista é fluida e adaptável e, muitas vezes, as pessoas que tentam espalhar ideias e valores fascistas não usam esse tipo de categorização exatamente com o objetivo de dissimular e implantar o pensamento fascista de maneira gradual:

Como tal, uma perspectiva ecológica de extrema direita não se limita a uma questão específica, como a biodiversidade, mas significa uma visão de mundo orgânica e unificadora, uma perspectiva holística segundo a qual os organismos devem ser entendidos em termos de sua inserção em um sistema interdependente. Um pouco mais especificamente, ela abrange áreas como a naturalização das relações sociais (as leis da natureza), a destruição ambiental como um sintoma de alienação da terra natal e da cultura da comunidade (como consequência, por exemplo, do materialismo ocidental), a visão dos outros como um problema ecológico (imigrantes humanos e não humanos, bem como superpopulação) e a possibilidade de um estado autoritário supostamente ser capaz de impor políticas ecológicas necessárias¹⁹ (Forchtner, 2019, p. 286).

Introduzindo o assunto que iremos tratar com maior profundidade mais à frente no presente trabalho, podemos encontrar um exemplo da manifestação fascista dissimulada no funcionamento algorítmico da mídia de massa e da mídia digital em geral. Esse mecanismo serve não apenas para disseminar mensagens fascistas, mas também para paralisar indivíduos em bolhas direcionadas de conteúdo que o próprio usuário acaba criando através de suas preferências de conteúdos acessados. Um dos atributos que comprova o caráter fascista desse processo é a simplificação polarizadora, de certa forma maniqueísta, que ele causa; a diminuição sistemática da complexidade leva ao colapso do sistema. Como encontramos nas palavras de Talerton Gillespie: “no sentido mais amplo, eles (algoritmos) são procedimentos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada, com base em cálculos

¹⁹ No original: As such, an extreme-right ecological perspective is not limited to one particular issue, such as biodiversity, but signifies an organic and unifying world view, a holistic perspective according to which organisms should be understood in terms of their embeddedness in an interdependent system. Slightly more specifically, it covers areas such as the naturalization of social relations (the laws of nature), environmental destruction as a symptom of alienation from the homeland and the community’s culture (as a consequence, for instance, of western materialism), the view of Others as an ecological problem (human and non-human immigrants as well as overpopulation) and the possibility of an authoritarian state allegedly being able to enforce necessary ecological policies.

especificados”²⁰ (Gillespie, 2014, p. 167). É com base nesse tipo de cálculo que a relevância da informação é determinada, porém, no caso do funcionamento da mídia digital contemporânea, isso se fundamenta numa ideologia neoliberal, ou seja, fascista em seus princípios (Micocci; Di Mario, 2017). Para atingir objetivos e fins específicos, os meios são considerados neutros, mas, quando olhamos com mais profundidade a partir do exercício da reflexão crítica, percebemos que eles não são igualitários pelo simples fato de estarem a serviço desses fins. Além disso, como Gillespie continua:

A avaliação algorítmica da informação, então, representa uma lógica de conhecimento particular, construída sobre presunções específicas sobre o que é conhecimento e como se deve identificar seus componentes mais relevantes. Que agora estejamos recorrendo a algoritmos para identificar o que precisamos saber é tão importante quanto ter confiado em especialistas credenciados, no método científico, no senso comum ou na palavra de Deus²¹ (Gillespie, 2014, p. 168).

Não há mais como negar que a seleção algorítmica se tornou uma fonte crescente de ordem social e que ela participa da construção das realidades social e cultural compartilhadas nas sociedades da informação:

Aplicativos automatizados de seleção algorítmica moldam realidades e vidas diárias, afetam cada vez mais a percepção do mundo e influenciam o comportamento. Eles não apenas influenciam o que pensamos, mas também como pensamos sobre isso e, conseqüentemente, como agimos, moldando assim a construção das realidades dos indivíduos, estruturalmente semelhantes, mas essencialmente diferentes da mídia de massa²² (Just; Latzer, 2017, p. 20).

Nesse sentido, mais uma vez, não faz diferença se o conteúdo publicado, por exemplo, nas mais variadas redes sociais, vem de defensores de ideias políticas que podem ser consideradas de esquerda ou de direita. Na verdade, nem importa se esse conteúdo é político – no sentido popular da palavra, porque temos consciência de que todo conteúdo publicado em sua essência carrega um viés ideológico, portanto político. Seja qual for o tipo de conteúdo publicado, o principal objetivo do criador é influenciar o espectador e aumentar sua audiência em termos coletivos. Não é o contato direto com o indivíduo que importa, mas sim os dados

²⁰ No original: “in the broadest sense, they (algorithms) are encoded procedures for transforming input data into a desired output, based on specified calculations.

²¹ No original: The algorithmic assessment of information, then, represents a particular *knowledge logic*, one built on specific presumptions about what knowledge is and how one should identify its most relevant components. That we are now turning to algorithms to identify what we need to know is as momentous as having relied on credentialed experts, the scientific method, common sense, or the word of God.

²² No original: Automated algorithmic selection applications shape realities and daily lives, increasingly affect the perception of the world and influence behavior. They not only influence *what* we think about, but also *how* we think about it and consequently how we act, thereby co-shaping the construction of individuals’ realities, structurally similar but essentially different to mass media.

que as pessoas se tornam para aumentar o número de seguidores e curtidas. Porque o que importa, no final, é a lógica de massa por trás da possível monetização através do volume de consumo das publicações.

Como em qualquer sistema político, o principal interesse é o poder em suas mais variadas manifestações – política, econômica ou cultural, por exemplo. Quando, mais uma vez, a análise se estreita para o comportamento fascista, o poder deve ser bidirecional quando pensamos em dados, mas unidirecional quando se trata de decisões e comportamentos. Como, para que seja feita a manutenção do poder, é preciso que esse processo seja mascarado, os reais objetivos do processo se perdem no meio da enorme quantidade de informações e da diversidade de veículos que acabam divulgando apenas dados que surgem das mesmas fontes; há diversidade de meios, mas não há diversidade de informação; apesar de parecer o contrário, o núcleo da informação não varia e a repetição estereotipada é sustentada através de narrativas superficiais.

Sistemas autoritários em geral, instituições hierárquicas corporativas e governos não democráticos preferem uma organização em que todas as ordens vêm da liderança e só o que retorna são os dados que revelam a obediência ou não dessas ordens. Esta é uma das coisas que na computação e na comunicação, seja ela digital ou não, ajuda aqueles que estão no poder a permanecerem nessa posição. É uma visão que surgiu historicamente já na década de 1950 com Norbert Wiener e cuja visão sobre o assunto podemos encontrar em suas discussões sobre cibernética, afirma o autor:

(...) nossa visão da sociedade difere do ideal de sociedade que é mantido por muitos fascistas, homens fortes nos negócios e o próprio governo. Homens semelhantes de ambição por poder não são inteiramente desconhecidos em instituições científicas e educacionais. Essas pessoas preferem uma organização na qual todas as ordens vêm de cima e nenhuma retorna. Os seres humanos sob eles são reduzidos ao nível de efetores de um sistema nervoso supostamente superior²³ (Wiener, 1988, p. 15-16, tradução nossa).

Encontramos em Wiener mais um autor que, de forma interessante, coloca na mesma categoria fascistas, homens de negócios e o próprio governo. Embora o sistema seja bidirecional em relação à transmissão de dados e informações, mesmo esta parte do relacionamento pode ser considerada desigual. É possível afirmar, mesmo sem dados ou pesquisas, somente a partir da reflexão e senso comum, que não é a mesma qualidade ou quantidade de dados e informações

²³ No original: (...) our view of society differs from the ideal of society which is held by many Fascists, Strong Men in Business, and Government. Similar men of ambition for power are not entirely unknown in scientific and educational institutions. Such people prefer an organization in which all orders come from above and none return. The human beings under them have been reduced to the level of effectors for a supposedly higher nervous system.

que flui de um lado para o outro. O usuário recebe o conteúdo que é determinado pelo funcionamento dos algoritmos, enquanto, por outro lado, as empresas recebem os dados que serão usados para a criação e adaptação dos algoritmos que irão determinar quais os tipos de conteúdo os usuários terão acesso. É um sistema autoreferente, autossuficiente e devorador. Como Talerton Gillespie afirma: “Os algoritmos desempenham um papel cada vez mais importante na seleção de quais informações são consideradas mais relevantes para nós, uma característica crucial da nossa participação na vida pública”²⁴ (Gillespie, 2014, p. 167, tradução nossa), e, portanto, política. Na maioria das vezes, o usuário nem mesmo está ciente de que dados sobre sua vida e comportamento estão sendo agregados por essas companhias: “As grandes empresas de mídia social se tornaram radicalmente comercializadas e dedicadas à vigilância em todos os níveis. Os computadores rastreiam conversas e extraem padrões na velocidade da luz, tornando-os lucrativos”²⁵ (Turner, 2019, p. 30, tradução nossa).

Obviamente, a responsabilidade pelo estado atual das coisas não pode ser atribuída aos algoritmos, eles não podem ser culpados como entidades vivas e autônomas, pois incluem a participação humana ativa em sua construção e adaptações; se um algoritmo não estiver funcionando de acordo com o objetivo de seus criadores, será eliminado ou ajustado (Gillespie, 2014). O funcionamento dos algoritmos como ferramentas é determinado por meio de ações humanas direcionadas por uma ideologia capitalista predatória, ou seja, neoliberal, onde o próprio ser humano perde seu valor ao ser transformado em massa e, mais do que isso, em fonte de energia que sustenta o próprio sistema – não podemos deixar de lembrar em como isso foi anunciado no filme *Matrix*; os seres humanos foram transformados em baterias que alimentavam as máquinas e seu próprio aprisionamento. Exatamente por esse motivo, concordamos com o que afirma Talerton Gillespie: “Uma análise sociológica não deve conceber algoritmos como conquistas abstratas e técnicas, mas deve destrinchar as escolhas humanas e institucionais calorosas que estão por trás desses mecanismos frios”²⁶ (Gillespie, 2014, p. 168).

Como todo sistema coletivo estabelecido, a construção dessa relação é um jogo complexo que se dá entre sujeito e objeto, emissor e receptor e, em termos comunicacionais e psicológicos, noções que aprofundaremos na próxima seção do texto, entre as projeções de conteúdos inconscientes e mensagens e comportamentos que servem como atratores para eles.

²⁴ No original: Algorithms play an increasingly important role in selecting what information is considered most relevant to us, a crucial feature of our participation in public life.

²⁵ No original: “The big social media companies have become radically commercialized and devoted to surveillance at every level. Computers track conversations and extract patterns at light speed, rendering them profitable.

²⁶ No original: “A sociological analysis must not conceive of algorithms as abstract, technical achievements, but must unpack the warm human and institutional choices that lie behind these cold mechanisms.

Segundo Fred Turner: “A capacidade das mídias sociais de solicitar e vigiar simultaneamente a comunicação não apenas transformou o sonho da democracia individualizada e expressiva em uma fonte de riqueza. Transformou-a na fundação de um novo tipo de autoritarismo”²⁷ (Turner, 2019, p. 30). Autoritarismo que, em nossa visão, traz o fascismo como núcleo comportamental e apoiado no imaginário, ou seja, enxergamos o fascismo como a expressão de um arquétipo do inconsciente coletivo – de acordo com a definição de C. G. Jung (2018c), que será melhor explicada mais adiante no trabalho. Exatamente por existir de maneira universal, pode-se manifestar a qualquer tempo e em qualquer lugar de acordo com situações propícias ao seu irrompimento.

Esse tipo de autoritarismo é o que será definido neste trabalho como fascismo algorítmico, que se molda segundo o objetivo principal de manipulação das massas e que tem por trás a busca incessante das grandes empresas de informação e comunicação por poder econômico e influência política. Não se afirma aqui que é o algoritmo em si que decide o comportamento das massas, mas sim que é o uso dessa ferramenta por empresas e indivíduos ideologicamente identificados com o comportamento fundamentalmente fascista de transformar o indivíduo em massa como meio de controle e poder político e econômico que acaba sendo fundamental para que isso aconteça.

Uma parte que consideramos importantíssima desse fenômeno é o rebaixamento, a desclassificação e a negação da capacidade crítica reflexiva cognitiva e da consciência geral, necessária para que ocorra a massificação, o que é possibilitado pelo modo de funcionamento dos meios de comunicação de massa e que acaba sendo autorizado e mantido pelos próprios usuários (Desmurget, 2021). Ora, podemos encontrar pelo menos uma coisa que é comum entre as quatorze características fundamentais do fascismo descritas por Eco (2021), todas elas carregam em seu núcleo o mecanismo que leva ao rebaixamento de consciência, o que concorda com a visão que temos do funcionamento geral da mídia de massa digital, principalmente das redes sociais (Contrera, 2021).

De acordo com a nossa análise, isso é fundamental para o estabelecimento da aura fascista e se dá a partir de uma psicopatologia específica presente ao longo de toda a própria história do fascismo. A partir de uma leitura psicológica que dialoga de perto com a reflexão sobre os processos comunicativos, podemos dizer que é exatamente a incapacidade simbólica e a impossibilidade de mudança causadas pelo rebaixamento da consciência (Hillman, 2016;

²⁷ No original: Social media’s ability to simultaneously solicit and surveil communication has not only turned the dream of individualized, expressive democracy into a fountain of wealth. It has turned it into the foundation of a new kind of authoritarianism.

Jung, 2011e) que permite a incitação de uma paranoia coletiva que mantém os indivíduos aprisionados emocionalmente aos efeitos da mídia de massa. Como afirma Clemens Apprich: “No mundo pós-moderno, o indivíduo se perde no hiperespaço das redes de computadores. Ele não só perde sua capacidade de se localizar dentro desse espaço, mas também é disperso em uma miríade de conjuntos de dados”²⁸ (Apprich, 2018, p. 112, tradução nossa). Nesse estado de (não) ser perdido num mundo infinito de imagens e informação, a paranoia aparece como uma resposta sintomática humana que tenta corrigir uma situação patológica de normose²⁹, que não pode se manter se quisermos construir um futuro alinhado com uma (cosmo)visão mais ecológica e sistêmica de mundo.

1.5 Dados quantitativos sobre o retorno do fascismo no mundo e no Brasil

Nos últimos anos tem crescido o número de publicações científicas que utilizam o *Google Trends* como ferramenta de suporte para a busca de dados quantitativos que possam revelar o comportamento das pessoas em geral, assim como de populações estatísticas específicas. Esses números auxiliam também a análise qualitativa de fenômenos relacionados àquilo que está sendo estudado. Em um dos artigos mais citados sobre o assunto, Jun *et al.* (2018) mostram que a ferramenta, que nos anos iniciais após seu lançamento era utilizada principalmente para monitoramento do tempo presente, passou a ser utilizada para a observação de tendências, possibilitando prognósticos, com alto grau de acuracidade, de irrupções de comportamentos conectados tematicamente com os termos de busca pesquisados no *Google*. Encontramos estudos que mostram aplicações do primeiro tipo, por exemplo, no estudo de Choy *et al.* (2012) em que os pesquisadores revelam como utilizar a ferramenta para perceber tendências presentes de indicadores econômicos. Temos outros que suportam a segunda modalidade, por exemplo, no trabalho de Seifter *et al.* (2010), os pesquisadores mostraram que foi possível, através da análise do comportamento de buscas de sintomas, prognosticar a irrupção de um surto da Doença de Lyme em áreas determinadas. Novamente, na área da economia e do mercado financeiro, Preis *et al.* (2013) mostram como é possível prever crises e

²⁸ No original: In the postmodern world, the individual gets lost in the hyper-space of computer networks. Not only does she lose her ability to locate herself within this space, but she is also dispersed into a myriad of datasets.

²⁹ Segundo a definição que encontramos no Wikipédia: “Normose é a tendência patológica para condicionar o próprio comportamento, por molde a seguir os trâmites e as normas de conduta socialmente estabelecidas, em prejuízo da auto-expressão pessoal e individual da pessoa, sobrevalorizando-se a opinião e a aceitação social dos outros”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Normose>. Acesso em: 26 dez.2024. O teólogo, filósofo e psicólogo francês Jean-Yves Leloup complementa em seu livro *Normose, a patologia da normalidade*: “(...) a normose é um sofrimento como a neurose e como a psicose. É ela que nos impede de sermos realmente nós mesmos. O consenso e a conformidade impedem o encaminhamento do desejo no nosso interior”.

criar estratégias analisando os dados obtidos através da ferramenta. Em um estudo mais recente, pesquisadores afirmam terem conseguido estabelecer uma correlação estatística consideravelmente positiva entre o nível de felicidade e bem-estar da população de alguns países e os temas e termos pesquisados no *Google* (Greyling; Rossouw, 2025).

Trazendo a discussão para os estudos da comunicação, encontramos pesquisas que mostram como a utilização do *Google Trends* pode ser relevante para a compreensão de fenômenos comunicacionais e do imaginário. Algumas vezes, mostrando claramente como as pessoas estão se comportando no momento presente através dos temas e termos que têm sido buscados no *Google* na atualidade, outras vezes, revelando exatamente tendências de comportamento que não necessariamente podem ser observadas claramente na superfície da consciência, mas que vão se formando através da manifestação de imagens conectadas com o inconsciente coletivo (Jung, 2018c) ou, em outras palavras, com o imaginário (Morin, 2008). Contrera e Torres (2021) mostraram metodologicamente como a ferramenta pode ser aplicada permitindo o levantamento de hipóteses sobre quais narrativas mitológicas podem ser consideradas diretoras como representantes de padrões comportamentais da população no momento presente, assim como aqueles que estariam ganhando força para irromper na consciência no futuro. Numa aplicação ligeiramente diferente, mas de igual importância, Silva (2019) revela a discrepância entre a visão regularmente noticiada de que o Brasil é considerado um país de maioria cristã enquanto os dados obtidos através do *Google Trends* indicam que buscas por termos relacionados à Umbanda são de volume muito maior, mostrando que o interesse geral da população está mais direcionado para essa expressão religiosa.

Em um trabalho publicado pelo nosso grupo de pesquisa (Balestrini Jr; Contrera, 2021), analisamos o cenário político brasileiro dos últimos anos e mostramos como a imagem e o comportamento de Jair Bolsonaro, assim como grande parte do seu discurso e de suas postagens em redes sociais, foram diretamente conectados pela população com valores, ideias e comportamentos fascistas – alguns dados dessa pesquisa estão sendo discutidos com maior profundidade nesta tese. Esses dados corroboram a análise qualitativa feita anteriormente, quando encontramos os núcleos característicos do Ur-fascismo nos discursos e publicações de Jair Bolsonaro e de alguns de seus apoiadores. Essa confirmação soma dados na argumentação de que a análise qualitativa dos fatos, alinhada com uma visão quantitativa dos dados fornecidos pelo *Google Trends*, pode ser uma ferramenta útil de prognóstico de comportamento social, como vem sendo discutido pelos autores citados anteriormente. Portanto, acreditamos que seja possível conseguir dados suficientes que revelem possibilidades de prognóstico de irrupção de comportamentos e tendências coletivas através do monitoramento de dados sobre buscas feitas

no *Google* por termos específicos relacionados a certos núcleos temáticos. Esses resultados podem ajudar a criar visões metodológicas interessantes para estudos sociológicos e da comunicação.

Pensando dessa maneira, e retomando o tema principal da nossa pesquisa, podemos corroborar a ideia de que o fascismo encontrou no bolsonarismo um primo distante que sustenta alguns de seus valores fundamentais, mesmo que seja preciso ressignificá-los a partir de uma leitura mais contemporânea do que pode ser considerado fascismo. Sobre essa conexão, afirmam Kátia de Souza e Rafael de Oliveira:

No Brasil, embora o termo fascismo tenha sido evitado por muito tempo e utilizado apenas por veículos de comunicação independentes e de esquerda, com a eleição de Jair Bolsonaro e a repercussão mundial, alguns veículos mais à direita tiveram vários artigos assinados por seus jornalistas e colunistas, utilizando o termo fascismo ou derivados/eufemismos que falam em autoritarismo, comportamento antidemocrático, censura etc., para se referirem ao presidente, ao governo em geral ou aos integrantes e/ou apoiadores do governo (Sousa; Oliveira, 2020, p. 121).

De qualquer maneira, esses dados reforçam a noção de que o fascismo atemporal somente precisa das condições certas para irromper na consciência. É nesse sentido que propomos uma ampliação da visão que temos do fenômeno tornando a problemática muito complexa. Existe uma espécie de retroalimentação dos valores presentes no imaginário e daquilo que está sendo expresso na realidade concreta; não negamos uma dimensão ou outra do fenômeno, propomos que a irrupção de valores fascistas seja resultado da interconexão complexa entre o inconsciente coletivo e a psique individual (Jung, 2018c), assim como da ação individual e coletiva (Morin, 2008). Essa noção será mais bem explorada e aprofundada mais à frente no presente trabalho, quando discutirmos o mecanismo psíquico de projeção de conteúdos inconscientes que podem auxiliar na compreensão e aprofundamento das discussões acerca dos fenômenos comunicacionais relacionados ao tema e em geral. Dessa maneira, os fracassos social, econômico e cultural servem como causas, mas também são consequências de um fascismo que já existia na psique coletiva e só não era percebido porque ao longo do tempo ele sempre assume novas formas de expressão, muitas vezes, aceitas pelas sociedade (Pasolini, 2018). Como afirmou também Umberto Eco: “O Ur-Fascismo pode voltar sob as vestes mais inocentes. Nosso dever é desmascará-lo e apontar o dedo para cada uma de suas novas formas – a cada dia em cada lugar do mundo” (Eco, 2021, p. 61).

Para ser possível fazer uma comparação da situação brasileira com o interesse pelo tema do fascismo de maneira geral, inicialmente focamos a busca por dados que pudessem revelar tendências mundiais. Utilizando então a ferramenta *Google Trends*, pesquisamos o termo

fascism, em inglês, colocando como parâmetros as categorias: ‘Todo o Mundo’, ‘Lei e Governo’ e ‘Pesquisa na Web’. Concentramos nossa pesquisa entre os anos de 2010 e 2024 – esse recorte temporal foi escolhido por uma questão de acurácia da própria ferramenta, já que os dados obtidos antes do ano de 2010 não são considerados confiáveis (Balestrini Jr; Contrera, 2021; Silva, 2019). Após tratamento dos dados brutos através do cálculo das médias, do desvio padrão e da padronização dos mesmos, apresentamos os dados no Gráfico 1, que mostra a evolução da busca pelo termo no período contemplado e a linha de tendência (linhas azuis) que projeta um aumento para os anos de 2025 e 2026. Devemos chamar a atenção para o fato de que os números negativos encontrados no início da curva não indicam valores absolutos, mas sim a sua posição relativa aos dados obtidos nos últimos anos devido à padronização dos dados. No mesmo gráfico mostramos, a partir de dados brutos, que também foram padronizados para que fosse possível fazer a comparação, a curva e a linha de tendência (linhas laranjas) que mostram a evolução no mesmo período do número de produções científicas sobre fascismo em escala mundial. Para conseguir esses números, utilizamos a ferramenta *web* do projeto *Dimensions*³⁰, cujo *website* oferece dados indexados sobre publicações científicas em escala mundial. Através da ferramenta é possível pesquisar por palavras-chave e obter o número de publicações científicas anuais acerca de um determinado tema. Para a nossa pesquisa utilizamos também o termo “*fascism*” em inglês. A obrigatoriedade acadêmica da maioria das publicações apresentarem resumos em inglês garante que, mesmo que os trabalhos tenham sido publicados em outras línguas, possamos contabilizar estudos do mundo inteiro.

³⁰ Os dados podem se obtidos acessando o link:

https://app.dimensions.ai/analytics/publication/overview/timeline?search_mode=content&search_text=Fascism&search_type=kws&search_field=full_search&or_facet_year=2010&or_facet_year=2011&or_facet_year=2012&or_facet_year=2013&or_facet_year=2014&or_facet_year=2015&or_facet_year=2016&or_facet_year=2017&or_facet_year=2018&or_facet_year=2019&or_facet_year=2020&or_facet_year=2021&or_facet_year=2022&or_facet_year=2023&or_facet_year=2024&year_from=2010&year_to=2025. Acesso em: 3 mar. 2024.

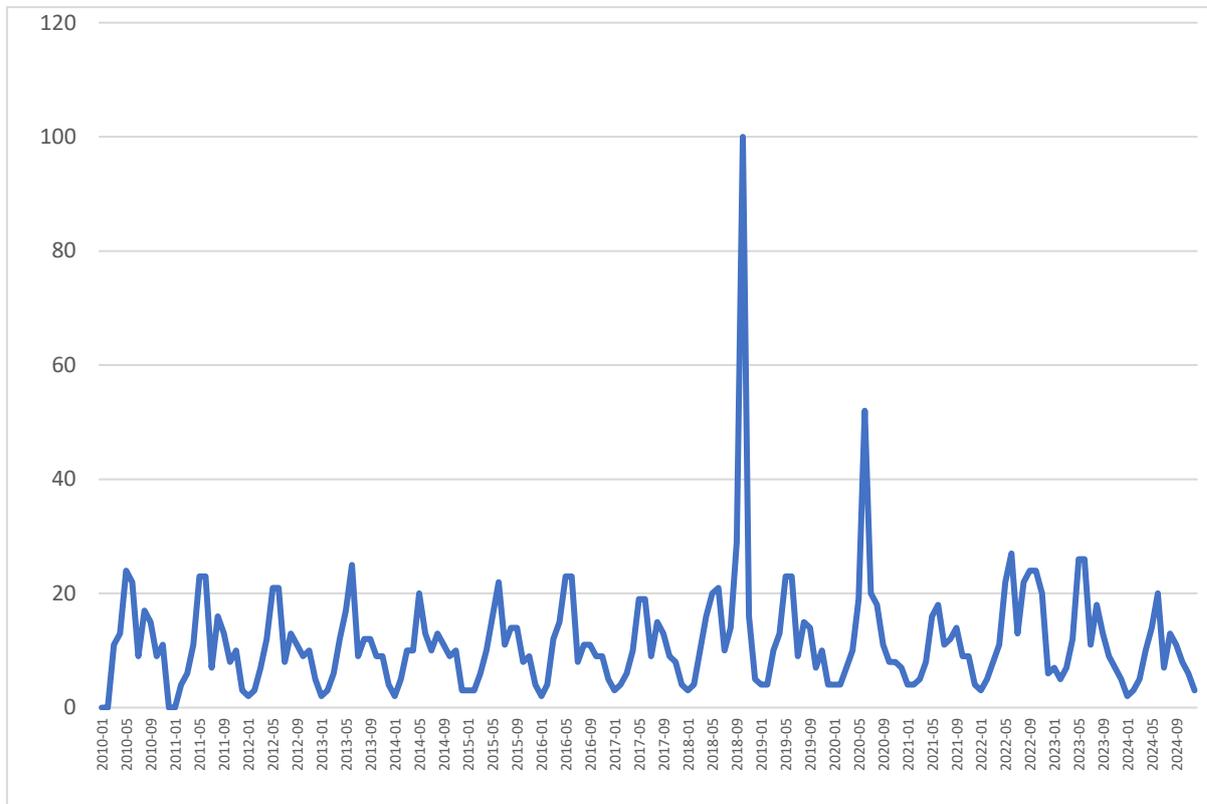
Gráfico 1 – Interesse e tendência pelo termo “fascism” no Goodle Trends e utilização do termo e tendência em publicações científicas indexadas no banco de dados Dimension



Fonte: Elaborado pelo autor

Buscando dados específicos que pudéssemos relacionar com a realidade brasileira, pesquisamos como Termo de Pesquisa “fascismo” no *Google Trends* utilizando os mesmos parâmetros da pesquisa anterior, ou seja, ‘Lei e Governo’ e ‘Pesquisa na Web’ da ferramenta, porém, dessa vez, afunilamos a pesquisa somente para dados de buscas no Brasil. O Gráfico 2 mostra os dados brutos dessa busca revelando uma curva regular com picos que se repetem nos meses de junho de cada ano. Porém, dois picos, claramente maiores que os outros, se destacam: um em 2018 e outro em 2020. Sua conexão com acontecimentos específicos foram analisados por Balestrini e Contrera (2021) que mostraram sua relação com a eleição para presidente de Jair Bolsonaro no primeiro caso e com publicações de cunho fascista feitas por ele em redes sociais no período de ocorrência do segundo. Isso ajuda a corroborar a ideia de que é possível observar uma mudança brusca de comportamento da população provocada por acontecimentos sociais e, nesse caso específico, políticos.

Gráfico 2 - Dados brutos do *Google Trends* que mostram o interesse pelo termo "fascismo" no Brasil entre os anos de 2012 e 2024



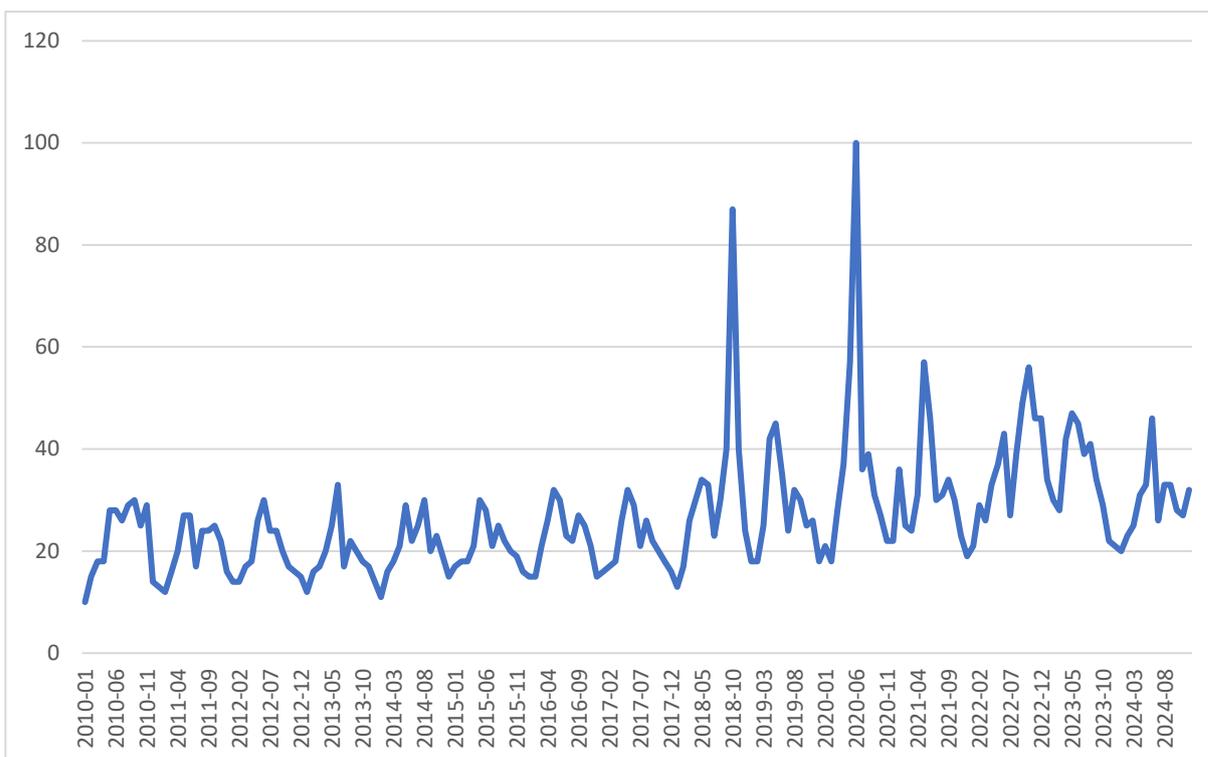
Fonte: Elaborado pelo autor

Baseados no que pudemos observar desses dados, levantamos a hipótese de que essa diferença de interesse pelo termo fascismo, revelada pelo primeiro pico no gráfico, corrobora a conexão do comportamento da população que foi influenciada pelo uso da palavra de maneira repetida durante as eleições presidenciais no ano de 2018, na maioria das vezes, em conexão com a figura de Jair Bolsonaro. Isso ocorreu não só por parte dos concorrentes, mas da imprensa de maneira geral. Nesse período, o debate sobre o fascismo e sua possível conexão com o comportamento, ideias e declarações do candidato, assim como de muitos de seus apoiadores, levantou discussões e acusações. O segundo maior pico, porém, também merece atenção. No final do mês de maio de 2020, o presidente eleito Jair Bolsonaro fez uma publicação no Facebook de um vídeo que reproduzia uma frase do ditador italiano Benito Mussolini. Isso fez com que o assunto fascismo voltasse à pauta mais uma vez.

Para mostrar a força que uma publicação desse tipo, feita por pessoas públicas em redes sociais, tem de influenciar o interesse da população em geral e a opinião pública, fizemos a seguinte pesquisa no *Google Trends*: procuramos pelo interesse no nome Mussolini pelo

mesmo período das nossas pesquisas anteriores, ou seja, de 01/01/2010 até 31/12/2014. Os resultados brutos estão apresentados no Gráfico 3 e, nele, podemos observar dois picos que se destacam que coincidem temporalmente com os maiores picos do Gráfico 1, ou seja, outubro de 2018 e junho de 2020.

Gráfico 3 - Interesse pelo termo "Mussolini" revelado por buscas no Brasil entre os anos 2010 e 2024



Fonte: Elaborado pelo autor

Retornando para os dados apresentados no Gráfico 1, podemos observar claramente que as buscas que incluem o termo fascismo vêm crescendo ao longo dos anos em nível mundial, tanto no meio acadêmico quanto de maneira popular; nas duas esferas também observamos uma tendência desse aumento continuar para os anos que seguem.

É claro que poderíamos supor que o interesse acadêmico pode ser o grande diferencial para que esses dados sejam encontrados dessa maneira, já que sabemos, inclusive como pesquisadores, o quanto o *Google* é utilizado para fins de pesquisa científica. Porém, isso não invalida o fato de que o interesse geral sobre o tema está crescendo e de que isso está diretamente conectado com o ressurgimento de comportamentos e ideias fascistas em várias partes do mundo. Retomando a ideia principal de Umberto Eco (2021) sobre o assunto, nos parece plausível dizer que esses resultados revelam um movimento de irrupção e retomada de valores fascistas inconscientes e latentes que parecem encontrar, cada vez mais ao longo dos anos, reverberação na consciência e no mundo concreto; seja por seus apoiadores, seja por aqueles que lutam contra movimentos fascistas. Essa afirmação pode parecer contraditória num

primeiro momento, mas, no capítulo seguinte, iremos discutir como o mecanismo de projeção de conteúdos do inconsciente atua como pano de fundo na criação de explicações, teorias e modelos de tudo aquilo que acontece no mundo, independentemente do posicionamento político dos indivíduos.

CAPÍTULO II – PROJEÇÃO DE CONTEÚDOS INCONSCIENTES NA COMUNICAÇÃO

“Vivemos em tempos míticos, mas sem saber que vivemos.”

Wendy Hui Kyong Chun

2.1 O que é projeção?

A visão de que apenas a racionalidade define o fenômeno humano foi abandonada por muitos pesquisadores desde a popularização da psicanálise, embora o conceito de inconsciente seja ainda anterior a ela. Não podemos, no campo dos estudos comunicacionais, deixar de levar isso em consideração. Um conceito da psicologia profunda que é fundamental para a análise aqui proposta é a projeção de conteúdos do inconsciente. A definição do que é o inconsciente em termos topográficos ou dinâmicos não será abordada em profundidade agora porque isso ocuparia muito espaço no texto. No entanto, para entender o mecanismo pelo qual a projeção de conteúdos psíquicos funciona, é necessário ter uma compreensão básica do que é o inconsciente. Poderíamos resumir o inconsciente como a instância psíquica que contém todo o conteúdo que a consciência não pode ver ou descrever. Para que qualquer tipo de conteúdo se torne consciente, deve ser possível descrevê-lo como uma imagem, seja ela visual, auditiva, olfativa, gustativa ou proprioceptiva. Em outras palavras, para que um conteúdo seja consciente, deve ser possível falar ou pensar sobre ele, ou criar uma narrativa sobre o fenômeno.

Os fatos que comprovam a existência de um lugar na psique humana que armazena conteúdos que são momentaneamente ou permanentemente removidos da consciência são, basicamente, o esquecimento e a lembrança de qualquer coisa, o surgimento de novas ideias e conteúdos, material de sonho e fantasia e aqueles conteúdos que surgem por meio da hipnose e da criptomnesia³¹ (Jung, 2013). Não podemos esquecer do papel que a emoção tem no processo; mesmo que não codificadas de maneira racional, ou seja, mantidas inconscientes ou parcialmente conscientes, continuam existindo e interferindo no mecanismo de funcionamento da consciência, instaurando diferentes movimentos, como afirma Muniz Sodré:

Emoção deriva do latim *emovere*, *emotus* - donde, *commuovere*. Infinitivo e passado verbais referem-se a um ‘movimento’ energético ou espiritual desde um ponto zero ou um ponto originário na direção de um outro, como consequência de certa tensão, capaz de afetar organicamente o corpo humano.

³¹ Fenômeno de não reconhecimento do retorno de uma memória antiga como um conteúdo psíquico já existente, mas sim considerá-la como um pensamento ou ideia nova e original.

Emotus significa abalado, sacudido, posto em movimento (Sodré, 2006, p. 29).

São justamente os conteúdos que estão distantes da nossa percepção egoica³² e, portanto, não reconhecidos pela consciência, que são projetados nos objetos do mundo objetivo em contraste com a subjetividade. Em outras palavras, os conteúdos que não são reconhecidos como participantes da própria psique do indivíduo são encontrados, por correspondência, nos objetos. Aqui, outra lei psicológica geral pode ser encontrada por trás do fenômeno, também fundamental para o que está sendo analisado nesta pesquisa. Só é possível reconhecer algo, mesmo que esse conteúdo seja projetado em um objeto e não conhecido ou aceito pela consciência, se esse conteúdo existir em nossa própria psique. Em outras palavras, seria impossível nomear ou definir algo objetivamente que não exista subjetivamente (Jung, 2011b). Qualquer comportamento, nesse sentido, é composto por duas categorias de conteúdos, aqueles que estão no campo da consciência e aqueles que estão no inconsciente e que, embora não sejam reconhecidos, influenciam a tomada de decisões e atitudes que o indivíduo muitas vezes acredita serem caracterizadas apenas pela consciência e de forma racional. Portanto, aquilo que pode ser considerado irracional e é negado pela consciência está sempre presente, mesmo que não seja aceito pela racionalidade. Também é importante deixarmos claro que, tornar algo consciente não significa necessariamente atuar aquele determinado conteúdo, ele pode ser simbolizado a partir de decisões racionais tomadas pela consciência. Algumas maneiras de fazer isso surgem a partir de expressões criativas, criação de narrativas e produções artísticas, apenas para citar alguns exemplos.

Aqui encontramos, então, outro ponto crítico de confluência dos estudos dos processos comunicativos que reúne também a psicologia e as práticas políticas; algo que já foi apontado por diversos autores diferentes: o uso da emoção como parte fundamental das estratégias de propaganda (Biddle, 1931; Quaranto; Stanley, 2021). Porém, na sociedade de consumo contemporânea, as próprias emoções tornam-se objeto de consumo quando são suscitadas pelo contato com as imagens. Nas palavras de Byung Chul-Han:

O capitalismo de consumo alista emoções para gerar mais desejos e necessidades. O Design Emocional molda emoções e molda padrões emocionais para maximizar o consumo. No geral, hoje não consumimos coisas tanto quanto emoções. As primeiras não podem ser consumidas sem fim – mas as últimas podem. As emoções assumem dimensões além do escopo do valor

³² O ego é considerado, na psicologia de profundidade junguiana, o centro gestor da consciência; caracteriza a estrutura que permite o reconhecimento humano de si como indivíduo, assim como sua diferenciação de outro, estabelecendo então a relação clara entre sujeito objeto (cf. *A história da origem da consciência* de Erich Neumann).

de uso. Ao fazer isso, elas abrem um campo de consumo que é novo e não conhece limites³³ (Han, 2017, p. 40-41, tradução nossa).

Uma das características importantes desse aspecto do fenômeno é o papel que a irracionalidade desempenha para que esse tipo de estratégia funcione. Mais uma vez, partindo da perspectiva da psicologia profunda, tudo o que é irracional está diretamente conectado ao inconsciente, pois o exercício da consciência é de natureza racional por excelência (Jung, 2011b). Em outras palavras, comportamentos irracionais, como o instinto de rebanho, são baseados na emergência de conteúdos inconscientes que, por meio de ataques emocionais, desligam o funcionamento da capacidade reflexiva e do pensamento crítico da consciência (Torres, 2021; Trotter, 1908). Portanto, é possível afirmar que o indivíduo massificado perde o poder de decisão e segue uma direção ideologicamente pré-estabelecida pelos criadores do conteúdo utilizado na propaganda, ou seja, daqueles que controlam os meios de comunicação (Eco, 1986). No caso da sociedade midiática, esse controle é exercido através da programação e ação dos algoritmos (Gillespie, 2014; Just; Latzer, 2017; Mager, 2012).

O fenômeno não pode ser reduzido de forma a fazer-se crer que não há uma construção ideológica por trás da propaganda. Encontramos exemplos disso nos processos que levaram ao estabelecimento do fascismo na Itália (Filippi, 2020) e do nazismo na Alemanha (O'shaughnessy, 2009). As tomadas políticas de poder e o estabelecimento de sistemas totalitários de governo não acontecem simplesmente da noite para o dia, embora isso pareça ser visto dessa forma por muitos observadores leigos da história e até mesmo por muitos que participaram dela. Para que tais coisas aconteçam, é necessária uma construção metódica, paciente e estratégica. Pier Paolo Pasolini (2018) usa o fenômeno da diminuição dos vagalumes na Itália como uma analogia para esse processo. O autor conta como, ao longo de um período de cerca de dez anos, se as pessoas tivessem observado com cuidado e atenção, teriam notado como os vagalumes estavam gradualmente desaparecendo do país. Sua diminuição não aconteceu de uma só vez, mas sim em um processo; no entanto, a maioria das pessoas só percebeu um dia que seus números haviam diminuído muito. Pasolini afirma que o mesmo aconteceu com o crescimento do fascismo na Itália. Alguns puderam observar como essa ideologia e o comportamento de seus seguidores foram se estabelecendo ao longo dos anos,

³³ No original: Consumer capitalism enlists emotion in order to generate more desires and needs. Emotional Design moulds emotions and shapes emotional patterns for the sake of maximizing consumption. All in all, today we do not consume things so much as emotions. The former cannot be consumed without end – but the latter can. Emotions assume dimensions beyond the scope of use value. In so doing, they open up a field of consumption that is new and knows no limit.

mas a maioria da população só percebeu isso quando o sistema político e o regime já eram fascistas e totalitários.

Todo esse argumento parece concordar com o que Christoffer Kølvråa afirma quando, revisitando as ideias de Ernesto Laclau, o autor escreve: “Laclau afirma que projetos ideológicos constroem imaginários de harmonia social ainda a serem alcançados. São esses imaginários utópicos que servem para prender os seguidores a uma ideologia em um nível emocional”³⁴ (Kølvråa, 2019, p. 274, tradução nossa). Em outras palavras, é uma projeção futurista utópica que não considera o momento presente de nenhuma outra forma senão como o tempo da ação pela ação com base especificamente em reações emocionais irrefletidas. Como vimos no item anterior, essa é uma das características fundamentais do fascismo apontada por Umberto Eco (2021), cujo funcionamento depende justamente da incapacidade do indivíduo de fazer uso de seu potencial de reflexão crítica. O presente sempre se torna o momento da ação, visando um futuro utópico que nunca deve se concretizar, mesmo que os líderes dos movimentos fascistas insistam por meio de discursos dissimulativos e falsos que deveria ser o contrário. No entanto, a liderança fascista sabe que se tal objetivo fosse alcançado, o próprio poder estaria em perigo, então, como é verdade para a manutenção de qualquer sistema totalitário de governo, é necessário manter a população em constante estado de alerta e medo.

Não há outra maneira de estabelecer essa ordem a não ser por meio do uso ideológico de mecanismos e estratégias específicos de comunicação. Parte do fenômeno é o estabelecimento de significantes vazios que podem receber exatamente a projeção das emoções, desejos, vontades e conteúdos inconscientes mencionados anteriormente, ao mesmo tempo em que carrega também aquilo que a consciência acredita ser objeto de desejo. Mais uma vez, com a ajuda da análise de Christoffer Kølvråa, o assunto pode ser ampliado da seguinte forma:

O ponto central é que, à medida que o significante vazio perde o significado concreto, ele não se torna simplesmente sem sentido; em vez disso, ele se torna um ponto focal para investimento afetivo. Pode-se não saber exatamente o que a ‘Mudança’ ou ‘Grandeza’ implica, mas sabe-se que é o que ‘nós’ precisamos e queremos. Como tal, significantes vazios, uma vez estabelecidos, podem — pela força de sua vacuidade e valorização positiva — ser usados em argumentos e situações amplamente diferentes³⁵ (Kølvråa, 2019, p. 275).

³⁴ No original: Laclau claims that ideological projects construct imaginaries of societal harmony yet to be attained. It is such Utopian imaginaries that serve to bind the followers to an ideology at an emotional level.

³⁵ No original: The core point is that, as the empty signifier loses concrete meaning, it does not simply become meaningless; rather, it becomes a focal point for affective investment. One might not know exactly what the ‘Change’ or ‘Greatness’ entails, but one knows that it is what ‘we’ need and want. As such, empty signifiers, once established, can—by the force of their vacuity and positive valorization—be used in widely differing arguments and situations.

A maioria das análises de como o comportamento de massa funciona é baseada nos conteúdos e no funcionamento da consciência. Sabemos que essa é uma parte fundamental do fenômeno, mas, como Wilhelm Reich (1970) apontou, se a parte inconsciente e irracional do fenômeno não for considerada, uma parte importante dos fatos para a compreensão do processo se perde. Conteúdos conscientes e inconscientes estão o tempo todo fortemente misturados, fazendo com que a emoção atue constantemente, mesmo que a pessoa negue tal efeito (Damásio, 2015). Wilhelm Reich ainda afirma:

(...) quando a reação política obtém êxito com uma certa propaganda ideológica, este não pode ser atribuído unicamente à cortina de fumaça. A nossa posição é que um problema de psicologia de massas deve permanecer ligado às raízes de cada instância do seu sucesso. Alguma coisa que nós ainda desconhecemos se passa nas massas. E é algo que as torna capazes de pensar e de agir contra os seus próprios interesses vitais. A questão é fundamental pois, sem este tipo de comportamento das massas, a reação política seria totalmente impotente. É na capacidade das massas para absorver essas ideias — aquilo a que chamamos a ‘base de psicologia de massas’ do ditador — que constitui a força do fascismo. Por isso, é imperativo conseguir compreender inteiramente este fenômeno (Reich, 1988, p. 102).

O que parece racional e correto para alguns pode se revelar completamente incoerente e logicamente falho quando abordado a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva por alguém que consiga observar o comportamento analisado com certo afastamento. Com base na citação anterior, a ideia de Kølvråa é coerente com nossos argumentos quando o autor afirma que as pessoas não sabem exatamente o que significam “mudança” ou “grandiosidade”, mas mesmo o sentimento de certeza quanto ao que se deseja é ambíguo, muitas vezes, também vazio de significado. Podemos dizer que o próprio objeto do desejo também é vazio e, dessa forma, pode ser transformado em um repositório para qualquer tipo de projeção de conteúdos do inconsciente (Jung, 2011d). O tipo de certeza sobre o que se quer e como se quer pode ser afirmado e defendido conscientemente, mas o mecanismo compensatório natural do sistema psíquico e os comportamentos irracionais que irrompem de forma fortemente reativa e irrefletida revelam que no inconsciente o que existe é exatamente o oposto. De maneira simplificada, podemos utilizar o seguinte exemplo: um indivíduo que busca segurança o tempo todo na consciência revelaria, através de uma análise dos conteúdos revelados do inconsciente, uma insegurança compensatória profunda; essa insegurança pode se manifestar em comportamentos exagerados na busca e comprovação de seu contrário na consciência. Note-se que não há julgamento de valor na afirmação do exemplo, é uma simples descrição de como as coisas se dão no sistema psíquico humano. Uma situação como essa pode ser adaptativa ou desadaptativa dependendo do contexto de vida do indivíduo ou de uma coletividade.

Continuando com o exemplo, vamos olhar para uma situação coletiva. Supomos que uma nação vai à guerra afirmando categoricamente que busca segurança diante de ameaças advindas de inimigos externos, ela explora, assim, o medo e a insegurança que podem ter se estabelecido entre sua própria população antes do conflito – sabemos que isso ocorre, na maioria das vezes, através de uma estratégia comunicacional de propaganda. Esses são alguns dos fatores que sustentam essas ações de guerra (Reich, 1988). Uma vez iniciada a guerra, o processo lança todo o país em uma situação ainda maior de insegurança emocional, econômica, cultural etc., que, com o tempo, tende apenas a aumentar. Uma das coisas mais importantes para que o fascismo – e, neste caso, qualquer outro sistema totalitário – funcione é justamente a ambiguidade de todo o fenômeno, do comportamento e do próprio sistema de pensamento ideológico. Como vimos também no item anterior com Umberto Eco (2021), é fundamental para a manutenção do regime fascista a visão da vida como guerra constante. Enquanto se preocupa com o que o ameaça de fora, o indivíduo não tem tempo para refletir sobre o que está acontecendo dentro do seu próprio espaço coletivo e pessoal, então, ele simplesmente segue a ordem da liderança que incorpora a autoridade interna projetada em imagens externas, como a do *Dulce* ou *Führer*. Esses homens souberam, cada um à sua maneira, como criar a imagem do líder herói a ser seguido e imitado, mesmo que suas retóricas não passassem de fantasias persecutórias e, sem intenção de causar prejuízo ao termo, mitológicas. Nas palavras de C. G. Jung: “O povo é sempre movido pela nostalgia do herói, do vencedor dos dragões e, por isso, clama sempre por uma personalidade quando sente o perigo psíquico” (Jung, 1988, p. 71). Ironicamente, o perigo psíquico é o próprio mundo interno do indivíduo que, sob o risco de ser devorado no confronto com o mal que habita a sua psique, busca um líder que, ao mesmo tempo em que atua como objeto de projeção do herói mítico, confirma a projeção do mal nos inimigos da nação, do regime e da ordem. Segundo Wilhem Reich:

O estudo do efeito produzido por Hitler na psicologia das massas parte forçosamente do pressuposto de que um *führer* ou o representante de uma ideia só pode ter êxito (se não numa perspectiva histórica, pelo menos numa perspectiva limitada) quando a sua visão individual, a sua ideologia ou o seu programa encontram eco na estrutura média de uma ampla camada de indivíduos (Reich, 1988, p. 48-49).

Essas afirmações abrem espaço para discussões sobre a união desses fatores com a estratégia de produção e disseminação de desinformação que utiliza principalmente os componentes emocionais da psique humana para ter o efeito ideológico esperado (Lazer; Baum; Benkler; Berinsky *et al.*, 2018; Pennycook; Rand, 2021). Carlos Paolucci defende a seguinte ideia:

Portanto, em vez de falar em pós-verdade, deveríamos falar em pré-verdade: você tem a verdade de antemão, ela reside em você e nessa multiplicidade de intermediários, muitas vezes maquínicos, que lhe dão acesso a documentos que são principalmente inacessíveis. E o que você quer é estar certo, ou seja, você quer que os outros confirmem o que você já sabe e que confiem em você³⁶ (Paolucci, 2023, p. 106, tradução nossa).

Em sua definição de pré-verdade, acreditamos que o autor esteja certo ao afirmar que os indivíduos buscam se identificar e compartilhar conteúdos que acreditam ser a verdade, aquilo que, da melhor forma possível, concorda com os valores e ideias do receptor, independentemente de a informação ser de fato verdadeira ou não, se dissemina fatos ou se são meras imagens e narrativas criadas com o propósito específico de desinformar. No entanto, é preciso somar ao fenômeno a projeção de conteúdos inconscientes, irracionais e emocionais no mecanismo, algo que Paolucci, aparentemente, deixa de fora. De acordo com a nossa visão, a pré-verdade seria, na verdade, uma soma de conteúdos conscientes e inconscientes, de fatos e fantasias que se misturam para formar a aura mística que envolve o fenômeno da desinformação, uma das principais estratégias da propaganda de guerra e que serve muito bem ao fascismo porque, como afirmou Umberto Eco, um sistema fascista não precisa de valores específicos e bem definidos para sua institucionalização, recorrendo, portanto, a qualquer tipo de projeção que sirva ao propósito de manter o poder pelo poder. Talvez seja possível encontrar um resumo do fenômeno atual nas palavras do próprio Umberto Eco:

Se o apocalíptico diz: ‘O meio não transmite ideologias: ele próprio é ideologia; a televisão é a forma de comunicação que assume a ideologia da sociedade industrial avançada’, poderíamos agora apenas responder: ‘O meio transmite aquelas ideologias que o destinatário recebe de acordo com códigos originários de sua situação social, de sua educação anterior e das tendências psicológicas do momento’³⁷ (Eco, 1986, p. 141).

Há, portanto, uma ideologia, que é criada por humanos e que atua como base fundamental da estrutura e do funcionamento da mídia e da transmissão de informações algorítmica. Os detentores de tal ideologia estão preocupados e ocupados em direcionar a atenção e a responsabilidade pelo estado das coisas para o próprio meio, quando na verdade precisamos procurar a raiz do fenômeno na pessoa humana, em sua psicologia, educação e experiências individuais e coletivas e, segundo Wilhelm Reich (1988), em seu misticismo.

³⁶ No original: Therefore, instead of speaking about post-truth, we should speak of pre-truth: You have truth beforehand, it resides in you and in that multiplicity of intermediaries, often machinic, that give you access to documents that are mainly inaccessible. And what you want is to be right, that is to say, you want that others confirm what you already know and that they trust you.

³⁷ No original: If the apocalyptic says, “The medium does not transmit ideologies: It itself is ideology; television is the form of communication that takes on the ideology of advanced industrial society,” we could now only reply: “The medium transmits those ideologies which the addressee receives according to codes originating in his social situation, in his previous education, and in the psychological tendencies of the moment.

Responsabilizar o meio e os algoritmos, seja de forma positiva ou negativa, é uma ficção que serve aos propósitos ideológicos daqueles que detêm o controle sobre a produção e disseminação de informações, ou melhor, daqueles que decidem sobre a programação e estruturação do mecanismo algorítmico que distribui e compartimenta o conteúdo produzido pelos próprios usuários (Mager, 2012). Nas palavras de Tarlenton Gillespie:

Mais do que meras ferramentas, os algoritmos também são estabilizadores de confiança, garantias práticas e simbólicas de que suas avaliações são justas e precisas, e livres de subjetividade, erro ou tentativa de influência. Mas, embora os algoritmos possam parecer automáticos e imaculados pelas intervenções de seus provedores, esta é uma ficção cuidadosamente elaborada³⁸ (Gillespie, 2014, p. 179, tradução nossa).

Enquanto os algoritmos parecem ao grande público como livres de subjetividade, quando na verdade funcionam de acordo com a programação estabelecida através dos valores ideológicos das empresas que os controlam, eles servem como distribuidores de significantes vazios, que acabam sendo preenchidos pelos conteúdos conscientes e inconscientes do próprio usuário que, sem fazer uso de sua capacidade reflexiva, acaba tomando atitudes reativas e automáticas determinadas e direcionadas de forma meramente emocional e irracional, como é típico das estratégias comunicacionais populistas, pseudológicas e desinformativas. Tudo isso carrega em seu cerne a irrupção avassaladora de conteúdos de uma camada mais profunda da psique humana, aquela que conhecemos como inconsciente coletivo (Jung, 2018c). Esses personagens são sempre maiores do que a consciência que surge tardiamente no desenvolvimento da espécie humana (Neumann, 1995). São eles, os instintos e arquétipos, os verdadeiros construtores da realidade.

2.2 Arquétipo, mito e desinformação

A hipótese nuclear do nosso trabalho parte da ideia fundamental de que a irrupção de imagens arquetípicas revela a presença de deuses exilados, forçosamente esquecidos pela racionalização exagerada e patológica e pelo empobrecimento simbólico (Durand, 2002) decorrentes do processo de desencantamento do mundo descrito por Max Weber (2013). Um dos resultados desse processo de rebaixamento cognitivo e simbólico poder ser observado na decrepitude do sistema capitalista e no atual cenário de crise social (Contrera; Torres; Balestrini Jr., 2021). É nossa visão que o desperdício da capacidade simbólica presente no mecanismo de

³⁸ No original: More than mere tools, algorithms are also stabilizers of trust, practical and symbolic assurances that their evaluations are fair and accurate, and free from subjectivity, error, or attempted influence. But, though algorithms may appear to be automatic and untarnished by the interventions of their providers, this is a carefully crafted fiction.

funcionamento das *Fake News*, como exemplo do fenômeno geral da desinformação, está conectado com uma dinâmica profunda, cujo entendimento será necessário para a compreensão da nossa proposição de uma guerrilha simbólica como forma de batalha contra a hegemonia do neoliberalismo midiático. Para delimitarmos o que compreendemos por *Fake News*, é necessário que levemos em consideração a imagética histórica do fascínio fascista, assim será possível compreender também como os dois fenômenos estão intrinsecamente conectados resultando naquilo que iremos definir como fascismo algorítmico. A análise da irrupção simbólica da divindade conhecida como *fascinus* revela a manifestação disfuncional de um arquétipo, aquele que deveria, quando integrado como parte fundamental da psique humana, apontar caminhos para a própria criação de desenvolvimento de consciência (Monick, 1987; Neumann, 1995).

Do ponto de vista metodológico, acreditamos ser importante apontar que poderíamos recorrer a vários autores diferentes para explicar, também de maneiras diferentes, a profundidade do fenômeno estudado. Escolhemos conscientemente o modelo de Carl Gustav Jung acerca dos arquétipos, por considerarmos o mais coerente para fazer uma ponte específica entre os processos comunicacionais e psicológicos aos quais nos propomos. Portanto, para não gastarmos tempo e espaço desnecessariamente com definições que não estão alinhadas epistemologicamente com a nossa visão sobre o assunto, vamos focar em explicar o conceito para partir da psicologia de profundidade de Jung. Acreditamos que sua visão sobre os arquétipos é a que melhor se adequa para explicar como se dá, a partir de um movimento autônomo da psique inconsciente, a irrupção desses conteúdos na consciência. Como afirma Ana Taís Barros:

A noção de inconsciente coletivo de Jung aproxima-se muito do que se pode entender como o nível arquetipológico do imaginário em Durand e do que Morin (1998) designa por noosfera. Trata-se de um inconsciente da espécie que abriga as representações coletivas, ou seja, não ligadas à psique individual, herdadas por meio das imagens primordiais ou arquétipos. No sistema junguiano, os conteúdos do inconsciente coletivo são autônomos e agem sobre os indivíduos (Barros, 2014, p. 67).

Faz-se minimamente necessário, para a clara compreensão do fenômeno que tratamos, uma definição do que são os arquétipos e suas expressões na forma de imagens e comportamentos. O contraste entre a visão de Freud, segundo o qual o inconsciente seria um epifenômeno da consciência é diametralmente oposta à de Jung, cujos escritos mostram como a consciência e seu centro gestor, ou seja, a estrutura que conhecemos como ego (ou eu) é na verdade uma aquisição relativamente recente do desenvolvimento da psique coletiva; sua base se encontra nas camadas mais profundas do próprio inconsciente coletivo e isso indica que a

própria consciência é vítima de movimentos inconscientes. A maioria dos estudos comunicacionais que trazem alguma conexão com a psicologia acabam mostrando o viés freudiano de que seria possível a partir de um esforço egóico controlar ou até mesmo esgotar os conteúdos do inconsciente. De acordo com a nossa posição frente os estudos do imaginário, essa visão está equivocada, já que o inconsciente coletivo, constituído por arquétipos e instintos é o que está por trás da construção de tudo aquilo que conhecemos ou temos a possibilidade de conhecer.

Mas, afinal, o que são arquétipos? Acreditamos que não há melhor maneira de começar a compressão do conceito se não a partir de sua etimologia. Para isso, emprestamos a explicação de Paul Schmitt sobre a origem da expressão:

A primeira parte, ‘arque’, significa ‘início, origem, causa e princípio’, mas representa também ‘posição de um líder, soberania e governo’ (portanto, uma espécie de ‘dominante’); a segunda parte, ‘tipo’, significa ‘batida e o que é produzido por ela, o cunhar de moedas, forma, imagem, cópia, protótipo, modelo, ordem e norma’[...] no sentido figurado, mais moderno, ‘amostra, forma básica, figura primordial’ (a forma que se encontra na ‘base’ de uma série de indivíduos ‘semelhantes’, humanos, animais ou vegetais) (Schmitt, 1945, p.98; Jacobi, 2016, p.50).

De início, já podemos observar que o arquétipo é mais do que um motivo que se repete ao longo da história, ele é aquele que governa a própria história. Em sua obra, Jung mostra como a própria ideia de arquétipo é arquetípica quando faz comparações sobre como outros autores enxergavam a existência de forças, que hoje consideramos psíquicas, no desenvolvimento e direcionamento do comportamento humano. Muitos deles atribuíam características metafísicas a essas forças, porém, o mais importante é compreendermos que elas são capazes de uma supraordenação que ultrapassa a vontade humana de decisão e nunca são alcançadas em sua totalidade pela consciência egoica, mantendo assim sua característica transcendente:

O termo *archetypus* já se encontra em Filo Judeu como referência à *imago dei* no homem. Em Irineu também, onde se lê: ‘*Mundi fabricator non a semetipso fecit haec, sed de alienis archetypis transtulit*’ (O criador do mundo não fez essas coisas diretamente a partir de si mesmo, mas copiou-as de outros arquétipos). No *Corpus Hermeticum*, Deus é denominado τὸ ἀρχέτυπον φῶς (a luz arquetípica). Em Dionísio Areopagita encontramos esse termo diversas vezes como ‘*De coelesti hierarchia*’ αἱ ἀόλαι ἀρχετυπίαι (os arquétipos imateriais), bem como ‘*De divinis nominibus*’. O termo arquétipo não é usado por Agostinho, mas sua ideia, no entanto está presente; por exemplo em ‘*De diversis quaestionibus*’, ‘*ideae [...] quae ipsae formatae non sunt... quae in divina intelligentia continentur*’ (ideias... que não são formadas, mas estão contidas na inteligência divina). *Archetypus* é uma perífrase explicativa do εἶδος (forma, tipo, imagem) platônico. Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos –

ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos. O termo *représentations collectives*, usado por Lévy-Bruhl para designar as figuras simbólicas da cosmovisão primitiva, poderia também ser aplicado aos conteúdos inconscientes, uma vez que ambos têm praticamente o mesmo significado. Os ensinamentos tribais primitivos tratam de arquétipos de um modo peculiar. Na realidade, eles não são mais conteúdos do inconsciente, pois já se transformaram em fórmulas conscientes, transmitidas segundo a tradição, geralmente sob forma de ensinamentos esotéricos. Estes são uma expressão típica para a transmissão de conteúdos coletivos, originariamente provindos do inconsciente (Jung, 2018c, p. 12-13).

Este trabalho se propõe a tratar de fenômenos comunicacionais, porém, acreditamos na importância da conexão dessa leitura com a psicologia como área contribuinte para o entendimento dos fatos. Reafirmamos isso pela percepção de que, não é por mero acaso que encontramos uma abundância da utilização de termos e temas advindos da psicologia para nomear e explicar o comportamento comunicacional coletivo da sociedade midiática, por exemplo: narcisismo, epidemia e/ou contágio psíquico, paranoia, construção de identidade, racismo estrutural, imagem corporal, para citar somente alguns exemplos. Todas essas expressões obtêm resultado e suscitam leituras e interpretações por parte dos receptores porque trazem em seu núcleo, como imagens, temas arquetípicos.

Uma característica dos arquétipos, fundamental para o nosso trabalho, é o fato de eles serem sempre paradoxais e ambíguos, carregam em si a potencialidade de manifestações que podem ser consideradas positivas ou negativas segundo a percepção da consciência humana. Porém, essa classificação depende da moral em que sua manifestação está inserida; isto é, se pudéssemos pensar como se fôssemos um arquétipo, nos encontraríamos numa situação amoral, ou como disse Nietzsche, seria uma lugar que se encontra “além do bem e do mal” (Nietzsche, 2019). O arquétipo não é, *per se*, uma manifestação do bem ou do mal, bom ou ruim, funcional ou disfuncional. Ele carrega todas essas características em potencial e elas podem se manifestar de acordo com a situação e o posicionamento da consciência com relação aos valores socialmente determinados. Nas palavras de Jung: “As possibilidades do arquétipo, para o bem e para o mal, superam de longe nossas capacidades humanas, e um homem só pode se apropriar de seu poder identificando-se com o demônio, isto é, deixando-se possuir por ele, mas neste caso o homem se perde” (Jung, 2011a, p. 318). Apesar de Jung utilizar a expressão *demônio* no texto, é preciso nos desarmos de preconceitos cristãos, pois ele se refere aqui ao *daimon* platônico e não ao diabo descrito pelo cristianismo. É, nesse sentido, a entidade que se localiza como intermediário entre a dimensão divina e a humana, representando assim uma imagem arquetípica. Em outras palavras, o que Jung quer dizer aqui é que toda situação de identificação com um arquétipo configura uma inflação do ego e da consciência; nesse estado, o indivíduo

acredita que está no controle quando na verdade age de maneira completamente automatizada sem fazer uso de qualquer capacidade crítica reflexiva – voltaremos a isso um pouco mais à frente no texto.

A partir dessa noção, já é possível compreender que é preciso diferenciar imagem arquetípica do arquétipo em si; na prática, nunca entraremos em contato direto com um arquétipo, da mesma maneira que não é possível tocar um instinto. Temos, até certa medida e a partir do exercício crítico da consciência, a capacidade de negar a manifestação de determinados aspectos de um arquétipo. Mas somente aqueles que momentaneamente pudermos identificar e nunca em sua totalidade, pois nosso comportamento é controlado o tempo todo pela manifestação dessas estruturas. Basicamente, se negamos a manifestação de aspectos de um arquétipo pelo direcionamento da vontade consciente, estamos apenas substituindo esses aspectos por outros ou até mesmo por outro arquétipo que ganha, de alguma forma, a preponderância energética. Não existe ação humana que não esteja conectada a um arquétipo. Duas afirmações se fazem importantes no processo de diferenciação entre o arquétipo e sua manifestação enquanto imagem. A primeira com relação ao número de arquétipos existentes, sobre isso, afirma Jung:

Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica, não sob a forma de imagens preenchidas de um conteúdo, mas precipuamente apenas *formas sem conteúdo*, representando a mera possibilidade de um determinado tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponder a um arquétipo, este é ativado e surge uma compulsão que se impõe a modo de uma reação instintiva contra toda a razão e vontade, ou produz um conflito de dimensões eventualmente patológicas, isto é, uma neurose (Jung, 2018c, p. 57).

Completando a noção de que nunca entraremos em contato direto com um arquétipo, encontramos nas palavras de Jolande Jacobi:

(...) devemos sempre distinguir nitidamente entre arquétipo e representação arquetípica ou ‘imagem arquetípica’. Enquanto o arquétipo, como ‘ponto nodal invisível’, ainda repousa no inconsciente coletivo, ele não pertence ao âmbito psíquico do indivíduo, mas apenas ao seu âmbito ‘psicoide³⁹’, semelhante à psique (Jacobi, 2016, p. 42).

Para compreender melhor essa afirmação, devemos manter em mente o tempo inteiro a ideia de que instinto e arquétipo são dois lados da mesma moeda e, embora não sejam a mesma coisa, podem ser compreendidos como sinônimos. Como afirma Jung: “Chamei essas estruturas de arquétipos porque elas funcionam de maneira muito semelhante aos comportamentos

³⁹ Conceito que indica o estado simultâneo e indiferenciado do arquétipo enquanto físico e psíquico, assim como coletivo e transpessoal.

instintivos” (Jung, 2011e, p. 286). Portanto, podemos considerar o instinto como sendo o lado biológico da estrutura, enquanto o arquétipo é seu correlato psicológico. Sentimos os efeitos dos instintos e dos arquétipos sem nunca os ver diretamente. O que podemos observar são somente imagens dessas manifestações, lembrando aqui a ideia de que tudo aquilo que podemos descrever a partir do exercício da consciência é imagem. Portanto, não nos referimos somente a imagens visuais, mas a toda percepção fenomenal que pode ser conscientizada. Jung afirma que a psique cria imagem (Jung, 2013) e nós encontramos a mesma ideia, mesmo que explicada de maneira diferente, na concepção de categorias de localização ambiental das imagens como podendo ser endógenas ou exógenas, de acordo com Hans Belting (2014). Nas palavras de Norval Baitello Jr:

São duas realidades profundamente distintas quando falamos de nossas imagens interiores (dentre as quais, aquelas dos nossos sonhos) e quando falamos de anúncios publicitários na tevê ou dos inúmeros painéis, outdoors, cartazes, anúncios publicitários em revistas, jornais, muros, postes, paredes, nas ruas, nos prédios, projetadas ou pintadas no chão. Experimentos médicos já comprovaram que nossas primeiras imagens são interiores, endógenas, produzidas ainda na vida intrauterina (Baitello Jr., 2012, p. 111).

O autor ainda irá continuar explicando como as imagens, sendo também visuais, podem ser táteis, olfativas, auditivas, gustativas ou proprioceptivas. Unindo essa visão ao que afirma Jung, podemos dizer que tudo aquilo a que podemos nos referir, tudo o que podemos descrever e explicar, sendo o fenômeno interno ou externo, só pode ser compreendido a partir de uma imagem. Os temas arquetípicos podem ser identificados a partir da descrição de imagens. A imagem em si não é um arquétipo, mas o tema arquetípico pode ser abstraído da imagem. Se alguém diz que sente algo estranho na região da barriga, podemos pensar que se trata da manifestação do instinto da fome. Retiramos assim um dos aspectos arquetípicos da imagem que se apresenta, seja ele verdadeiro e/ou mera projeção dos conteúdos da nossa própria psique. Porém, como somos animais simbólicos, também poderíamos supor que aquilo é uma expressão de ansiedade, teríamos então outro tema arquetípico que pode se manifestar em conjunto ou separadamente do anterior. Ainda assim não sabemos se a ansiedade é do outro ou ainda se trata da nossa própria, projetada na imagem. Fome e ansiedade podem aparecer juntos ou separados numa imagem, podem surgir como causa e/ou consequência um do outro numa relação de infinitas possibilidades de configuração. Nós podemos, a partir da imagem, apenas identificar o que é possível para a consciência enxergar naquele determinado momento. A quisa de exemplo, escolhemos apenas duas interpretações possíveis, porém, elas também poderiam ser infinitas. A imagem, segundo Jung:

A imagem é uma *expressão concentrada da situação psíquica como um todo* e não simplesmente ou sobretudo dos conteúdos inconscientes. É certamente expressão de conteúdos inconscientes, não de todos os conteúdos em geral, mas apenas os momentaneamente constelados. Esta constelação é o resultado da atividade espontânea do inconsciente, por um lado, e da situação momentânea da consciência, por outro, que sempre estimula a atividade dos materiais subliminares relevantes e inibe os irrelevantes. A imagem é, portanto, expressão da situação momentânea, tanto inconsciente quanto consciente. Não se pode, pois, interpretar seu sentido só a partir da consciência ou só do inconsciente, mas apenas a partir da sua relação recíproca (Jung, 2013, p. 458).

Após esse pequeno desvio sobre o conceito de imagem, mas que se mostra importante para que possamos seguir em nosso aprofundamento, devemos compreender que o par instinto-arquétipo possui teleologia intrínseca, ou seja, em si e por si, busca a sua realização através do indivíduo. Isso ocorre independentemente de a pessoa ter ou não consciência sobre o processo:

Além disso, os instintos não são vagos e indeterminados por sua natureza, mas forças motrizes especificamente formadas, que perseguem suas metas inerentes antes de toda conscientização, independentemente do grau de consciência. Por isso eles são analogias rigorosas dos arquétipos, tão rigorosas que há boas razões para supormos que os arquétipos sejam imagens inconscientes dos próprios instintos; em outras palavras, representam o *modelo básico do comportamento instintivo* (Jung, 2018c, p. 53).

Isso poderia ser interpretado como uma visão finalista da vida humana, no sentido de que o destino do indivíduo já estaria determinado por forças psíquicas hierarquicamente superiores à consciência, como se ele não pudesse fazer outra coisa a não ser seguir o que já está determinado. Porém, não é disto que se trata. O papel fundamental da consciência do ego é continuar o processo criativo e ativo de criação de consciência da manifestação arquetípica através da compressão das imagens que se manifestam. O arquétipo tende à concretização, isso poderá se dar a partir de uma ação conjunta e criativa do ego que se relaciona harmoniosamente com o inconsciente ou através de manifestações sintomáticas que podem variar em grau. De qualquer forma, para os estudos do imaginário, talvez o aspecto mais importante seja compreendermos que o ser humano pode se servir de maneira consciente e criativa desse manancial de potencialidades:

A concepção junguiana de uma memória ancestral como fenômeno psíquico converge com a noção de imaginário como um grande reservatório de estratégias de enfrentamento do mundo do qual a humanidade se serve. As duas ideias supõem um subsolo (arquetípico em Jung, schématique em Durand) que, apesar de dinâmico, já está lá. Isso aparentemente nega a criatividade, mas deve-se observar que não se trata de um futuro que já está lá (Barros, 2014, p. 64).

Resumindo essa parte sobre os arquétipos, depreendemos das palavras de Jolande Jacobi que o que podemos fazer com relação à manifestação dos arquétipos é fornecer-lhes forma de maneira consciente:

Os conteúdos arquetípicos acompanham a estrutura psíquica do indivíduo na forma de possibilidades latentes, bem como de fatores tanto biológicos como históricos. Cada arquétipo é sempre atualizado de acordo com a vida exterior e interior do indivíduo e, ao receber forma, aparece na frente da câmara de consciência, ou como diz Jung, é ‘representado’ diante da consciência (Jacobi, 2016, p. 58).

Caminhando para o final dessa essencial explicação sobre a teoria dos arquétipos, devemos compreender também como eles estão conectados com a mitologia, afinal, sabemos da importância dos estudos mitológicos para a compreensão dos processos e fenômenos do imaginário e de como eles se manifestam na mídia. Como afirma Malena Contrera:

A única conclusão possível, e que nos parece bastante clara, é a da validade do papel que os textos culturais desempenham – os do Mito e os da Mídia – como manifestações autênticas do embate existencial desse ‘homo-crísico’ que, por meio de metáforas, conta histórias, conta estrelas, conta fatos para viver (Contrera, 1996, p. 108).

Ora, poderiam perguntar por que, então, ao invés de falarmos de arquétipos, não usamos simplesmente a ideia – já muito explorada em várias publicações sobre estudos do imaginário – da importância dos mitos para a compreensão de fenômenos comunicacionais? Na nossa visão, é preciso, paradoxalmente, ampliar dando um passo para trás no sentido de mostrar como as narrativas mitológicas são expressões simbólicas dos dramas arquetípicos; estão, portanto, conectados, mas não são sinônimos. Os mitos revelam, assim como os sonhos, aspectos da dimensão arquetípica-instintiva, mas nunca sua totalidade, assim como qualquer outra imagem. Mais uma vez, recorremos às palavras de Jung:

Esses motivos não são de modo algum *inventados* e sim *descobertos*, constituindo formas típicas que aparecem, de maneira espontânea e universal, independentes da tradição nos mitos, contos de fada, fantasias, sonhos, visões e ideias delirantes. Uma investigação mais cuidadosa mostra que se trata de atitudes típicas, de modos de agir, de formas de ideias e impulsos que devem constituir *o comportamento tipicamente instintivo da humanidade*. O termo *arquétipo* por mim escolhido coincide com o conceito tão conhecido na biologia de ‘*pattern of behaviour*’. Não se trata de maneira alguma de *ideias* herdadas, mas de *impulsos e formas instintivas herdadas*, tais como observamos em todo ser vivo (Jung, 2011e, p. 296).

Devemos manter nossa reflexão, compreensão e entendimento sobre a teoria dos arquétipos de forma paradoxal, e não encontramos melhor maneira de expressar isso se não com as palavras de Jolande Jacobi:

É impossível oferecer uma definição exata de arquétipo; talvez o termo ‘delinear’ aqui pudesse ser entendido, em sentido mais lato, como ‘parafrapear’ em vez de ‘descrever’. Porque o arquétipo representa um profundo enigma que supera nossa capacidade de apreensão racional; ‘o que um conteúdo arquetípico sempre expressa é, antes de tudo, uma metáfora’, ele contém sempre algo que permanece desconhecido e informulável (Jacobi, 2016, p. 39).

Nesse sentido, precisamos recorrer aos mitos para caminhar no processo de criação de consciência, delineando, parafrapear e metaforizando as experiências humanas, arquetípicas por natureza. Buscamos assim compreender pelas imagens, manifestadas através de narrativas, cada vez mais o que somos enquanto indivíduos que formam coletividades. Jung traz o exemplo mais claro da necessidade de refletirmos sobre esses fenômenos quando fala dos acontecimentos que seguiram nas décadas de 1930 e 1940 e que culminaram na Segunda Guerra Mundial:

Se trinta anos atrás alguém tivesse ousado prever que o desenvolvimento psicológico tendia para uma nova perseguição dos judeus como na Idade Média, que a Europa estremeceria de novo diante do *fascio* romano e do avanço das legiões, que o povo conheceria de novo a saudação romana como há dois mil anos atrás e que, em lugar da cruz cristã, uma suástica arcaica atrairia milhões de guerreiros prontos para morrer – tal pessoa seria acusada de ser um místico louco. E hoje? Por mais consternador que possa parecer, todo este absurdo é uma realidade terrível. A vida privada, motivos e causas particulares e neuroses pessoais quase se tornaram uma ficção no mundo hodierno. O homem do passado, que vivia num mundo de *représentations collectives* arcaicas, ressurgiu para uma vida visível e dolorosamente real, e isto não só em alguns indivíduos desequilibrados, mas em muitos milhões de seres humanos (Jung, 2018c, p. 57).

Entre as funções da consciência, encontramos uma que podemos dizer que se apresenta como fundamental para que a própria consciência continue sendo criada: a diferenciação. Para agir e servir à coletividade, o indivíduo não pode se confundir com a mesma, do contrário, o que encontramos é a massificação que, do ponto de vista junguiano, não passa de uma identificação com o arquétipo e, segundo o autor: “O perigo está exatamente nesta identidade inconsciente com o arquétipo (...)” (Jung, 2011a, p. 313).

As fronteiras entre o bem e o mal serão sempre borradas e fantasiosamente definidas de maneira clara apenas por aqueles que acreditam de forma monoteísta e maniqueísta na expressão categórica das emoções e valores humanos. Exatamente esse exagero da racionalidade leva à cegueira patologizante que nega o diverso e a alteridade (Hillman, 2016). Ao contrário do que muitos pensam, a razão cega é o contrário da inteligência (Camus, 2019) e na contemporaneidade impera a cegueira causada pela luz constante das telas que invadem nossa existência (Balestrini Jr.; Contrera; Maia, 2024). A expressão criativa humana se dá a

partir da permeabilidade e do encontro daquilo que conhecemos com aquilo que estamos prestes a conhecer. Sem aquilo que ainda não sabemos, não conseguimos criar algo. A novidade não surge do que já sabemos, mas *do* e *no* encontro do conhecido com o desconhecido e da sustentação volitiva consciente desse paradoxo até que possa surgir uma via antes inexistente (Balestrini Jr., 2022; Jung, 2011b). Por isso, não devemos julgar conhecer uma narrativa mitológica em sua totalidade. Os mitos descrevem, da melhor maneira possível, algo que nunca poderá ser conhecido completamente, ou seja, ele são simbólicos por natureza (Jung, 2013; 2018c). Nesse sentido, os mitos carregam aspectos sobre a nossa própria psique que desconhecemos no espaço da consciência. Eles mantêm, como qualquer símbolo, segredos, enigmas e mistérios, não em qualquer sentido metafísico, mas sim como portadores de conteúdos arquetípicos que nunca poderão ser integrados completamente pela consciência (Jacobi, 2016).

Um arquétipo em sua perfeição é, na verdade, íntegro. Como dissemos muitas vezes, traz em si, assim como um instinto, a potencialidade de se expressar de maneira funcional ou disfuncional, e os mitos narram, em situações que podem parecer exageradas à primeira vista, a dinâmica de funcionamento e relacionamento entre os personagens arquetípicos e a estrutura central que deveria atuar como centro gestor da consciência, o próprio ego humano (Jung, 2018c).

CAPÍTULO III – DESINFORMAÇÃO, *FAKE NEWS* E FASCISMO

*“Um mundo que se pode explicar, mesmo que com
raciocínios errôneos, é um mundo familiar.”*
Alber Camus

3.1 Fascinação, (des)informação e suas raízes arquetípicas

O *fascinus* é sempre fascinante e, inclusive, as duas palavras estão relacionadas etimologicamente. Na língua portuguesa, o termo *fascínio* é utilizado para descrever o poder de encantamento, magnetismo ou atração que algo ou alguém pode exercer sobre outrem (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2024).

A raiz etimológica da palavra é encontrada no Latim, na expressão *fascinare*, que denota o ato de lançar um feitiço, mas, mais especificamente e literalmente, o verbo descreve o ato de usar o poder do deus *fascinus* (Origem da Palavra, 2024). Também conhecido como *fascinum*, essa divindade grega tem como representação original a imagem de um falo com asas (Figura 1), ela representa a encarnação do falo divino, ou, como vamos nos referir a ele muitas vezes em nosso texto, o *Phallos* (Monick, 1987). Aproveitamos para explicar que adotamos nesse trabalho a seguinte padronização: quando usarmos a expressão *Phallos*, estaremos nos referindo à divindade, e quando quisermos falar do órgão sexual masculino, utilizaremos a expressão falo ou pênis. Porém, nos momentos em que for preciso uma desambiguação, por exemplo quando falarmos de energia ou expressões fálicas, faremos isso no próprio texto. Se mantivermos a ambiguidade presente, é porque ela é necessária como forma de expressar a confusão ou a manifestação da divindade através de um objeto ou imagem da concretude.

Figura 1 - Fascinus ou fascinum, divindade itifálica alada grega, representada aqui num amuleto



Fonte: Wikimedia Commons, 2024

Minimamente, a imagem desperta a curiosidade e, mesmo que o indivíduo se negue a entrar ou manter o contato com ele, existe um mecanismo inconsciente funcionando que não deixa a angústia causada pelo contato visual com essa divindade simplesmente desvanecer.

Isso acontece sempre que nos encontramos perante uma imagem simbólica, uma imagem que se recusa, como personagem portadora de autonomia, a aceitar uma interpretação reducionista e categórica de si. Embora seja possível discutir que o simbolismo de uma imagem está mais na atitude do sujeito que a recebe do que no objeto em si, em alguns casos, parece que não podemos impedir a imaginação e a fantasia de entrar em ação quando nos deparamos com determinadas imagens; é realmente como se a imagem tivesse vida própria (Hillman, 2019). Nesse sentido, ela impõe basicamente duas possibilidades de categorias comportamentais que podem ser desdobradas e ampliadas, mas que podem também ser resumidas da seguinte forma:

a) na impossibilidade da explicação racionalizada e racionalizante da imagem, é performada uma fuga através de comportamentos que vão desde o desdém até a jocosidade perante a figura do falo alado, podendo existir também negações dramáticas carregadas de

moralismos religiosos institucionalizados. Isso se dá exatamente na tentativa desesperada de impedir que a fantasia tome corpo – embora, na verdade, sabemos que ela já está em ação;

b) o indivíduo se vê obrigado a adentrar o pensamento metafórico e compreender que a imagem é simbólica e fala mais do que parece dizer. Ambos os comportamentos sofrem de uma ativação da imaginação ou pensamento fantasia autônomos da psique (Hillman, 2019; Jung, 2013).

Disso não temos como fugir, porque é assim que a mente humana funciona, a psique cria imagens e somente através delas a consciência pode conhecer, reconhecer, explicar, categorizar e compreender algo (Damásio, 2015; Jung, 2011b). Não podemos deixar de mencionar que, quando falamos aqui sobre imagens, não estamos nos referindo apenas às suas representações visuais. A imagem pode ser também olfativa, gustativa, auditiva ou proprioceptiva (Baitello Jr., 2012; Balestrini Jr., 2023b).

No caso em questão, estamos direcionando o olhar, literalmente, para as imagens visuais. A diferença fundamental entre as duas categorias de comportamento perante a imagem de que tratamos – ou qualquer outra para todos os efeitos – está na possibilidade de, no caso da categoria “b”, através do exercício do pensamento simbólico, permitir que a imaginação preencha os vazios necessários para que a ampliação e a criação da consciência ocorra (Edinger, 1984; Jung, 2013). Ou, ao contrário, no caso da alternativa ‘a’, impedir, através de um rebaixamento cognitivo literalizante e unilateralizante que isso ocorra, o que leva à paranoia coletiva (Hillman, 2016), em que, aparentemente, vivemos como sociedade nos dias atuais. Voltaremos a discutir com mais profundidade o mecanismo psicológico e a dimensão arquetípica do *fascinus*, por enquanto, o que precisamos manter em mente é o fato de que, por trás da fascinação que as *Fake News* causam está, entre outras coisas, a manifestação do *Phallos*, mesmo que ela apareça atualmente de maneira completamente dissimulada para os olhos leigos. Sempre que o fascínio toma conta do comportamento do indivíduo ou da massa, levando a comportamentos impensados e irrefletidos, estamos perante uma irrupção do poder do *fascinus*. Essa divindade masculina, conectada, como vamos ver ao longo deste trabalho, com a criação da própria consciência de que nos orgulhamos tanto na sociedade contemporânea, vinga-se de ser tratada com descaso e irrompe trazendo para a superfície e para o comportamento coletivo seus aspectos mais sombrios que podem se manifestar de maneiras realmente perniciosas (Monick, 1987). Lembramos que isso acontece com qualquer outro arquétipo negado ou vítima de tentativas pírias de controle egoico (Jacobi, 2016; Jung, 2018c), porém, especificamente sobre o *Phallos*, Eugene Monik afirma:

Phallos é obviamente capaz de tal horror, particularmente quando a ameaça de castração — real ou imaginária — entra em cena de uma fonte feminina ou masculina. Phallos é um deus primitivo e ciumento que não tolerará nenhum desafio sério à sua autoridade. Raro é o homem que nunca sentiu o desejo de destruir quem ou o que quer que ameaçasse o centro de sua identidade⁴⁰ (Monick, 1987, p. 94, tradução nossa).

Não queremos reduzir o fenômeno das *Fake News* apenas a esse aspecto, sabemos que várias análises são possíveis e necessárias se quisermos ter uma visão melhor e mais ampla do funcionamento do mecanismo por trás da produção e disseminação de notícias falsas (Gelfert, 2018). O que oferecemos aqui é, talvez, um ponto de vista que poucos pesquisadores tenham observado e/ou se debruçado acerca das *Fake News*. Nossa reflexão e aprofundamento partem de uma perspectiva dos estudos do imaginário (Jacobi, 2016; Jung, 2018c; Morin, 2008), que leva em consideração a dimensão arquetípica subjacente ao que podemos observar na superfície do fascínio que as *Fake News* causam. Cada imagem criada ou manipulada, ou cada conjunto de imagens produzidas com objetivos de manipulação da massa pode ser estudada. Em cada uma delas é possível encontrar núcleos arquetípicos disfarçados em estereótipos que levam à identificação de grande parte da população que acaba ajudando com o compartilhamento e disseminação delas. Existem trabalhos que propõem esse tipo de discussão, revelando alguns arquétipos que se apresentam como diretores em determinadas ideias, comportamentos, conteúdos publicados e compartilhados em diferentes meios midiáticos (Contrera; Torres; Balestrini Jr., 2021; Lins; Lopes, 2018). Nossa pesquisa olha para o fenômeno de um outro ponto de vista, de onde queremos encontrar alguns dos aspectos arquetípicos que estão por trás da própria produção, disseminação e fascínio pelas *Fake News*. Acreditamos que, pelo menos um dos deuses responsáveis por isso, é o falo alado conhecido como *fascinus* ou *Phallos*.

3.2 O que compreendemos por *Fake News*

Definir *Fake News* não é uma tarefa fácil, visto que são muito numerosos os artigos que tratam desse conceito e, como qualquer outra ideia, ela está em constante evolução e mudança. Will Oremus (2017) afirmou que o termo ganhou vida própria e passou a ser utilizado popularmente para descrever vários tipos diferentes de desinformação, mesmo que não sejam considerados tecnicamente e academicamente como *Fake News*. É possível encontrar pessoas utilizando o termo simplesmente como sinônimo da palavra mentira, se referindo a qualquer

⁴⁰ No original: Phallos is obviously capable of such horror, particularly when the threat of castration - real or imagined - enters the picture from either a feminine or a masculine source. Phallos is a primitive jealous god who will tolerate no serious challenge to his authority. Rare is the man who has never felt the urge to destroy whomever or whatever threatened the center of his identity.

tipo de publicação em redes sociais que possam trazer informações falsas ou simplesmente pelo desejo de que elas não sejam verdadeiras. O termo é utilizado até como gíria em conversas informais para indicar possíveis mentiras, o que causa ainda mais confusão. No meio acadêmico, além de encontrarmos pesquisadores que parecem querer definir o conceito de *Fake News* de maneira científica, vemos também muitos artigos que trazem o que mais parecem disputas intelectuais que nos fazem andar em círculo com relação ao tema (Gelfert, 2018).

Por isso, procuramos os artigos com maior número de citações e que estivessem publicados em revistas de maior impacto científico para fundamentar a definição que utilizamos aqui. Outro dado importante é o fato de que nossa pesquisa foca nos aspectos comportamentais por trás do fenômeno, e não diretamente na definição técnica do que são as *Fake News*, obviamente que compreender com clareza o conceito é importante e irá auxiliar em nossa pesquisa, mas não se trata disso a nossa problematização principal.

Partindo desse ponto de vista, é preciso iniciar nossa reflexão a partir da compreensão do fato de que qualquer publicação, seja ela feita em redes sociais ou não, trata de informação, mesmo que a intenção por trás seja a de desinformar. O fato é que a desinformação é também informação (Gelfert, 2018). Não podemos partir da ideia de que o indivíduo que entra em contato com determinado dado divulgado nas diferentes mídias possui de antemão o conhecimento para refletir se aquilo que está sendo divulgado tem qualquer grau de veracidade ou não. Esse mecanismo, unido a uma complexidade de outros fatores, faz com que a informação recebida que, podendo variar entre ser completamente falsa e inventada, ou trazer algumas poucas parciais e manipulações, seja simplesmente tomada como verdade (Pennycook; Rand, 2021). Do ponto de vista psicológico, entendemos que qualquer que seja a informação, mesmo que falsa, irá despertar emoções, memórias e ativar padrões de comportamentos (Jung, 2011b). Mesmo que o indivíduo desconfie da legitimidade da informação, somente o fato de ser necessário averiguar a veracidade daquilo prova o nosso argumento.

Uma outra base importante da qual precisamos partir, e que nos auxiliará a compreender como um conteúdo externo – ou seja, uma informação recebida – atua no imaginário do indivíduo e da massa, causando identificações, incitando comportamentos, confirmando ou distorcendo opiniões, é a de que aceitamos a existência de duas realidades diferentes que se encontram e se influenciam mutuamente: a realidade imaginal e a realidade concreta (Hillman, 2015). Devemos clarificar então que, do ponto de vista dos estudos do imaginário, não podemos confundir realidade com concretude. Com fundamento na psicologia profunda, afirmamos que real é tudo aquilo que influencia o comportamento humano, seja essa realidade imaginal ou

concreta, interna ou externa à psique do indivíduo; o mesmo princípio desemboca na diversidade da própria psicologia humana. Afirma C. G. Jung:

É uma tirania intolerável supor que existe apenas *uma* psicologia ou apenas um princípio psicológico fundamental; isto é um preconceito pseudocientífico do homem comum. Fala-se sempre *do* homem e de sua ‘psicologia’, como se não existisse ‘outra coisa do que’ esta psicologia. Também se fala *da* realidade como se existisse apenas esta única. Realidade é o que atua na alma humana, e não o que alguns acham que lá atue, fazendo generalizações pré-concebidas (Jung, 2013, p. 55).

Poderíamos dizer também que a primeira, ou seja, a realidade imaginal, é constituída pelas imagens endógenas, enquanto a segunda, a realidade concreta, é ambiente das imagens exógenas; utilizamos aqui a definição de imagens proposta por Hans Belting (Belting, 2014), mas também não podemos deixar de lembrar que a leitura que fazemos das imagens, sejam elas internas ou externas, tem seu fundamento nas nossas projeções e conteúdos subjetivos.

Essa cisão pode parecer desnecessária num primeiro momento, mas é exatamente a impossibilidade ou incapacidade de fazê-la que irrompe em patologias comportamentais, sejam elas individuais ou coletivas, pontuais ou epidêmicas (Jung, 2011c). Como era pregado pelos antigos tratados alquímicos e por diferentes escolas da medicina oriental tradicional e milenar, para que um sistema funcione em união, é preciso que suas partes desempenhem de forma efetiva, cada uma separadamente, suas funções singulares (Jung, 2018b; Maciocia, 1996). Quando unimos, de maneira inconsciente, a realidade imaginal com a realidade concreta, desenvolvemos as mais variadas doenças psicológicas que obviamente terão impacto direto nas nossas decisões e ações concretas. A saúde está, portanto, na capacidade de perceber que ambas as realidades influenciam nossa vida e que ambas podem ter maior ou menor peso dependendo das situações e dos momentos em que nos encontramos (Jung, 2011b). Aqui já se apresenta algo de extrema importância para o funcionamento das *Fake News*; como a veracidade das informações apresentadas é praticamente impossível de ser confirmada na mesma velocidade com que elas se espalham, o que vale é a identificação inconsciente, ou seja, a projeção de conteúdos imaginais negados ou desconhecidos que habitam a subjetividade do receptor e acabam depositados na informação divulgada. Nesse caso, a realidade imaginal fica confundida com a realidade concreta. O objeto concreto portador de informações, sejam elas verdadeiras, falsas ou parcialmente manipuladas, torna-se depósito da projeção do mundo imaginal paranoico do indivíduo – como indicamos antes, a paranoia será discutida com maior profundidade oportunamente.

Um outro fato que contribui para a divulgação das *Fake News* é que sua reprodução e compartilhamento acontecem mais por ideologia e lealdade política do que por qualquer

compromisso que o indivíduo possa ter com a verdade (Van Bavel; Pereira, 2018). Ou seja, o indivíduo pode responder de maneira reativa à realidade imaginal, sem levar em consideração ou simplesmente ignorando por motivos ideológicos a realidade concreta. Mais uma vez aqui a informação, mesmo sendo falsa, passa a circular informando aqueles que se identificam ou não com ela, independentemente de sua veracidade. Nesse ponto, alcançamos algo importante para a nossa pesquisa: nosso foco está na motivação da produção e divulgação de *Fake News*, naquilo que se revela como comportamento estereotipado e estereotipificante e está por trás das publicações. Isso corrobora algo apontado por Byung-Chul Han, quando o autor afirma que:

Afetos são mais rápidos do que a racionalidade. Em uma comunicação afetiva, não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular. Desse modo, *fake news*, notícias falsas, geram mais atenção do que fatos. Um único *tuíte* que contenha *fake news* ou fragmentos de informações descontextualizadas é possivelmente mais efetivo do que um argumento fundamentado (Han, 2022, p. 37).

Em resumo, a comunicação afetiva é mais efetiva do que qualquer outra. Isso funciona dessa maneira porque esse tipo de divulgação de informação apela diretamente para a realidade imaginal, a qual, sendo negada na contemporaneidade, acumula necessidade energética de irrupção (Contrera; Torres; Balestrini Jr., 2021). Em outros termos, existe uma força atratora entre os conteúdos renegados do inconsciente e as imagens exógenas que possam servir de depósito da projeção desses conteúdos. Uma vez que imagens que correspondam a esses conteúdos surjam, por exemplo, nas redes sociais, essa força de atração afetiva entra em ação e o que acontece a partir daí é mecanismo automático que não pode, na maioria das vezes, ser impedido.

Fato é que as *Fake News* não são completamente e categoricamente mentiras. O que elas fazem, na verdade, é desfactizar a realidade (Han, 2022, p. 84) através de fusões e confusões de dados da realidade imaginal e da realidade concreta. Podemos falar de uma cegueira parcial com relação aos fatos concretos; em outras palavras, eles serão úteis desde que usados para confirmar o estado de paranoia coletiva em que nos metemos como sociedade. Na raiz da paranoia, encontramos exatamente a incapacidade de compreender e separar o que é literal daquilo que é imaginal (Hillman, 2016). Essa cegueira parcial e, de certa forma, ideológica, é um dos fatores fundamentais para a proliferação de *Fake News*. Se elas pudessem ser simplesmente desmentidas, não teriam tanta força quanto possuem por serem uma união de dados literais com explicações imaginais estapafúrdias e paranoicas, ou seja, elas não podem ser desmentidas completamente porque trazem alguns fatos concretos. Nesse sentido, ficamos com mais uma frase de Byung-Chul Han que afirma: “Quem é cego aos fatos e à realidade,

constitui um perigo maior à verdade do que o mentiroso” (Han, 2022, p. 84). Não podemos deixar de dizer que essa cegueira pode ser, na nossa visão, pelo menos de dois tipos; uma que poderíamos classificar como verdadeira, em que o indivíduo realmente não enxerga a realidade porque está aprisionado numa dinâmica paranoica (Hillman, 2016); outra em que a pessoa escolhe conscientemente fingir que não vê os fatos, ou que os vê de determinada maneira com a intenção de reforçar os valores nos quais acredita, sejam eles democráticos ou não (Pennycook; Rand, 2021).

Unindo e não apenas confundindo os fatos listados até agora com relação ao funcionamento do mecanismo por trás da produção e consumo das *Fake News*, chegamos a conclusão de que, para o nosso recorte, a seguinte definição, oferecida por Axel Gelfert, é a que melhor se adequa aos nossos objetivos acadêmicos: “Notícias falsas são a apresentação deliberada de alegações (tipicamente) falsas ou enganosas como notícias, onde as alegações são enganosas a partir de um projeto”⁴¹ (Gelfert, 2018, p. 108).

A chave nessa definição sucinta, direta e clara, é o fato de o autor insistir no aspecto intencional da apresentação das *Fake News*; existem projetos, objetivos e desígnios na sua fabricação; e o outro aspecto fundamental é que os conteúdos são apresentados como notícias. Esse é um outro problema que surge junto com a generalização a que nos referimos anteriormente. Quando qualquer possível mentira, dados inventados ou até mesmo fatos que queiram ser desacreditados são simplesmente chamados de *Fake News*, temos uma escalada da popularização do termo que atrapalha a compreensão clara do que estamos tentando tratar academicamente. Tecnicamente, pelo menos a partir do nosso ponto de vista, só podemos chamar de *Fake News* informações falsas ou manipuladas que são apresentadas na forma de notícias. Enfatizamos, mais uma vez, o fato de que existe claramente uma intenção de enganar o receptor, e isso se revela também no formato jornalístico que a notícia falsa traz (Silva Gomes; Dourado, 2019).

A clara intencionalidade por trás da produção e divulgação de *Fake News* é fundamental para a nossa análise, como iremos ver, porque também insistimos de maneira geral em nossas pesquisas no campo da comunicação e da psicologia no uso do imaginário de maneira ideológica para a manipulação das massas (Contrera; Torres; Balestrini Jr., 2021). Sem levar em consideração o papel da psicologia por trás dos fenômenos comunicacionais, não atingiremos suas camadas estruturais mais profundas, temos como exemplo o trabalho de Wilhelm Reich (1988), quando o autor lançou alguma luz sobre o funcionamento do fascismo

⁴¹ No original: “Fake News is the deliberate presentation of (typically) false or misleading claims *as news*, where the claims are misleading *by design*”.

e da massa afirmando que um dos aspectos mais importantes para o estabelecimento do regime foi o misticismo que fazia parte do processo e não somente seus aspectos sociais e econômicos; afirma o autor:

(...) se o fascismo se apoia com tanto êxito no pensamento místico e nos sentimentos místicos das massas, o combate ao fascismo só pode ter perspectivas de êxito se o misticismo for entendido e sustado o contágio das massas, através da higiene mental e da educação. Não é suficiente que as concepções científicas do mundo progridam, se esse progresso for tão lento que vá sendo cada vez mais ultrapassado pelo contágio místico (Reich, 1988, p. 106).

3.3 *Fake News*, estereótipos e imagens

Como afirma Renê Braga: “Em um período em que é cada vez mais comum se orientar por associações baseadas em estereótipos, as *fake news* se utilizam de todos os meios possíveis de comunicação para atrair a atenção dos usuários” (Braga, 2018, p. 207). Um dos fatores que determina a potência das *Fake News* está apoiado no fato de elas estarem fundamentadas na utilização de estereótipos, mas, apesar de concordarmos com o autor nesse sentido, discordamos da ideia de que isso é “cada vez mais comum”. Nesse sentido, preferimos ficar com a visão de Cláudio Paolucci e colaboradores que dizem: “Como os estereótipos moldam nossa percepção do mundo, não podemos simplesmente apagá-los. Portanto, temos que aprender a maneira correta de habitá-los”⁴² (Paolucci; Martinelli; Bacaro, 2023, p. 7-8, tradução nossa). Ou seja, o mundo sempre foi e ainda é percebido e compreendido através do contato com os estereótipos; isso não é algo novo, esse mecanismo determina a construção social, cultural e da própria personalidade humana individual desde sempre.

A grande diferença na contemporaneidade é a velocidade com que esses estereótipos se espalham. A propaganda utilizada durante a Segunda Guerra Mundial como ferramenta para a manipulação da massa teve um papel fundamental reforçando antigos e criando novos estereótipos que confirmassem a necessidade e justificassem as ações fascistas, na Itália, e nazistas, iniciadas na Alemanha (Herrendoerfer; Fest, 1977). Mas, longe de ser algo pontual, essa propaganda contava com narrativas mitológicas que, interpretadas de maneira equivocada, reforçavam os estereótipos alemães com relação ao povo judeu (Girard, 2020). Embora a propaganda dessa época não pudesse ainda ser chamada tecnicamente de *Fake News* nos termos atuais, poderemos ver no próximo item desse capítulo, como elas eram similares no sentido de

⁴² No original: “Since stereotypes shape our perception of the world, one cannot simply delete them. Therefore, we have to learn the proper way to inhabit them.”

trazer informações e imagens manipuladas propositalmente, ou seja, elas eram intencionalmente criadas com objetivos ideológicos.

Uma característica que se apresenta como fundamental para que as *Fake News* funcionem de maneira efetiva, atingindo o objetivo de manipulação pretendido, é a velocidade de reprodução de novas *Fake News* que tragam repetições das informações divulgadas ou que estejam conectadas tematicamente. Quanto mais o rumor se torna familiar, maior é a chance de ser acreditado como verdade (Pennycook; Rand, 2021).

As redes sociais permitem, por vários motivos diferentes, que mensagens de ódio e intolerância sejam disseminadas numa escala de velocidade altíssima, atingindo quantidades muito maiores de pessoas num espaço de tempo muito mais curto do que acontecia no passado não muito distante (Teixeira; Medeiros, 2020). Ainda podemos encontrar entre os exemplos mensagens que trazem a informação apenas textualmente. Porém, podemos dizer que a maioria se trata de imagens com alto apelo visual carregando pouco conteúdo textual. Um exemplo disso é o fato de que a utilização de montagens fotográficas na imprensa com fins de manipulação política da massa também não é algo novo em nossa sociedade, mas que ganhou força nos últimos anos (Souza, 2023). A facilidade que atingimos, através do desenvolvimento tecnológico, para a produção e manipulação de imagens visuais, tem papel importante nesse fenômeno (Beiguelman, 2020). Carregamos em nossos bolsos ferramentas que nos permitem criar e disseminar imagens, em sua maioria, mas não exclusivamente, visuais que reforcem apenas os nossos comportamentos e maneira de pensar impedindo a possibilidade de manifestação da alteridade. Esse é o mecanismo narcisista por trás do funcionamento das redes sociais em geral (Han, 2021; Torres; Balestrini Jr.; Souza, 2021), mas que leva também à propagação de *Fake News*. Quanto menor o grau de complexidade das imagens, maior a chance de elas não deixarem espaço para o exercício da capacidade reflexiva do receptor. Assim, os estereótipos são disseminados levando à categorização reducionista de indivíduos e grupos a rótulos carregados de conteúdos inconscientes projetados.

Byung Chul-Han afirma: “Imagens são, justamente, mais rápidas do que textos. Nem o discurso, nem a verdade são virais. A visualização intensificada da comunicação impede ainda mais o discurso democrático, pois imagens não argumentam ou fundamentam” (Han, 2022, p. 45). O autor parece se referir aqui mais às imagens visuais e, embora saibamos que as informações falsas circulem em outros formatos, concordamos que essa é a principal maneira de apresentação das *Fake News*. A força das imagens visuais advém, entre outros fatores, da facilidade com que se tornam objeto de depósito das projeções inconscientes do indivíduo que as recebe. Podemos falar de uma espécie de círculo vicioso, no qual a invasão de imagens

visuais causa um rebaixamento cognitivo, e a falta de poder reflexivo da consciência permite que elas continuem se proliferando. A sequência ininterrupta de imagens impede a reflexão, mantendo o indivíduo rebaixado cognitivamente (Pennycook; Rand, 2021). Parece algo que foi descrito por Heidegger já na década de 1950, mesmo que nessa época a proliferação de imagens e informação se desse de maneiras diferentes, a impossibilidade reflexiva causada pelo encontro fugaz com quaisquer conteúdos está na raiz do processo:

Inter-esse significa: estar no meio e entre as coisas, ficar no meio de algo e permanecer com aquilo. Mas para o interesse de hoje vale apenas o interessante. Interessante é tudo que permite ficar indiferente já no momento seguinte ao encontro e substituir a coisa encontrada por outra que, tanto quanto a primeira, não transforma o relacionamento. Hoje em dia se pretende valorizar especialmente uma coisa por achá-la interessante. Na verdade, este julgamento já relegou o que era interessante ao indiferente e imediatamente enfadonho⁴³ (Heidegger, 1952, p. 2, tradução nossa).

Para a nossa análise, o mais importante está na ideia de que não existe transformação do sujeito na relação com as imagens produzidas e emitidas numa velocidade que a consciência reflexiva não consegue acompanhar. Não parece exagero dizer que a utilização desse mecanismo é proposital; quanto mais rápido as *Fake News* se espalham, menor a chance de serem desacreditadas porque se tornam habituais. Não existe também transformação na relação do indivíduo com si mesmo; a manifestação de imagens endógenas, que poderiam levar a pessoa para um movimento imaginativo criativo, exige um tempo lento, que não existe nessa situação (Balestrini Jr., 2023b; Contrera, 2018). Sem o exercício do pensamento simbólico, a dimensão arquetípica da imagem fica negada pela consciência, mas não deixa de existir.

No núcleo arquetípico que cada imagem carrega reside o poder de ela tornar-se estereotipificante. Quando acessado de maneira consciente, o núcleo arquetípico incita o pensamento metafórico numa relação paradoxal do indivíduo com a imagem (Hillman, 2019), criando uma situação em que a atitude simbólica (Jung, 2013) leva o indivíduo para a manifestação criativa espontânea da própria psique. Nesse estado, ele pode ser transformado durante o contato com a imagem. Quando, pela alta velocidade com que as imagens invadem o cotidiano do indivíduo, o tempo lento necessário para que o pensamento simbólico tenha espaço é negado (Contrera, 2016), o que pode ser percebido pelo sujeito é apenas o estereótipo, o qual não transforma a relação do indivíduo com a imagem, mantendo-o apenas na superfície do

⁴³ No original: Inter-esse heiBt: unter und zwischen den Sachen sein, mitten in einer Sache stehen und bei ihr bleiben. Allein fiir das heutige Interesse gilt nur das Interessante. Das ist solches, was erlaubt, im nachsten Augenblick schon gleichgiiltig zu sein und durch anderes abgelost zu werden, was einen dann ebensowenig angeht wie das Vorige. Man meint heute oft, etwas dadurch besonders zu wiirdigen, daB man es interessant findet. In Wahrheit hat man durch dieses Urteil das Interessante bereits in das Gleichgiiltige und alsbald Langweilige abgeschoben.

processo. Na verdade, podemos afirmar que ocorre exatamente o contrário; o contato com as imagens a partir de uma visão estereotipificada e estereotipificante faz a manutenção de preconceitos e manutenção do *status quo*. Os produtores de *Fake News* contam com esse mecanismo. Portanto, afirmamos que as *Fake News* são, por excelência, estereotipificantes.

A indiferença à qual se refere Heidegger anda de mãos dadas ao entorpecimento, ao anestesiamento que está diretamente ligado com o mecanismo narcisista de funcionamento das redes sociais (Han, 2021). A etimologia da palavra está conectada com o nome do personagem da mitologia grega Narciso; vem de *Nárkissos*, onde *Narkē* significa entorpecimento e/ou embotamento (Brandão, 2014). Temos, por exemplo, palavras como narcótico, narcolepsia e narcose com a mesma raiz etimológica que aponta para o anestesiamento ao qual nos referimos. O entorpecimento é a evolução natural da sociedade do espetáculo, como afirma Guy Debord: “O espectáculo não quer chegar a outra coisa se não a si mesmo” (Debord, 2005, p. 12). É exatamente com isso que contam aqueles que pretendem propagar *Fake News*; entorpecidos, anestesiados e indiferentes, usuários narcisistas compartilham desinformação através de imagens manipuladas e notícias falsas. A desatenção, o rebaixamento cognitivo e a vontade de que seus próprios valores, corretos ou não do ponto de vista da coletividade, sejam divulgados são as principais causas de divulgação de *Fake News* (Pennycook; Rand, 2021). Para essas pessoas o mais importante não é se a informação é verdadeira ou não, o mais importante é a vitória dos argumentos que defendem apenas os seus próprios pontos de vista idióticos. A palavra idiota, originalmente no grego *idiotes*, não era utilizada como um xingamento, mas sim para indicar um indivíduo que se colocava em oposição à coletividade, uma pessoa privada, afastada do ofício público, que não tinha interesse nas necessidades da comunidade (Origem da Palavra, 2024).

Um dos problemas é que a falsa sensação de comunidade que as redes sociais trazem. Esse mecanismo impede a verdadeira união, necessária para que ajam ações coletivas que levem a mudanças concretas, e tudo isso acontece através da dissimulação do narcisismo extremo disfarçado da liberdade de expressão da sociedade do espetáculo. Obviamente, existem exceções e, algumas vezes, podemos ver como essas ferramentas podem ser utilizadas de maneiras coordenadas e benéficas para a sociedade. Porém, isso não parece ser a regra, já que podemos observar que, apesar da riqueza de recursos que o Brasil oferece, as desigualdades econômica e social, aumentando ou diminuindo ao longo dos anos, se mantêm em níveis inaceitáveis do ponto de vista da dignidade humana (Barros; Henriques; Mendonça, 2000). Pseudocomunidades são criadas em redes sociais, verdadeiras bolhas algorítmicas cujos valores orbitam em torno de estereótipos, sejam eles utilizados para determinar a identidade daqueles

pertencentes ao grupo, ou daqueles que são considerados como inimigos. Enquanto publicações indignadas servem para uma certa catarse e alívio emocionais – que também não se sustentam por um longo período –, a materialidade do corpo e das condições econômicas concretas continuam marcadas por desigualdades extremas.

3.4 A indústria das *Fake News*

Podemos dizer que hoje carregamos fábricas de *Fake News* em nossos bolsos. Cada um de nós, com nossos aparelhos celulares, tem a possibilidade de criar ou manipular imagens com extrema facilidade e velocidade e simplesmente publicá-las, através das mais diferentes ferramentas, na internet e nas redes sociais. Poderiam sugerir o argumento de que nem sempre a qualidade dessas produções seria suficiente para que elas causassem impacto ou fossem compartilhadas, mas como vimos até agora, esse não é um dos fatores fundamentais para a disseminação de *Fake News*, sendo muito mais determinante os motivos pessoais e políticos dos usuários (Pennycook; Rand, 2021).

Não podemos esquecer também, como dissemos no item anterior, que, no caso das *Fake News*, quanto menor a complexidade das imagens, maior a chance de elas servirem aos seus propósitos. Encontramos exemplos de imagens que poderiam ser reveladas, com certa facilidade, como manipuladas, dessa forma sendo identificadas como *Fake News*, mas que ainda assim são divulgadas e compartilhadas principalmente entre os usuários de redes sociais.

A Figura 2 mostra uma postagem de Flávio Bolsonaro publicada em 2020, no jornal Aos Fatos. Na figura, podemos ver como a imagem e o texto estão dispostos, como se fossem parte de uma notícia de jornal. A suposta manchete de notícia estaria mostrando como o uso de hidroxicloroquina estaria conectado com a cura de pacientes graves do Covid-19. A notícia foi desmentida pelas próprias pessoas que aparecem na imagem (Nalon, 2020).

Figura 2 - Notícia falsa publicada em rede social pelo então senador Flávio Bolsonaro



Fonte: Aos Fatos (2020)

Em outro exemplo que podemos encontrar na Figura 3, a notícia de capa da revista norte-americana TIME traria o então presidente Jair Bolsonaro como tendo sido eleito pessoa do ano pela revista. A imagem se trata de uma montagem, na qual a cabeça do presidente estadunidense Donald Trump foi substituída pela de Jair Bolsonaro. Essa imagem circulou nas redes sociais no ano de 2019, principalmente entre os grupos de apoiadores do político (Menezes, 2019).

Figura 3 - Imagem manipulada da capa da revista TIME com a cabeça de Donald Trump substituída pela de Jair Bolsonaro



Fonte: Aos Fatos (2019)

Falamos, portanto, numa indústria das *Fake News* tendo como fundamental a ideia de que podemos chamar de industrial tudo aquilo que é fabricado em grande escala com a intenção de produzir consumo (Adorno, 2021). As necessidades por trás da produção de consumo podem ser muitas e variadas, mas a intenção de produzir consumo é a ideia fundamental aqui. Os responsáveis pela produção de *Fake News* podem possuir diferentes objetivos específicos, por exemplo, conquistar audiência, manipular a opinião pública, vender produtos que prometem curas mágicas. Porém, por trás de cada uma dessas ações, existem intenções que podemos classificar, categoricamente, entre outras coisas, como industriais. Nesse sentido, uma intenção política pode ser considerada industrial, por ser fundamental que seja consumida em larga escala. O mesmo ocorre com quaisquer outros objetivos e intenções cujo foco principal seja alcançar uma grande escala de consumo. No caso que tratamos, estamos falando especificamente do consumo de imagens visuais, apresentadas como se fossem notícias reais, produzidas com o intuito de serem consumidas em grande escala. Ainda em Adorno e Horkheimer, já podemos encontrar a afirmação de que a indústria cultural transformava em notícia a mercadoria (Adorno; Horkheimer, 1985), hoje, o mesmo mecanismo transforma notícias falsas em mercadoria. Isso justifica denominarmos o fenômeno que estudamos aqui como industrial e nos referirmos também a uma indústria das *Fake News*.

Focando mais uma vez no fato de que as *Fake News* são apresentadas majoritariamente como imagens visuais, encontramos um dos fatores que apoia o funcionamento desse mecanismo naquilo que Norval Baitello Jr. (2014) chamou de iconofagia. Nessa situação, característica da sociedade midiática, o indivíduo se encontra aprisionado numa dinâmica onde, enquanto consome, devorando ininterruptamente imagens, é, ao mesmo tempo, devorado e consumido por elas. Entrega seu tempo de vida, seus próprios recursos econômicos e energéticos para as telas e para o capitalismo predatório por trás desse movimento. Nas palavras do próprio autor:

Como o alimento das imagens é o olhar e como o olhar é um gesto do corpo, transformamos o corpo em alimento do mundo das imagens – refiro-me aqui a um dos tipos de ‘iconofagia’ possíveis -, inaugurando um círculo vicioso. Quanto mais vemos, menos vivemos, quanto menos vivemos, mais necessitamos de visibilidade. E quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade e tanto menos capacidade de olhar (Baitello Jr., 2014, p. 93).

Portanto, podemos relacionar diretamente a adesão desprovida de reflexão e crítica conscientes das pessoas às *Fake News* com a busca incessante por visibilidade, pela necessidade de existir virtualmente no meio desse ambiente, em si também virtual, onde habitam. A partir das palavras de Hans Belting:

O aqui e agora de uma imagem, sua presença, até certo ponto depende de um meio visual no qual ela reside (mesmo as imagens dos nossos sonhos usam nosso corpo como meio). Imagens externas, por assim dizer, precisam de um corpo substituto, que chamamos de meio. Mas a ambivalência de ausência e presença também invade a constelação de imagem e meio. Os meios estão presentes nas formas dos corpos, enquanto as imagens não. Portanto, poderíamos reformular a presença de uma ausência, que ainda é a definição mais elementar de imagens, da seguinte maneira: as imagens estão presentes em seus meios, mas elas realizam uma ausência, que elas tornam visível⁴⁴ (Belting, 2005, p. 313, tradução nossa).

Se a imagem é a presença de uma ou mais ausências, podemos definir a existência humana na contemporaneidade da seguinte forma: seres ausentes do outro e de si mesmos que tentam se fazer presentes, mas que acabam vivendo apenas virtualmente, ou seja, como ausências projetadas nas imagens; o corpo é abandonado e junto com ele a capacidade de contato e transformação do indivíduo e da coletividade.

A discriminação factual ou fantasiosa das informações divulgadas através das imagens recai diretamente sobre a capacidade de exercício cognitivo e simbólico do receptor da informação. Quando o usuário se encontra num estado em que não consegue exercer essas funções da consciência, o que determina a relação que ele irá estabelecer com tais imagens é puramente emocional e irracional. Nesse sentido, como dissemos outras vezes de diferentes maneiras, o ser humano falsamente singularizado, porque olha para a tela do seu aparato como se estivesse só e fosse único, é massificado enquanto acredita fazer parte de algum grupo que, na verdade, foi definindo algorítmicamente. Trata-se, como afirma Byung Chul-Han, do fim da ação comunicativa porque passamos, prisioneiros do mecanismo narcisista citado anteriormente, a ouvir simplesmente a nós mesmos; é “A comunicação digital como *comunicação sem comunidade*” (Han, 2022, p. 62) que destrói nossa capacidade de atitude e escuta política, nos afastando de nós mesmos e da coletividade.

Resgatamos agora, de maneira resumida, o pensamento de Jean Baudrillard (1991), quando ele nos apresenta as fases sucessivas do desenvolvimento da imagem: num primeiro momento, ela reflete a realidade profunda; depois ela passa a deformar a realidade; na terceira etapa ela passa a mascarar a realidade e, por último, na quarta fase, ela perde a relação com a realidade passando a ser seu próprio simulacro. Nesse sentido, as *Fake News* são imagens que caracterizam simulacros das projeções inconscientes daqueles que as produzem, consomem e

⁴⁴ No original: The here and now of an image, its presence, to a certain degree relies on a visual medium in which it resides (even the images of our dreams use our body as medium). External images, as it were, need a substitute body, which we call a medium. But the ambivalence of absence and presence also invades the constellation of image and medium. Media are present in the ways of bodies, while images are not. We therefore could rephrase the presence of an absence, which still is the most elementary definition of images, in the following way: images are present in their media, but they perform an absence, which they make visible.

disseminam. Em outras palavras, podemos dizer que são simulacros do que o indivíduo é, mas nega a aceitar como parte da sua própria psique. Dessa forma, conteúdos que habitam as diferentes camadas e profundidades da psique dos indivíduos são apresentados de maneira dissimulada em simulações que substituem os fatos da realidade concreta, mas que concordam com sua realidade imaginal.

O mecanismo inconsciente é fundamental na construção da sociedade do espetáculo (Debord, 2005), por isso seria possível afirmar que esse fenômeno é resultado do crescimento da espetacularização da vida, como pensam alguns autores (Loureiro; Gonçalves, 2021, p. 17). Não discordamos de que esse é um dos motivos da forte identificação valorativa com as *Fake News*. Porém, apesar de parecer que a consciência não tem parte nesse processo, esta não é a nossa visão. Se perdermos de vista a intencionalidade consciente dos envolvidos, sejam eles produtores, consumidores e/ou disseminadores, criamos o risco de construir justificativas baseadas simplesmente na ignorância para que essas ações ocorram; é quase como se compactuássemos inconscientemente com o darwinismo social. Como afirma Edward Edinger (1984), é responsabilidade de cada indivíduo trabalhar para a sua própria criação de consciência, assim como agir contribuindo para que isso ocorra com as pessoas de seu entorno relacional através do exercício volitivo da crítica e da reflexão constante sobre os fenômenos. Confirmando essa visão, C. G. Jung afirma que o maior pecado que o ser humano pode cometer é se deixar estar num estado inconsciente, no qual ele é simplesmente levado pelos acontecimentos enquanto afirma que isso é apenas parte de seu destino inevitável (Jung, 2011g). Como qualquer outro órgão do corpo humano, a consciência como estrutura psíquica precisa ser exercitada, do contrário, irá atrofiar ao invés de desenvolver-se de maneira saudável.

Na contemporaneidade neoliberal, não é mais apenas o tempo de trabalho do indivíduo que é explorado, mas sim seu tempo de vida quase total (Han, 2021, p. 26). Esse contexto nos permite afirmar que, em breve, mesmo o sono e os sonhos, um dos últimos refúgios de contato com o mundo interno e com as imagens endógenas, serão utilizados para fins mercadológicos, privando e manipulando até a experiência das pessoas com imagens que deveriam servir para a equilíbrio do sistema psíquico do indivíduo (Balestrini Jr.; Contrera, 2023). Não podemos duvidar de que a invasão desse espaço também será utilizada com objetivos políticos e de manipulação da massa. Essa hiper-realidade serve ao espetáculo e à estética e lança sombra sobre o que é a realidade, como se a substituição das experiências corporais por simulações não gerasse impactos na construção das relações sociais e do sujeito com o próprio corpo e com seu mundo interno (Contrera; Torres; Balestrini Jr., 2021, p. 6). É nesse espaço crepuscular que aigem as *Fake News* que, através da identificação do público com estereótipos, sejam eles

considerados amigos ou inimigos, fazem a manutenção do rebaixamento cognitivo necessário para que o movimento se perpetue. Na era da hiperinformação, não há espaço-tempo para a reflexão. Mesmo aqueles que exercem, ainda que minimamente, sua capacidade simbólica e reflexiva, vivendo num estado constante de invasão das imagens em que a sociedade midiática se encontra, entram num estado de hipervigilância devido à necessidade de duvidar de absolutamente tudo. Se, por um momento, deixar de questionar a veracidade da informação recebida, mesmo que ela seja considerada correta de acordo com seus valores, esse indivíduo também será tragado também pelos mesmos mecanismos dissimulantes característicos da era do simulacro e do espetáculo.

A imprevisibilidade do surgimento de imagens e estereótipos é uma das características da sociedade midiática e, ao mesmo tempo em que isso permite engajamento e ativismo positivos para o desenvolvimento social e cultural (Paolucci; Martinelli; Bacaro, 2023), abre espaço para a manutenção de valores antiquados e relacionados ao patriarcado patológico que muitos gostariam que continuasse a vigorar. A produção, consumo e disseminação de *Fake News* têm como um de seus fundamentos essa imprevisibilidade. A notícia falsa, sendo completamente absurda ou misturando fatos com explicações fantasiosas, irrompe como uma grande novidade a partir de algo que era imprevisível. Essa também é uma característica da industrialização de tudo: o consumo daquilo que parece novo, mas se trata apenas de velhos aparatos e estereótipos disfarçados (Pasolini, 2018). Esse também é um dos fatores que contribuem para a reação emocional irreflexiva necessária para a disseminação das *Fake News*. Sabemos que a informação divulgada, seja ela verdadeira ou falsa, nunca será um retrato fiel da totalidade do fenômeno, por isso, os produtores de *Fake News* contam com a fragmentação do conteúdo. É um mecanismo paradoxal onde, na incapacidade de suportar a dúvida e a incerteza, os receptores se agarram a informações confusas, falsas e manipuladas numa tentativa de sanar a angústia causada pelo fato de que nunca teremos acesso a qualquer verdade absoluta. Como afirma Robson Loureiro e Emerson Gonçalves também especificamente sobre as *Fake News*:

Assim como os alucinógenos que prometem alívio momentâneo, mas só reforçam a necessidade do seu consumo, o crescimento exponencial desses conteúdos rasos promete liberdade, mas acaba por se tornar prisão do indivíduo, que passa a ter seus sentidos supersaturados pelo consumo ininterrupto desses produtos noticiosos da indústria cultural (Loureiro; Gonçalves, 2021, p. 12).

Fica claro que estamos falando aqui, além de outras coisas, de imagens que são compreendidas como mercadoria, portanto, assim também consumidas. Tudo vira um grande

espetáculo onde os receptores são seduzidos para se tornarem apoiadores de suas projeções inconscientes, enquanto, de acordo com a visão iconofágica de Baitello Jr. (Baitello Jr, 2014), devoram e são devorados pelas imagens. Olhando diretamente para o fenômeno das *Fake News*, o argumento falso também é espetacularizado (Loureiro; Gonçalves, 2021), mimetizando a espetacularização das notícias, supostamente verdadeiras, que já traz o objetivo de criar audiência e consumidores. Cabe a fala de Guy Debord:

A falsa escolha na abundância espectacular, escolha que reside na justaposição de espectáculos concorrenciais e solidários, como na justaposição dos papeis a desempenhar (principalmente significados e trazidos por objectos), que são ao mesmo tempo exclusivos e imbricados, desenvolve-se numa luta de qualidades fantasmagóricas destinadas a apaixonar a adesão à trivialidade quantitativa. Assim renascem falsas oposições arcaicas, regionalismos ou racismos encarregados de transfigurar em superioridade ontológica fantástica a vulgaridade dos lugares hierárquicos no consumo (Debord, 2005, p. 39).

Podemos falar, portanto, de uma espectacular guerra, em que tanto o lado que argumenta com falsidades quanto aquele que acredita defender a verdade apelam para o jogo da espetacularização. E assim todos perdem porque os fatos e a realidade são dissolvidos na fragmentação da informação (Han, 2022). Com isso, ficamos, enquanto sociedade, impedidos de encontrar aterramento para nossos questionamentos, nos tornando seres flutuantes que não conseguem fincar os pés no chão do mundo concreto e do corpo (Baitello Jr., 2019). A verdade nunca aparece, não conseguimos chegar a conclusões e, sem elas, não é possível iniciar novos ciclos; repetimos assim padrões de comportamentos sem nunca chegar a inovações. A mesmice é disfarçada de novidade através da imprevisibilidade que os falsos conteúdos carregam; não é incomum ouvirmos expressões como: “não esperava por mais essa”, quando a pessoa entra em contato com *Fake News*. Parece que a afirmação de Heidegger continua valendo e o interesse se perde no que parece interessante.

3.5 A guerrilha semiológica de Umberto Eco

Umberto Eco disse: “Hoje um país pertence àqueles que controlam as comunicações⁴⁵” (Eco, 1986, p. 135), e isso não poderia ser mais claro na sociedade contemporânea. Porém, obviamente, não falamos de apenas uma pessoa, mas de grupos específicos com objetivos neoliberais. Eco também afirmou cuidadosamente no mesmo ensaio que tinha suspeitas de que, mesmo que a produção midiática mudasse de mãos e passasse a ser controlada pela comunidade, ela ainda assim seria alienante. Um de seus alunos e discípulos, Claudio Paolucci,

⁴⁵ No original: Today a country belongs to the person who controls communications.

afirma que vivemos hoje a era da *Fake News* e argumenta que podemos dizer isso basicamente por dois motivos principais: um deles é o fato de que as *Fake News* constituem um problema do qual é necessário nos defendermos; o outro porque as *Fake News* são também produzidas e disseminadas por pessoas que não detêm poder político ou cultural (Paolucci, 2023). Concordamos com a primeira afirmação, porém, discordamos veementemente da segunda.

Não discordamos de Paolucci porque pensamos que a produção e disseminação de *Fake News* não pode surgir da manipulação de informação por quaisquer indivíduos, mas sim porque acreditamos que seja perigoso afirmar que qualquer coletividade ou usuário de tecnologia, por menor que seja o acesso que eles possuam ao exercício do poder público, não possui poder de transformação cultural ou política. Atualmente, é possível que manipulação das informações seja um dos fatores principais da massificação da população em geral, porém, simplesmente afirmar que essas pessoas não possuem poder nesses âmbitos nos parece uma diminuição que pode causar descrédito na potencialidade que pode ser resgatada na própria coletividade. Dizer isso, inclusive, pode ser uma contradição frente àquilo que o próprio Umberto Eco sugere quando diz que, mesmo nas mãos da comunidade os meios de comunicação são utilizados de maneira alienante. É exatamente aí que está uma das potencialidades de uma possível transformação. Em resumo, concordamos com o fato de que *Fake News* podem ser produzidas por absolutamente qualquer membro da sociedade midiática, discordamos da ideia de que essas pessoas não têm poder político ou cultural. Se esses meios são utilizados de maneira alienante, podem também ser utilizados como ferramentas para o movimento oposto, suscitando dinâmicas críticas e reflexivas.

Ficou claro até aqui que a maioria das pessoas que reproduzem *Fake News* o fazem por motivos pessoais e principalmente políticos e que a capacidade de raciocínio crítico e reflexivo, quando aplicada, pode ser uma poderosa ferramenta contra a desinformação (Pennycook; Rand, 2021). Portanto, se focarmos apenas no produto industrial *Fake News*, estaremos agindo somente de maneira paliativa e não atuando no lugar em que mais precisamos estar. Trata-se, fundamentalmente de um problema moral e ético que só pode ser solucionado a partir do contato humano através de um processo educacional que deve transpassar todas as faixas etárias: “A educação é uma das principais apostas da teoria crítica da sociedade, contra toda e qualquer situação de barbárie” (Loureiro; Gonçalves, 2021, p. 17). Falamos aqui de educação em sentido mais amplo e não somente das questões relacionadas à formação acadêmica do indivíduo. Segundo C. G. Jung (2011c), em nossa sociedade existe alguma educação para o desenvolvimento da personalidade na primeira metade da vida das pessoas, mas quase nada se faz para educarmos os indivíduos para a segunda metade da vida. Esse momento, que deveria

ser de transformação e busca mais profunda pela adaptação ao mundo interno, acaba sendo invadido pelas mesmas questões adaptativas da juventude: produzir e consumir. Melhor dizendo, para aqueles que estão na segunda metade da vida, continuar produzindo e continuar consumindo, apenas repetindo os padrões aprendidos na infância e na juventude. Esse é o espírito do capitalismo que invade todos os âmbitos da vida humana não permitindo que as pessoas se libertem dessa maldição (Weber, 2013), que hoje chamamos de neoliberalismo. Não podemos deixar de mencionar que a maioria da população, mesmo na segunda metade da vida, precisa continuar lutando por sua sobrevivência e integridade físicas; encontra-se assim pressionada de maneira esmagadora a continuar o movimento neoliberal, do contrário, simplesmente padece. Não sobra tempo para quaisquer outras atividades que não estejam conectadas com esse mecanismo.

Um dos problemas é que, cada indivíduo que produz e, principalmente aqueles que reproduzem e disseminam *Fake News* sem fazer uso de sua capacidade de discernimento entre aquilo que é eticamente correto ou não, não conseguem compreender a importância do seu papel individual no drama coletivo. Não percebem que quando agem dessa maneira atingem a si mesmas, os membros de seu entorno relacional e mesmo aqueles que se encontram afastados delas, talvez esses de maneira mais concretamente contundente. A humanidade como um todo sofre as consequências de seus atos, como afirma o filósofo Erich Neumann:

Vincula-se com o mal todo aquele que viu e não fez, todo aquele que deixou de ver por que não queria ver, todo aquele que não viu se bem que poderia ver, mas também todo aquele cujos olhos não podiam ver. Culpados somos todos nós, culpados são todos os povos, todas as nações, todas as religiões, todas as classes – culpada é toda a humanidade (Neumann, 1991, p. 10).

Por isso, se faz importante que ajamos diretamente a partir das relações humanas. Se tentarmos travar essas batalhas utilizando somente a mesma estratégia daqueles que detém o poder e que continuam a fazer o jogo das *Fake News*, andaremos em círculos. A comunicação em massa não permite o exercício do pensamento simbólico, mesmo que o emissor acredite estar fazendo algo de bom quando publica seus conteúdos nas redes sociais. Na era da sociedade midiática, absolutamente tudo vira qualquer coisa no mesmo momento em que é compartilhado nas redes. Esse é um dos fatores que faz a manutenção e garante o sucesso das *Fake News*, qualquer notícia, mesmo que verdadeira, perde seu lastro com a realidade quando se torna apenas mais uma imagem técnica nas telas. Mesmo a notícia verdadeira pode simplesmente ser chamada de *Fake News* por aqueles que gostariam de discordar do conteúdo apresentado, independentemente daquela publicação se ater aos fatos ou não. Umberto Eco também já falava desse fenômeno:

Não importa o que você diz através dos canais de comunicação de massa; quando o destinatário é cercado por uma série de comunicações que o alcançam através de vários canais ao mesmo tempo, em uma determinada forma, a natureza de todas essas informações díspares é de escassa importância. O importante é o bombardeio gradual e uniforme de informações, onde os diferentes conteúdos são nivelados e perdem suas diferenças⁴⁶ (Eco, 1986, p. 136, tradução nossa).

O autor aponta para o fato de que a significância da informação diminui devido à sua própria abundância; os conteúdos, sejam eles verdadeiros ou falsos, são nivelados através do seu bombardeamento ininterrupto. Nesse sentido, a lógica parece simples, tentar resolver o problema com a mesma atitude não funciona. Isso não quer dizer que não devemos utilizar as mídias atuais, principalmente as mídias sociais, como ferramenta para a divulgação de fatos, denúncias de desinformação, informações coerentes e imagens que possam incitar reflexão e o pensamento simbólico. Porém, somente esse tipo de ação não soluciona o problema. Simplesmente continuar o bombardeamento de informações nas redes só causa ainda mais ruído. Se não agirmos do lado do receptor, não alcançaremos resultados significativos. É por isso que Umberto Eco (1986) propõe uma *guerrilha semiológica*, através da qual seja possível sugerir mudanças na educação dos receptores, para que eles criem consciência crítica e reflitam sobre os conteúdos publicados. A partir dessa situação, seria possível aprender a lidar com a gigantesca quantidade de informação que leva à desinformação (Han, 2022). Esse seria um passo importante na luta contra as *Fake News*.

Com o intuito de ampliar a visão de Eco, adequando também suas ideias para a contemporaneidade, de acordo com o nosso pano de fundo teórico, iremos retomar o assunto e propor no último capítulo deste trabalho aquilo que chamaremos de *guerrilha simbólica*. Um tipo de ação que contemple as ideias de Eco, mas que nos leve além delas, alinhando nossas ideias com as teorias do imaginário, numa tentativa de resgatar e desenvolver nossa capacidade simbólica (Jung, 1988) e metafórica (Hillman, 2019) de viver e olhar para o mundo numa busca constante pela criação de consciência (Edinger, 1984). Não podemos lutar contra o fascínio causado pelas *Fake News* se não nos atentarmos para o processo psicológico arquetípico profundo por trás do fenômeno. Se não compreendermos como a determinação ideológica tem papel fundamental na irrupção do controle fascista e do comportamento massificado (Reich, 1988), mecanismos essenciais para a perpetuação capitalista predatória do funcionamento das redes

⁴⁶ No original: It doesn't matter what you say via the channels of massa communication; when the recipient is surrounded by a series of communications which reach him via various channels at the same time, in a given form, the nature of all this disparate information is of scant significance. The important thing is the gradual, uniform bombardment of information, where the different contents are leveled and lose their differences.

sociais e, conseqüentemente, da ditadura da informação (Han, 2022), seja ela verdadeira ou falsa, iremos continuar andando em círculos. Ficamos assim aprisionados na repetição, mesmo que de maneira dissimulada, de padrões de comportamento que levam à destruição do próprio humano.

CAPÍTULO IV – PARANOIA NA SOCIEDADE MIDIÁTICA

“A paranoia, de forma diluída, é comprada e vendida todos os dias, nas ruas, não em instituições psiquiátricas.”

Luigi Zoja

4.1 Paranoia

A possibilidade de encontrar uma vida com sentido e significado parece ser sempre o que move o ser humano na sua busca por conhecimento. Não podemos, portanto, afirmar que isso é mais importante na contemporaneidade do que no passado, a não ser que levemos em consideração somente as nossas aspirações individuais, pois, na nossa própria busca, o que interessa, mesmo que muitas vezes isso seja inconsciente, é o que podemos conhecer agora. Encontrar significado pode, por sua vez, também significar muitas coisas diferentes, variando ao infinito devido ao fato de que a capacidade simbólica humana está por trás de todo o processo. Porém, para que o significado surja, é preciso ir além do pensamento hegemônico e, nesse sentido, a saída parece estar exatamente naquilo que conhecemos como uma psicopatologia, a chamada paranoia:

A palavra paranoia vem do grego antigo: *nóos* significa ‘pensamento’; *para-* significa ‘ir além’. Em teoria, o termo simplesmente denota uma mente que vai além do campo usual do pensamento. Na prática, no entanto, mesmo no grego antigo, indicava uma maneira delirante de pensar⁴⁷ (Zoja, 2017, p. 20, tradução nossa).

Começamos, então, esse aprofundamento da paranoia, de certa forma, saindo em defesa da mesma! Como afirma Leon Bonaventure: “Jung nos diz que não existe doença que não seja, ao mesmo tempo, uma tentativa infeliz de cura” (Bonaventure, 2021, p. 144). Tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo, todo sintoma é um exagero, enviado pelo inconsciente, daquilo que precisamos de alguma forma experienciar ou integrar na nossa vida e que acabou sendo negado pelo monoteísmo da consciência; seja esse sintoma considerado uma psicopatologia ou não e, seja ele individual ou coletivo. A paranoia não deixa de ser uma patologia, mas também é um mecanismo de defesa da psique que busca naturalmente equilibrar-se. Podemos, a partir de sua compreensão simbólica, utilizá-la a nosso favor; mas para isso,

⁴⁷ No original: The word paranoia comes from ancient Greek: *nóos* means ‘thought’; *para-* means ‘going beyond’. In theory, the term simply denotes a mind that goes beyond the usual field of thought.³ In practice, however, even in ancient Greek it indicated a delusional manner of thinking.

como sua própria etimologia diz, precisamos ir além do que acreditamos saber sobre ela. Nossa intenção ao trazer o tema para a presente discussão é mostrar a sua relação com o sistema fascista de direcionamento do comportamento através da ação dos algoritmos. Fascismo e paranoia estão intrinsecamente conectados, podemos até afirmar que a paranoia coletiva está na raiz do fascismo; a primeira sendo uma condição desejada, governada e mantida pelo segundo.

Ainda falando sobre a origem do fenômeno, a partir de sua denominação, encontramos nas palavras de James Hillman: “A paranoia é, na verdade, seu próprio nome: para-noética, mental, cognitiva, uma desordem do significado” (Hillman, 2016, p. 46). A capacidade humana de encontrar significado está diretamente conectada com sua habilidade reflexiva que surge a partir do exercício da consciência. É ela, e o ego como seu centro gestor, que pode compreender os fenômenos através da diferenciação e da conexão entre os elementos e conteúdos identificados. Quando o ser humano se encontra numa situação de rebaixamento cognitivo, a personalidade tende à cisão, a coesão individual fica prejudicada e o que segue é uma situação patológica de dissociação. Com relação à situação atual e à conexão desse fato com a sociedade midiática, Malena Contrera afirma:

Considerando ainda a saturação da informação gerada nas últimas décadas pelos meios de comunicação de massas e as transformações cognitivas advindas das novas tecnologias, da Internet e da comunicação em rede, chegamos à constatação de que estamos frente a um processo de rebaixamento cognitivo, próprio de processos de informação ligeiros e mobilizados pelo afeto, que por sua vez estimulam todo o tipo de desinformação e preconceito (Contrera, 2021, p. 47).

Além de a autora apontar como o rebaixamento cognitivo está no cerne da problemática atual de uma espécie de comunicação baseada na velocidade e na hiperabundância de informação, precisamos compreender que esse déficit cognitivo tem suas raízes diretamente conectadas com a maneira como lidamos com o corpo. C. G. Jung, utilizando a expressão francesa *abaissement (du niveau mental)*, a partir da influência de Pierre Janet, diz o seguinte:

Como se sabe, um *abaissement* pode se dar por vários motivos: fadiga, sono normal, êxtase, febre, anemia, forte afeto, choque, doenças orgânicas no sistema nervoso central como também por psicologia de massa, mentalidade primitiva, fanatismo religioso e político, além de fatores constitutivos ou hereditários (Jung, 2011e, p. 265).

Podemos compreender aqui *abaissement* como sinônimo de rebaixamento de consciência, das capacidades cognitivas e reflexivas, o que pode acontecer de maneira temporária, porém indefinida. Algo muito interessante sobre a paranoia psicopatológica é que danos no funcionamento diário do indivíduo são raros; normalmente o funcionamento

intelectual e ocupacional é preservado, mesmo que a desordem seja crônica (Hillman, 2016). Esse é um dos motivos da paranoia ser tão comum e ao mesmo tempo tão difícil de ser diagnosticada clinicamente do ponto de vista individual. Nos parece que, se olharmos, mesmo que superficialmente para comportamentos coletivos atuais, poderíamos classificar muitos deles como paranoidos, mesmo que não tivéssemos muita profundidade sobre o entendimento conceitual psicológico do termo. Porém, veremos exemplos mais à frente de comportamentos desse tipo na história recente. Outro complicador é que a paranoia, além de ser facilmente disfarçada, costuma ganhar força através de uma confirmação coletiva; através de outros indivíduos que confirmem as ideias paranoidas, mas também porque se outros – que não concordem com suas ideias –, não identificam o paranoico como doente, não é possível que ele mesmo reflita sobre o assunto. Como afirma Luigi Zoja: “A paranoia é infinitamente mais difícil de identificar do que outros transtornos mentais porque ela consegue se disfarçar, tanto na personalidade do paranoico, que como um todo está longe de ser louco, quanto entre os indivíduos ao seu redor”⁴⁸ (Zoja, 2017, p. 22).

Ainda nesse sentido, falando especificamente sobre a paranoia, Jung reitera que: “A forma mais geral de *abaissement* não produz efeitos graves sobre a unidade da personalidade. Por isso é que todas as dissociações e fenômenos psíquicos que provêm desse *abaissement* trazem a marca característica de uma personalidade intacta” (Jung, 2011e, p. 266). Ou seja, para o observador, o paranoico pode apresentar narrativas e comportamentos que convencem o interlocutor de sua sanidade mental, porém, basta um acontecimento ou uma ideia contrastante com seu sistema de crença para que ele saia do eixo revelando externamente traços da cisão.

Em estudo recente, em que exploramos o fenômeno do vício nas telas e seus efeitos, mostramos como a exaustão causada pela substituição do tempo de sono, necessário para a recuperação e regulação do corpo, por tempo gasto em frente às telas pode resultar em problemas de atenção e cognição, levando até mesmo ao desenvolvimento de diferentes patologias:

A privação de sono, assim como a diminuição de sua qualidade pode acarretar problemas diretamente ligados a um rebaixamento cognitivo que geram sintomas como dificuldade de concentração, distúrbios de visão, reações lentas, episódios de sono que invadem a vigília levando a erros e acidentes, dificuldades de memorização e aprendizado, distúrbios emocionais e aumento da agressividade (...) (Balestrini Jr; Contrera; Maia, 2024, p. 384)

⁴⁸ No original: Paranoia is infinitely more difficult to identify than other mental disorders because it is able to disguise itself, both within the personality of the paranoiac, who as a whole is far from mad, and among the individuals around him.

Uma das características marcantes da paranoia é a substituição da realidade por fantasias, ou seja, de projeções de conteúdos inconscientes. É uma condição que reafirma a si mesma através das projeções, uma condição autorreferente; os elementos confirmadores da paranoia podem ser simplesmente, por exemplo, imagens publicadas em redes sociais. Não é necessário ter um inimigo revelado, embora muitas vezes ele apareça através das projeções; no caso da paranoia, o inimigo pode continuar a ser o inconsciente, ou seja, os conteúdos negados da própria psique funcionam para fazer a manutenção da condição. É como se a psique se tornasse inimiga de si mesma. (projeção e invenção de um outro no qual se projetam as fantasias sombrias).

O mais importante para compreendermos a paranoia, segundo James Hillman, é perceber e aceitar sua incorrigibilidade. O autor afirma: “Uma crença falsa comum é incorreta, mas um delírio paranoico é incorrigível; ele é inatingível tanto pela persuasão do sentimento quanto pela lógica da razão e pela evidência dos sentidos” (Hillman, 2016, p. 16). Ou seja, não há argumentação possível contra um delírio paranoico; a patologia, personificada, irá compreender qualquer que seja o fenômeno, a partir do sistema de crenças da própria condição. E, como afirma o estudioso da teoria da mídia, Clemens Apprich: “A paranoia, ao longo dessas linhas, não é causada tanto por uma falta de informação, mas por uma superprodução de significado”⁴⁹ (Apprich, 2020, p. 13). Essa superprodução de significado se dá, porém, numa espécie de circuito fechado, exatamente para que o confronto seja sempre evitado. Caso o conflito apareça, seria necessário repensar e refletir sobre a crença dominante, isso não é algo desejado no estado paranoico.

A paranoia, como indicamos no início desse item, é uma tentativa de equilíbrio do sistema psíquico que resulta da falta de exercício consciente reflexivo da busca pelo significado. A paranoia é uma resposta exagerada de busca por significado, porém, projetados em significantes vazios que se tornam objeto de investimento afetivo pela projeção de conteúdos do inconsciente.

Como nossa intenção principal aqui é compreender a paranoia para que possamos enxergar sua conexão com o fascismo e com a sociedade midiática, não iremos aprofundar em sua etiologia, ao invés disso, como pode-se perceber, focamos em sua manifestação e nos comportamentos sintomáticos que a acompanham. Trazemos assim uma pequena lista desses sintomas, baseada nas descrições de Luigi Zoja, apresentadas em seu livro *Paranoia: The madness that makes history* (2017); essa lista não é uma citação direta, mas sim um resumo que

⁴⁹ No original: Paranoia, along these lines, is not so much caused by a lack of information, but by an overproduction of meaning.

escrevemos a partir do que é descrito pelo autor: fantasia de grandeza, megalomania, suspeita constante, isolamento, desproporcionalidade, argumentos baseados em falsas premissas, circularidade de pensamento, autotrofia, projeção persecutória, iluminação interpretativa a partir de fantasias, fobia de contaminação, rigidez de ideias, falta de autocrítica.

Podemos perceber, mais uma vez olhando para essa lista, porque é tão difícil lidar com a paranoia. O indivíduo que se encontra aprisionado numa dinâmica paranoica apresenta externamente um pensamento lógico, mas que, quando colocado em perspectiva com a realidade, se mostra, paradoxalmente, irreal e impossível ao mesmo tempo. Encontramos aqui um descolamento do princípio da realidade que depende diretamente da experiência do corpo e do mundo. Estes perdem lugar para representações midiáticas que criam realidades alternativas através de imagens produzidas e/ou manipuladas por meio dos aparatos tecnológicos. A pessoa paranoica é consistente e contraditória praticamente ao mesmo tempo, pode mudar de comportamentos humanos para desumanos de uma hora para a outra. Os mesmos indivíduos que cuidam de suas famílias com amor, cuidado e carinho, que tratam outros com respeito e fazem seus trabalhos de maneira disciplinada e ordenada, a qualquer segundo podem ser encontradas nas redes sociais participando de linchamentos virtuais, desejando a morte de pessoas que nunca viram, assinando comentários racistas, xenofóbicos, machistas, homofóbicos etc. que revelam sua sombra fascista. Esse tipo de comportamento da massa muitas vezes leva à morte dos envolvidos por força da projeção contida no tão conhecido fenômeno do bode expiatório. Essa mudança brusca que lembra os personagens do livro *O médico e o monstro* (2015), de Robert Louis Stevenson, não se manifestam somente na mídia, as pessoas tomadas pela irrupção de seu lado sombrio atuam também na concretude, normalmente dissolvidos em massas violentas que, nesse caso, acabam linchando e matando de forma literal. Mais uma vez, nas palavras de Luigi Zoja, encontramos a afirmação de que: “(...) um potencial paranoico está presente em cada pessoa comum, em cada fase da sua existência, em qualquer sociedade em que se encontre”⁵⁰ (Zoja, 2017, p. 24).

Não poderíamos deixar passar a oportunidade de localizar, a partir de uma visão arquetípica do fenômeno, um dos deuses gregos mais reconhecidos e, paradoxalmente, o que mais se esconde: Hermes. Ele, que reconhecidamente é o deus da comunicação, é também o maior dos enganadores. Hermes é quem deveria nos salvar da paranoia, se soubermos como nos aproximar dele, ou seja, se olharmos para as imagens de maneira hermética. Isso é o contrário do literalismo que se encontra no núcleo de cada delírio paranoico. A desilusão e a

⁵⁰ No original: a paranoid potential is present in every ordinary person, in every phase of their existence, in whatever society they find themselves.

duplicidade hermética é o que nos afasta da paranoia. Em toda revelação há um potencial paranoico, uma linha divisória entre significado simbólico e a chance de literalização e fixação na projeção feita na mensagem. Somente quando mantemos, a partir de uma atitude simbólica, o pensamento paradoxal, é que nos aproximamos de qualquer verdade. Afirma James Hillman: “Hermes, o ladrão, Mercúrio brincalhão, um traquinas diabólico, é o guia das almas para o oculto, salvando-nos do literalismo e da paranoia” (Hillman, 2016, p. 67). A saída está em nos iludirmos, para logo em seguida, nos desiludirmos; isso nos livra do aprisionamento numa falsa crença delirante; isso nos livra do excesso de significado, já que a imagem, vista de maneira simbólica, sempre portará algo de desconhecido. Dessa forma, o sistema de pensamento se mantém aberto, ficando protegido contra a rigidez de crenças paranoicas. Como ensina Edgar Morin, racionalizar não é sinônimo de racionalidade, quando estamos aprisionados num movimento que se utiliza da primeira, caímos, na nossa visão, na situação paranoica.

A verdadeira racionalidade conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanicismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério. Negocia com a irracionalidade, o obscuro, o irracionalizável. É não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências (Morin, 2014, p. 23).

O problema não está, como vemos, na nossa capacidade racional, mas sim no seu exagero, na identificação patológica coletiva com somente aquilo que pode ser explicado pela razão; isso incorre na negação da diversidade e na cegueira que leva à incapacidade de mudança de direção, ou seja, a própria paranoia.

4.2 Mídia de massas paranoica

Seguindo o exemplo do deus Hermes que, entre outras coisas, estabelece ligações e pontes, usamos também a sua imagem para dar continuidade à nossa análise. Nas palavras de Clemens Apprich, o autor conecta a atuação do deus como sendo análoga à dos algoritmos:

Assim que Hermes entra no palco para entregar a mensagem, ele a embaça e a torna ininteligível; somente depois que ele desaparece a mensagem se torna legível. Ele é o terceiro excluído em todo processo de comunicação, como algoritmos, que estão presentes e ausentes ao mesmo tempo⁵¹ (Apprich, 2018, p. 102, tradução nossa).

É assim que o funcionamento algorítmico sustenta a paranoia coletiva; os algoritmos são acusados, porém, não são eles os culpados. Não podemos discordar de que sua atuação

⁵¹ No original: As soon as Hermes enters the stage to deliver the message, he blurs and renders it unintelligible; only after he disappears does the message become legible. He is the excluded third in every communication process, like algorithms, which are present and absent at the same time.

automática esteja presente na maioria da vida dos seres humanos hoje, porém, ainda é possível puxar o fio da tomada e desligá-los por completo. De maneira prática, compreendemos que isso é muito improvável, mas isso não quer dizer que seja impossível. Como observamos antes, o problema é a ideologia fascista neoliberal e, agora adicionamos, paranoica por trás da programação algorítmica do problema.

A hipervigilância é um comportamento paranoico e pode se manifestar através de fantasias persecutórias. Mas e quando isso se prova real? Na sociedade midiática: “Nenhuma interação é modesta ou pequena demais para ser escaneada, armazenada e salva para a eternidade. Uma singularidade em que cada caso é único se correlaciona com uma totalidade governada pela gestão de probabilidade”⁵² (Steyerl, 2018, p. 5). Desde que carregamos conosco, grudados em nossos corpos, os avatares da hipervigilância, ou seja, nossos *smartphones*, parece importar pouco para o registro das nossas atividades pelas grandes corporações da comunicação se publicamos ou compartilhamos conteúdos, sejam íntimos ou não, nas redes sociais. Tudo aquilo que acessamos, cada aplicativo usado, cada mensagem enviada, é utilizado, através do registro algorítmico, para invadir o espaço da tela de maneira individualizada com propagandas direcionadas para estimular o consumo, também de maneira individualizada. Falamos aqui não somente no consumo de bens e serviços, ampliamos o fenômeno para o consumo de ideias. Nesse caso, o viés ideológico por trás das produções e divulgações de imagens e narrativas permite que partidos e lideranças se aproveitem do mecanismo. Porém, o que encontramos na verdade é a massificação disfarçada de singularidade e uma segregação social baseada em preferências:

Para poder filtrar informações desse fluxo constante de dados, confiamos em algoritmos, que nos ajudam a trazer ordem à nossa nova vida midiática. Nesse sentido, Facebook, Google e companhia criam um ambiente habitual, um mundo aparentemente personalizado, que nos mantém em um estado de autoidentificação por meio da segregação social⁵³ (Apprich, 2018, p. 103).

Ou seja, a liberdade oferecida pela e na sociedade midiática é uma grande farsa. Não existe autonomia para o indivíduo atomizado, o universalismo difundido como um valor intrínseco à liberdade de expressão que a mídia digital oferece só serve para direcionar, através do filtro algorítmico, os conteúdos publicados para aqueles que se mostram receptivos a eles, mais uma vez, mantendo-os em circuitos fechados. A homofilia, que pode ser compreendida

⁵² No original: No interaction is too modest or menial to be scanned, stored, and saved for eternity. A singularity in which every case is unique correlates to a totality governed by probability management.

⁵³ No original: In order to be able to filter information from this constant stream of data, we rely on algorithms, helping us to bring order into our new media life. In this sense, Facebook, Google, and company create a habitual environment, a seemingly personalized world, which keeps us in a state of self-identification through social segregation.

como o ato de amar ou criar laços de amizade com os semelhantes, pode sugerir uma ideia muito interessante, mas que, sob o domínio algorítmico, torna-se mais uma arma de segregação.

Homofilia significa que as pessoas gostam de se relacionar com pessoas semelhantes. Como isso poderia produzir evidências matemáticas de qualquer coisa? Se homens brancos geralmente comem morangos com creme com homens brancos, isso significa que com quem quer que seja que um homem branco coma morangos é provável que seja um homem branco. É isso que o Facebook empacota na ideia de que você é como o que você gosta e que gostará das coisas que as pessoas que são como você gostam⁵⁴ (Steyerl, 2018, p. 13).

Nos parece então que, ao invés de estarmos usando a tecnologia e a rede midiática para entrar em contato com outros e com a diversidade, continuamos aprisionados nas nossas próprias bolhas de pensamento e valores; com nosso olhar direcionado apenas para aquilo que nós mesmos compreendemos como sendo a realidade, ou seja, enxergando somente nossas próprias projeções. Baseados em tudo aquilo que discutimos sobre a paranoia até agora, podemos afirmar que ela é uma psicopatologia da contradição por excelência. O indivíduo tem uma sensação de liberdade porque, teoricamente, pode expressar tudo aquilo que pensa e sente, o que, de certa forma, não deixa de ser verdade. Porém, a única confirmação que ele tem de suas próprias ideias vem através da ação dos algoritmos que apenas repetem aquilo que o próprio usuário acredita saber; isso, nos parece, é uma prisão. Na paranoia, quanto maior a fantasia de liberdade total, maior o aprisionamento nas fantasias e delírios.

Fundamental para compreendermos por que esse mecanismo funciona é a percepção de que os algoritmos não repetem somente a segregação direcionada a partir dos registros de comportamento dos usuários, mas também a própria ideologia humana, nesse caso, mais uma vez, fascista, neoliberal e paranoica. Como afirma Jade Davis: “Em uma sociedade baseada na extração capitalista, mais é melhor. Mais com menos toque humano, mesmo que os humanos programem o algoritmo com vieses humanos, parece neutralidade em uma sociedade que adotou o grande demais para falhar”⁵⁵ (Davis, 2023, p. 323, tradução nossa). Ou seja, os algoritmos oferecem a saída hermética do vazio a que se referia Clemens Apprich no começo desse item; eles estão, mas não estão lá. Nessa situação, a isenção patológica da sociedade midiática faz uso de suas bolhas fantasiosas para se proteger contra qualquer coisa que possa ser diverso, o que é fundamental para o processo de exercício crítico da consciência. Porém, o

⁵⁴ No original: Homophily means that people like to bond with similar people. How could this produce mathematical evidence of anything? If white men mostly have strawberries and cream with white men, this means that whoever a white man has strawberries with is most likely a white man. This is what Facebook packages into the idea that you are like what you like, and that you will like the things that people who are like you like.

⁵⁵ No original: In a society based on capitalist extraction, more is better. More with less human touch, even as humans program the algorithm with human biases, feels like neutrality in a society that has adopted too big to fail.

paranoico não quer e não pode fazer autocrítica, se o fizer, perde a referência de si mesmo, cai no vazio existencial que, nesse momento, é preenchido pelos conteúdos publicados nas redes sociais e que o aprisionam no narcisismo de que falamos antes. Tratamos, portanto, de uma paranoia narcisista. Mais uma vez, personificando a paranoia como se fosse uma entidade com vontade própria e, nesse sentido, uma manifestação arquetípica. Luigi Zoja afirma:

A paranoia, no entanto, é uma mentira em que o indivíduo acredita, e com a qual ele tragicamente se engana. O raciocínio paranoico pode até conter muitos elementos de verdade. Mas ele mente essencialmente sobre a natureza humana, porque nega ao adversário a qualidade de ser um homem, com o propósito de reduzi-lo a um culpado. Ela não está interessado em mais nada⁵⁶ (Zoja, 2017, p. 29).

Ora, parece razoável, a partir dessa observação, afirmar que o mecanismo por trás das *Fake News* pode também ser considerado paranoico. Porém, como afirmamos antes, as *Fake News* são apenas um exemplo de desinformação, dentre as muitas maneiras diferentes que elas podem apresentar na sociedade midiática. No fundo, o problema todo sempre está conectado com o consumismo desenfreado de qualquer coisa: de produtos, de informação, de imagens de si e dos outros. O consumismo midiático é uma expressão paranoica: “Pode ser aprisionante e paralisante bloquear a resposta ou ação crítica de alguém através da criação da necessidade perpétua de consumir, isso deixa os usuários em ciclos infinitos de *feedback* nas mídias sociais” (Matviyenko; Kirtz, 2023, p. 383). Como vimos, a paranoia é autossuficiente, ela cria a verdade por si mesma e qualquer informação contrária é eliminada ou ignorada:

Como pode ser visto no exemplo da negação das mudanças climáticas, sistemas de filtros baseados em colaboração produzem uma paranoia que ajuda os usuários a formar suas visões apesar de evidências indiscutíveis do contrário. Na verdade, o ‘sentimento’ de estar em posse de uma ‘verdade subversiva’ ou ‘controversa’ é algoritmicamente incitado e mantido por esses sistemas⁵⁷ (Apprich, 2020, p. 6).

A excitação emocional é, portanto, assim como no fascismo, fundamental para a manutenção de comportamentos paranoicos e, como vimos, isso está por trás do funcionamento mais básico da propaganda que, conforme discutido, é centrada nos afetos e nas emoções. Como resultado, encontramos uma circularidade de pensamentos, ideias e ideais, permeados por uma lógica falaciosa que é percebida como mais convincente e satisfatória do que qualquer outro

⁵⁶ No original: Paranoia, however, is a lie that the individual believes, and with which he tragically deceives himself. Paranoid reasoning may even contain many elements of truth. But it lies essentially about human nature, because it denies the adversary the quality of being a man, with the purpose of reducing him to a culprit. It is not interested in anything else.

⁵⁷ No original: As can be seen from the example of climate change denial, collaboratively based filter systems produce a paranoia that helps users to form their views despite indisputable evidence to the contrary. In fact, the “feeling” of being in possession of a “subversive” or “controversial truth” is algorithmically incited and maintained by these systems.

tipo de conteúdo que pudesse surgir do exercício crítico reflexivo sobre as informações publicadas na internet e especialmente nas redes sociais (Matviyenko; Kirtz, 2023). A paranoia muda o sentido das coisas de acordo com as fantasias delirantes, e isso é especialmente fácil quando a resposta da mídia digital é direcionada para a confirmação dessas fantasias:

O que estamos lidando hoje é uma leitura paranoica de fatos que antes se acreditava serem certos. O resultado pode ser visto em um aumento da incerteza nas culturas digitais: primeiro, por parte dos humanos, que, diante dos processos de dataficação, aprendizado de máquina e mídia em rede, na verdade se veem confrontados com o perigo de desaparecer “como um rosto desenhado na areia na beira do mar” (Foucault 1994, p. 387). Segundo, por parte das máquinas, que estão, em última análise, presas no mesmo imaginário que nós, humanos⁵⁸ (Apprich, 2020, p. 7).

A inversão do tipo de fantasia delirante de uma época para outra não impede que a paranoia continue se manifestando. Ela, assim como o fascismo, vai ganhando novas formas, novos nomes, mas sempre trazendo em seus núcleos a manifestação arquetípica dos deuses e de suas formas de funcionamento. Para retornarmos à imagem de Hermes, ele muda de acordo com a sua própria necessidade, nunca sabemos se está realmente falando em nome do mensageiro, mesmo que se trate de uma outra divindade. Hermes pode mudar ou até mesmo inventar mensagens favorecendo seus próprios interesses, nesse sentido, compreendemos a analogia de Clemens Apprich, mas vemos os algoritmos como ferramentas de Hermes e não como seus parceiros. Eles agem de maneira automática, enquanto Hermes é autônomo. O deus muda os algoritmos a partir do inconsciente coletivo e usa, para alcançar seus objetivos, as próprias mãos humanas.

Na sociedade midiática, na era da tecnologia da informação digital, o usuário que não for paranoico não se adapta. Assim, através da projeção dos conteúdos do inconsciente, livra-se da culpa, buscando tornar-se cada vez mais vazio, ao invés de perceber como poderia ser preenchido pela potencialidade arquetípica da psique coletiva, ou seja, do seu próprio mundo interno. Ele poderia alimentar a si e à sua alma a partir das imagens endógenas. Consumindo e sendo consumido, devorando e sendo devorado pelas imagens exógenas, continua sua existência paranoica tentando encontrar significado de maneira sintomática, ao invés de fazer isso através do exercício crítico e reflexivo que a consciência poderia lhe conceder. A partir do *abaissement du niveau mental*, do rebaixamento cognitivo geral, segue como um autômato no

⁵⁸ No original: What we are dealing with today is a paranoid reading of facts previously believed to be certain. The result can be seen in a rise of uncertainty in digital cultures: first, on the part of humans, who, in the face of datafication processes, machine learning and networked media, actually see themselves confronted with the danger of disappearing “like a face drawn in sand at the edge of the sea” (Foucault 1994, 387). Second, on the part of machines, which are ultimately trapped in the same imaginary as we humans.

caminho determinado e direcionado pelos algoritmos, revelado por seu próprio conteúdo inconsciente manifesto de forma paranoica através das fantasias e delírios projetados nas imagens que inundam a mídia digital.

A paranoia coletiva é, infelizmente, um processo que tem analogias com a cultura popular moderna. Ao contrário, por exemplo, da cultura popular da Idade Média, o consumismo em massa de hoje não encoraja a autossuficiência e os sentimentos de culpa, mas exatamente o oposto: ele sugere que devemos aproveitar todos os bens de consumo que a era moderna coloca à nossa disposição. Implica que temos o direito de fazê-lo, porque nossa consciência está limpa. É incapaz de sofrer, porque não está preparada para desistir de nada. A modernidade, forte em economia e tecnologia, aqui revela sua fraqueza moral. Suas dúvidas não são profundas e pacientemente pensadas. Portanto, elas não serão eliminadas, mas apenas reprimidas. A dúvida, no entanto, é uma necessidade humana universal. Na primeira oportunidade concreta, a suspeita reaparecerá; mas, por falta de treinamento em autocrítica, será inevitavelmente projetada nos outros. E neste ponto encontrará um ajudante no maior adesivo social moderno: os meios de comunicação de massa, que são populistas por natureza e não encorajam uma análise interna que leve à aceitação de responsabilidades, mas impelem as pessoas a procurar culpados fora⁵⁹ (Zoja, 2017, p. 30, tradução nossa).

⁵⁹ No original: Collective paranoia is, unfortunately, a process which has analogies with modern popular culture. Unlike, for example, the popular culture of the Middle Ages, today's mass consumerism does not encourage self-suspicion and feelings of guilt, but the exact opposite: let's enjoy all the consumer goods the modern age puts at our disposal, it suggests. It implies that we have a right to do so, because our conscience is clear. It is incapable of grief, because it is not prepared to give anything up. Modernity, strong in economics and technology, here reveals its moral weakness. Its doubts are not deeply and patiently thought through. So, they will not be eliminated, but only repressed. Doubting, however, is a universal human need. At the first concrete opportunity suspicion will reappear; but, because of a lack of training in self-criticism, it will inevitably be projected on to others. And at this point it will find a helper in the greatest modern social adhesive: the mass media, which are populist by nature and do not encourage an inner analysis that leads to an acceptance of responsibility but impel people to seek culprits outside.

CAPÍTULO V – A GUERRA CONTRA O FASCISMO ALGORÍTMICO

*“Liberdade e libertação são uma
tarefa que não acaba nunca.”*

Umberto Eco

5.1 Fascismo paranoico ou paranoia fascista

Devemos compreender, nesta fase final do nosso estudo, como a paranoia e o fascismo estão conectados, como um alimenta o outro, onde estão os pontos de convergência principais dessa relação e, o principal para a nossa pesquisa, como isso tudo se manifestada na sociedade midiática.

Conseguimos perceber como o mecanismo psicológico da paranoia está baseado na projeção de conteúdos inconscientes que aparecem nos canais de comunicação, principalmente através da propaganda; isso é verdade, inclusive, historicamente, para o fenômeno. Os conteúdos da propaganda fascista foram determinados pela liderança que ficava representada pela figura do *Duce*, no caso, por exemplo, do fascismo italiano; ou do *Führer*, no caso do seu movimento parente, o nazismo. Embora saibamos que se trate de equipes responsáveis por isso, a figura do líder é importante como objeto de depósito da projeção do salvador, portanto, a verdade deve vir dele. Nas palavras de Luigi Zoja: “A ligação entre os dois (paranoia e psicopatia) é diferente e muito insidiosa: ao desencadear impulsos agressivos nas massas, a paranoia favorece os psicopatas e, muitas vezes, seleciona-os, atribuindo-lhes papéis de poder”⁶⁰ (Zoja, 2017, p. 292, tradução nossa, parênteses nossos).

Nos parece acertado afirmar que uma dose mínima de sociopatia é necessária aos líderes políticos em geral, mas isso se magnifica quando falamos de fascistas. A necropolítica só pode ser praticada por um psicopata, do contrário, o exercício da consciência, ausentes nesse tipo de patologia, impediria atos que resultassem na morte indiscriminada de qualquer pessoa, independente da quantidade. Segundo Maria Bittencourt, podemos observar o comportamento psicopático: “Carecendo de lealdade, de culpa, de consciência, de consistência, distinguem-se das outras pessoas, que ao executarem até mesmo atos antissociais, o fazem numa continuidade motivacional mais compreensível para os outros e para eles” (Bittencourt, 1981, p. 20). Para reforçar essa ideia, encontramos também, nas palavras de Robert Hare:

⁶⁰ No original: The link between the two is different, and very insidious: by unleashing aggressive impulses in the masses, paranoia favours psychopaths, and often selects them, giving them roles of power.

Os psicopatas mostram uma assombrosa falta de preocupação com os efeitos devastadores de suas ações sobre os outros. Com frequência, são completamente diretos sobre o assunto e declaram, com tranquilidade, que não sentem nenhuma culpa, não sentem remorsos pela dor e destruição que causaram e não veem motivo para se preocupar (Hare, 2013, p. 55).

O autor apresenta uma lista de sintomas considerados chave para a identificação de um psicopata; elas não precisam aparecer na totalidade e podem variar em grau de caso para caso: eloquente, superficial, egocêntrico, grandioso, ausência de remorso ou culpa, falta de empatia, enganador e manipulador, emoções rasas. Como podemos ver, não seria difícil encontrar essas características em líderes totalitários, por exemplo, Mussolini e Hitler. Porém, conseguimos ver muitas delas também em personagens políticos da atualidade, como no cenário brasileiro na figura de Jair Bolsonaro e no movimento que passamos a conhecer como bolsonarismo (Boito Jr., 2020; Sousa; Oliveira, 2020). Seria possível citar diversas frases e comportamentos do ex-presidente do Brasil e de seus apoiadores que comprovam esse fato, mas como exemplo, podemos lembrar de algumas de suas decisões durante a pandemia da Covid-19. Revelava a revista *Veja* em 2021, com as palavras de Jorge Pontes:

(...) o que assistimos com o passar do tempo foi a escolha e manutenção do general Pazuello à frente da pasta da Saúde, que por sua vez lançou mão de sua posição para recomendar remédios de eficácia não comprovada para tratamento do coronavírus, que menoscabou o imunizante CoronaVac, que não fez gestões para adquirir as demais vacinas em tempo desejável, que não se adiantou na compra de seringas e agulhas e que deixou, inclusive, faltar oxigênio, o que teria acarretado a perda de vidas de milhares de brasileiros em Manaus (Pontes, 2021, s.p).

Ainda no campo político, mas fazendo a ponte para um olhar mais direto sobre os processos comunicacionais, a ideia de uma crise constante é necessária para manter o comportamento paranoico e fazer a manutenção do regime fascista. Como vimos com Umberto Eco (2021), a vitória final e a salvação precisam ser sempre uma projeção futura, ou seja, nunca podem ser alcançadas na prática para que o fascismo continue existindo. É nesse sentido que, segundo as palavras de James Hillman: “(...) a síndrome requer a catástrofe para realizar sua própria profecia. O círculo vicioso da psicologia paranoica é a nossa presente realidade política” (Hillman, 2016, p. 82). Adicionamos ao pensamento do autor que esse mecanismo reflete também nossas presentes realidades cultural e social. O indivíduo não pode, de maneira alguma, estar satisfeito com o que é ou com o que possui; segundo as leis do neoliberalismo, sempre precisa de mais. Também a comunicação da sociedade midiática, como vimos, além de fazer a manutenção do comportamento paranoico, se apresenta como paranoica por si. É, portanto, fascista.

A crise do pensamento simbólico decorrente do rebaixamento cognitivo causa ainda um outro problema; nosso sistema imunológico comunicacional fica comprometido com o volume de informação com que somos bombardeados o tempo todo nas mídias sociais. A apatia se instaura pela necessidade adaptativa de se viver num mundo onde não existe verdade, somente fantasias paranoicas que surgem para preencher o vazio deixado pela experiência fugaz das imagens. Como diz Norval Baitello Jr.: “Nossos pensamentos na era das imagens midiáticas são programados para serem orbitais e repetitivos. E toda órbita possui o destino da obsolescência por exaustão, continuando, porém, em movimento depois da morte” (Baitello Jr., 2019, p. 75). Podemos dizer então que não passamos de mortos vivos? Maurício da Silva nos ajuda a refletir sobre essa questão:

A impossibilidade da decisão sobre o estado de vida ou morte consiste na incapacidade de divisão entre o universo exterior, relacionado à realidade das imagens, e o interior, relacionado à percepção fenomenológica destas mesmas imagens, passíveis de interpretação imaginativa. Tornando-se o próprio corpo, imagem, ocorre a indiferenciação inerente à comparação entre imagem percebida e imagem emitida (Silva, 2012, p. 63).

O pensamento obsoleto e repetitivo é o contrário do pensamento simbólico e divertido e diverso – atenção à etimologia aqui: divertido tem sua origem no Latim, em *divertere* que significa virar em diferentes direções. Ou seja, o divertido considera o diverso e a diversidade, e isso é o contrário de qualquer aprisionamento repetitivo monoteísta. O fascismo paranoico ou a paranoia fascista é mais do que um sintoma, é uma patologia coletiva, um exagero do sistema orgânico humano que tenta equilibrar a falta do próprio pensamento simbólico:

No entanto, a crise de ‘eficiência simbólica’ à qual a paranoia busca responder é muito mais fundamental: é uma crise do próprio sujeito que infecta o sistema imunológico político. O desejo de reagir a um mundo de incertezas, um mundo no qual o sujeito é confrontado com um declínio da autoridade simbólica (por exemplo, mídia de massa, poder institucional, opiniões de especialistas), traz à tona uma enxurrada de imagens e afetos preenchendo as lacunas⁶¹ (Apprich; Neves, 2023, p. 265).

Mas, como vimos, é necessária uma liderança que sustente a projeção dos conteúdos inconscientes para que a paranoia sustente o regime fascista. Qual seria o líder ideal para cumprir tal papel? O problema que os líderes históricos enfrentaram e continuarão enfrentando é que a projeção da imagem do líder só se sustenta até certo ponto, durante uma quantidade limitada de tempo. E se houvesse um líder que pudesse agir, supostamente eternamente, como

⁶¹ No original: Yet, the crisis of “symbolic efficiency” to which paranoia seeks to respond is much more fundamental: it is a crisis of the subject itself that infects the political immune system. The desire to react to a world of uncertainties, a world in which the subject is confronted with a decline of symbolic authority (e.g., mass media, institutional power, expert opinions), brings forth a flood of images and affects filling the gaps.

Eco, a ninfa da mitologia que se apaixonou por Narciso e que apenas repete o que o personagem diz? Um líder sem sentimentos, sem culpa ou remorso que respondesse sempre às demandas do mercado e que nunca precisasse descansar? E, talvez o mais importante, um líder que conseguisse mudar sua imagem constantemente e automaticamente de acordo com as preferências projetivas de cada indivíduo massificado submetido ao regime fascista? Antes de responder a essas perguntas e oferecer a imagem do líder fascista perfeito, vamos refletir sobre o que diz René Girard:

O essencial, portanto, que nunca é percebido, nem pela teologia, nem pelas ciências do homem, é a colocação em xeque da representação persecutória. Para que ela tenha o máximo valor, é preciso que ela se produza nas circunstâncias mais difíceis, as mais desfavoráveis à verdade, as mais favoráveis à produção de uma nova mitologia (Girard, 2020, p. 165).

O líder precisa criar fantasias paranoicas sempre que a situação se mostrar difícil, são elas que garantem a sua posição e fazem a manutenção do sistema. Na impossibilidade de lidar com o mundo interior através do pensamento simbólico, porque este se encontra rebaixado de sua potência, o ser humano recorre para a devoração cíclica da iconofagia (Baitello Jr, 2014). A imagem, se fosse compreendida a partir da imaginação, seria a saída; porém, sendo apenas espelho narcísico, torna-se prisão. O líder fascista ideal, que na verdade serve de fachada para aqueles que o controlam ideologicamente, é, na verdade, plural: os algoritmos. Eles moldam o mundo de acordo com o desejo e projeção dos usuários enquanto respondem aos verdadeiros líderes do regime, as grandes companhias da comunicação digital.

A experiência da paranoia no regime do fascismo algorítmico pode ser resumida como o ato de se viver em fantasias de dupla determinação – o usuário fornece os dados para que as fantasias sejam construídas. No caso da contemporaneidade, isso se dá no mundo criado através das imagens digitais. Nas palavras, mais uma vez, de Norval Baitello Jr.:

Se não sabemos quem somos, aceitamos qualquer retrato do outro, desprezado de nossa própria percepção. Vimos, vivemos e partilhamos espaços e tempos com outros e acatamos qualquer caricatura que nos apresentem como verdadeira. Não sabemos quem somos, portanto, não temos existência autônoma, tudo deve ser ditado e comandado, como nos contos de fadas em que o poderoso herói vem magicamente trazer a derrota ao mal (Baitello Jr., 2019, p. 98).

É a magia das imagens que seduz e conquista os usuários, e uma das coisas que mais assusta é a normalização dessa situação das coisas: “É o uso de modos de expressão paranoicos por pessoas mais ou menos normais que torna o fenômeno significativo”⁶² (Zoja, 2017, p. 39, tradução nossa). Os usuários ficam aprisionados em suas projeções narcísicas e vivem como se

⁶² No original: It is the use of paranoid modes of expression by more or less normal people that makes the phenomenon significant.

isso fosse saudável, embora toda a situação do entorno, seja ele mais pessoal ou mais social, mostra o contrário. A apatia e o anestesiamiento perante as atrocidades diárias noticiadas nos canais de comunicação parecem não ser suficientes para tirar os indivíduos de suas idiotias e a sensação de pertencimento ao movimento e a alguma coletividade, mesmo que apenas digital, serve ao regime para manter o aprisionamento. Achemos impressionante o que descreveu René Girard quando o autor afirmou que o movimento de massas responde ao mesmo fenômeno:

Quanto mais a pertença é enraizada, ‘autêntica’, não desenraizável, mais ela repousa sobre idiotismos que parecem profundos, mas que são talvez insignificantes, verdadeiras idiotices, tanto no sentido do português como no sentido grego de *idion*, que significa ‘o próprio’. Quanto mais uma coisa nos pertence como própria, tanto mais de fato pertencemos a ela; isso não quer dizer que ela seja particularmente ‘inesgotável’ (Girard, 2020, p. 232).

A contradição faz parte do regime fascista como seu fundamento; narrativas contraditórias não são paradoxais ou complexas, ao contrário, são superficiais e funcionam como ferramentas para manter o movimento de massificação. A ação dos algoritmos procura unir através do comum e criar narrativas estereotipificantes que mantêm a massa sob controle. O que importa é a quantidade de interações, o tempo gasto em frente às telas; a qualidade das relações não fica somente abalada, mas quase se esvai por completo; parece nem existir mais qualquer preocupação com o assunto:

Essas condições de medialidade sustentam o ambiente onde a produção paranoica de significado se torna superprodução de conexões sem sentido entre pontos de dados extraídos das relações sociais plataformadas e, ao mesmo tempo, minam a possibilidade de comunidade online que, mesmo com plataformas alternativas não corporativas, requer investimentos emocionais, cognitivos e outros dos usuários. Como o trabalho de fazer conexões agora é terceirizado para a máquina, o tempo de rede dos usuários é instrumentalizado e fragmentado apenas o suficiente para produzir dados correlacionados, mas certamente insuficiente para investir em relações qualitativas⁶³ (Matviyenko; Kirtz, 2023, p. 395).

Temos aqui o fenômeno que gostamos de chamar da presença imagética do *Führer* ou *Il Duce* pessoal. O algoritmo, o líder plural e infalível que direciona os usuários para o que poderíamos enxergar como sendo campos de concentração digital, lugares virtuais onde os indivíduos entregam seu tempo e sua energia de vida, enquanto recebem em troca apenas ecos, repetições monotemáticas de suas próprias projeções inconscientes. Ironicamente, o usuário

⁶³ No original: These conditions of mediality sustain the environment where paranoid production of meaning becomes overproduction of meaningless connections between data points extracted from the platformized social relations, and at the same time they undermine the possibility of online community that, even with noncorporate alternative platforms, requires users’ emotional, cognitive, and other investments. Since the labor of making connections is now outsourced to the machine, users’ network time is instrumentalized and fragmented just enough for producing correlated data but certainly insufficient for investing in qualitative relations.

que concorda com o regime e que acredita controlar seu destino e suas escolhas é a própria vítima do fascismo algorítmico; o líder é o algoz disfarçado de salvador. Como afirma Byung Chul-Han: “A personalização da internet faz com que nosso modo de vida e nosso horizonte de experiência fique cada vez menor, cada vez mais restrito” (Han, 2022, p. 54). Cada vez mais o indivíduo vive apenas dentro de sua bolha de informações, criada a partir de sua própria personalidade, onde ele não é desafiado, ficando impedido de criar reflexões:

Máquinas geram prognósticos que projetam e refinam ininterruptamente uma teoria sobre sua personalidade e que preveem o que você fará a seguir. Juntas, essas máquinas produzem um universo de informações completamente próprio para cada um de nós – aquilo que chamo de *Filter Bubble*, filtro-bolhas – e alteram, assim, fundamentalmente como chegamos a informações e ideias (Pariser, 2012, p. 17).

Os filtro-bolhas levam às câmaras de eco que, talvez de maneira exagerada, mas também proposital, podem ser comparadas a câmaras de gás onde os indivíduos são deixados para morrer sem ar, incapacitados de respirar, sufocados, no caso da sociedade midiática, por imagens devoradoras. Devemos, mais uma vez, buscar ajuda na etimologia, lembrando que o prefixo *cyber* ou *ciber* tem origem no Latim em *gubernator*, que significa diretor, líder ou governador; ainda temos do Grego *kybernan*, que pode ser traduzido como pilotar, dirigir ou guiar o leme de um navio (Origem da Palavra, 2024). Nesse sentido, a sociedade cibernética está baseada fundamentalmente no controle. Parece ser impossível escapar do fascismo, em qualquer forma que ele se apresente:

A tragédia, ou farsa, desse confronto é como ele frequentemente acaba como uma forma de fascismo contra outra: fascismo populista contra fascismo do Big Data. O algoritmo que estigmatiza pessoas de cor com maior risco de crime e menor pontuação de crédito difere de um comício de rua supremacista branco — ou na Europa continental, ‘identitário’ — apenas em sua forma simbólica, não em sua semântica e pragmática. Ambos podem ser baseados na mesma análise de crapularidade, já que os comícios de rua populistas de hoje são frequentemente o resultado de algoritmos que reúnem pessoas com ideias semelhantes em câmaras de eco de mídia social online. De qualquer forma, a subjetividade está destinada a permanecer codificada nessa análise, mesmo depois que a humanidade estiver literalmente (e não apenas figurativamente) morta e desaparecida⁶⁴ (Cramer, 2018, p. 52).

⁶⁴ No original: The tragedy, or farce, of this confrontation is how it often ends up as one form of fascism against another: populist fascism against Big Data fascism. The algorithm that stigmatizes people of color with a higher crime risk and a lower credit score differs from a white supremacist—or in continental Europe, “identitarian”—street rally only in its symbolic form, not in its semantics and pragmatics. Both can be based on the same crapularity analytics, since today’s populist street rallies are often the outcome of algorithms that bring like-minded people together in online social media echo chambers. Either way, subjectivity is destined to remain hardcoded into this analytics, even after humanity is literally (and not just figuratively) dead and gone.

Podemos fazer agora um resumo da nossa conceituação geral do que é o fascismo: o estado de paranoia coletiva estabelecido a partir da ideologia segregacionista de uma liderança que busca controle total da massa através do exercício do poder econômico, social, cultural e político. Seu contrário é a ação coletiva que trabalha por um movimento de união e pelo desenvolvimento da igualdade através da reflexão e da capacidade crítica dos indivíduos com o objetivo de criação de consciência ecossistêmica. A partir de tudo o que foi discutido até aqui, podemos afirmar que o fascismo pode continuar se transformando ao longo da história, irrompendo sempre que as situações sejam oportunas e, talvez apenas na atualidade, ele seja (também) algorítmico.

5.2 Batalhas midiáticas e o manifesto da guerrilha⁶⁵ simbólica

Explicamos anteriormente do que se trata a guerrilha semiológica proposta por Umberto Eco. Em sua genialidade, o pensador percebeu que caminhávamos para a situação atual das coisas. O autor chegou a afirmar: “A batalha pela sobrevivência do homem como ser responsável na Era da Comunicação não será vencida onde a comunicação se origina, mas onde ela chega” (Eco, 1986, p. 142, tradução nossa)⁶⁶. É preciso deixar claro que Umberto Eco não sugere que a comunicação tem início nos meios, o autor sabe bem que ela começa com o próprio ser humano. Ele se refere aqui, contextualmente e diretamente, aos meios de comunicação. Era a visão de Eco que a mera utilização desses meios de comunicação como ferramenta de resistência contra o pensamento hegemônico pode ter grandes impactos políticos e econômicos, mas não ajuda muito o indivíduo no aprendizado de como lidar com o bombardeamento constante de informação característica dos dias atuais. Afirma Byung Chul-Han que: “Ser e informação são mutuamente excludentes. Assim, é inerente à sociedade da informação uma carência de ser, um esquecimento do ser” (Han, 2023, p. 9). Nossa interpretação do que diz o autor é a de que a narração, em sua concepção, permite o contato com o outro real, enquanto a informação reduz a experiência simbólica.

De fora, o outro não fala, o outro de dentro, que espelha o objeto, também fica calado; mas acaba gritando projetado nas telas, essa é a totalização do imaginário que, em outras palavras, resulta na paranoia coletiva. Voltamos, então, obrigatoriamente, a Harry Pross e

⁶⁵ A nossa visão é a de que o guerrilheiro simbólico luta, porque é preciso, para estabelecer a paz. Não é sua intenção perpetuar a guerra. Embora saibamos também que novas batalhas serão travadas, mesmo contra a vontade daqueles que aspiram por um estado diferente das coisas. O guerrilheiro simbólico age para que guerra seja travada dentro de cada indivíduo, através do conflito consigo mesmo; exatamente de forma simbólica e não literal.

⁶⁶ No original: “*The battle for the survival of man as a responsible being in the Communication Era is not to be won where the communication originates, but where it arrives*”.

levamos em consideração que a comunicação inicia e se encerra no corpo (Pross, 1972), mesmo que, virtualmente, o corpo esteja abandonado na sociedade midiática contemporânea. E o que há dentro do corpo? Se conseguimos escapar da literalidade e ultrapassar a pele, a carne, os ossos e os órgãos, encontraremos a dimensão arquetípica e simbólica que só pode ser vivida por meio do corpo. Através do corpo vivemos, sem dúvida, a literalidade e a concretude; mas no corpo também podemos experienciar o imaginal. Esta dimensão, por sua vez, pode ser compreendida de maneira simbólica e funcionar como um complemento importante da consciência ou irromper através de sintomas individuais e coletivos. Somente através da relação humana direta é possível gerar mudanças significativas no processo de desenvolvimento social e cultural e promover a criação de consciência política individual e coletiva, essa é a afirmação de Umberto Eco sobre a guerrilha semiológica.

Porém, em nossa visão, além de semiológica, a guerrilha precisa também ser simbólica. A primeira característica pode ser compreendida como direcionada para a batalha que diz respeito à capacidade interpretativa mais direta das mensagens. Mas quando falamos de simbolismo, nos referimos à capacidade humana de pensar metaforicamente, compreendendo que as imagens e mensagens são sempre muito mais do que aparentam. Elas carregam aspectos e conteúdos inconscientes que só podem ser integrados na consciência quando nos propomos ao exercício do pensamento simbólico que traz em seu fundamento o único comportamento que se aproxima do fenômeno que é a vida, sem nunca esquecer de que qualquer compreensão é sempre aproximativa: a atitude paradoxal (Hillman, 2016; Jung, 2013).

A capacidade de pensar paradoxalmente reflete diretamente no poder de relativização das experiências vividas e diminui a reatividade das ações (Jung, 1988). Isso é o contrário da paranoia e permite que a luta contra injustiças, sejam elas políticas, sociais, econômicas ou culturais, aconteça mais baseada em reflexões coerentes de como agir nas situações específicas do que ações reativas que perpetuam o *status quo* de maneira circular e repetitiva. Para ser possível decidir através da reflexão, é preciso viver o tempo lento da psique, que se apresenta contrário ao tempo rápido, quase instantâneo da mídia digital. A reflexão e o pensamento simbólico levam ao surgimento de comportamentos mais adequados para a integração entre os lados discordantes, mesmo que as opiniões opostas sejam mantidas no processo (Jung, 2011b). Isto está na raiz do manifesto da guerrilha simbólica: cada indivíduo precisa trabalhar a partir de si para integrar a coletividade de maneira ecológica e sistêmica compreendendo a si mesmo como parte da totalidade enquanto não se confunde com ela, comportamento característico de um estado rebaixado de consciência que leva à destruição sistemática do planeta, seus recursos e da própria espécie humana.

Vejamos, segundo James Hillman, uma descrição que parece muito adequada de como vivemos na atualidade:

‘Desconfiança e suspeita injustificadas e difundidas’. ‘Os indivíduos são hipervigilantes e tomam precauções contra ameaças detectadas’. ‘Percepção de uma gama incomum de estímulos’, ‘Tendência a se livrar de culpa, mesmo quando justificada’. ‘Fuga da depressão’. ‘Questionamento da lealdade dos outros’. ‘Insistência no sigilo’, ‘Indivíduos severos e críticos com os outros’. ‘Tendência a contra-atacar’. ‘Falta de vontade de se comprometer’. ‘Raiva intensa, mas reprimida’. ‘Ambiciosos, controladores, agressivos e com frequência hostis e destrutivos’. ‘Geram desconforto e medo nos outros’. ‘Geralmente interessados em objetos mecânicos, eletrônicos e em automação’. ‘Evitam atividades em grupo, a menos que estejam numa posição de dominação’. ‘Evitam surpresas, virtualmente antecipando-as’. ‘Pavor...submissão passiva’. ‘Os amigos são constantemente testados... até que eles se afastem ou antagonizem-se’. ‘Medo excessivo da perda do poder de moldar os acontecimentos de acordo com suas próprias vontades’. ‘Transformação da tensão interna em tensão externa’. ‘Estado contínuo de total mobilização’. ‘Render-se à dominação externa e render-se à pressão interna são uma ameaça’. ‘Medo de serem ludibriados a entregar algum elemento da autodeterminação’. ‘Geralmente desinteressados em arte ou estética’. ‘Raramente riem’. ‘Falta de um sentido de humor verdadeiro’. ‘O que parece confortavelmente conhecido... parece uma imitação... Não é amigável; está só desenhado para parecer amigável’. ‘Agudamente conscientes... de quem é superior ou inferior’. ‘Desdenham as pessoas que são vistas como fracas, suaves, doentias ou defeituosas’ (Hillman, 2016, p. 78-79).

E, assim, declaramos nosso manifesto em um mundo de controle e governança maquínicos, ou seja, no regime do fascismo algorítmico, as informações são filtradas e o mecanismo funcionando por trás disso tudo vai se tornando cada vez mais ininteligível e transparente para os sujeitos humanos. A paranoia aumenta de acordo com esse processo, só não sabemos se de maneira diretamente proporcional ou exponencial. Cresce também a necessidade de um inimigo projetado, objeto da fantasia e da necessidade natural de expressão do imaginário. Para quebrar essa tensão é necessário um elemento de fora, um guerrilheiro que convide o indivíduo a se libertar, a pensar simbólica e paradoxalmente sobre qualquer que seja o assunto. As batalhas precisam ser travadas diretamente, no corpo a corpo, antes que a informação enviada através da mensagem e a recepção dela aconteça, ou seja, de maneira antecipatória e na relação humana próxima – entre humanos, sem telas intermediárias. Entendemos que a utilização da própria mídia como arma nessa guerra não deve ser descartada, porém, se não ampliarmos a esfera de ação para o encontro direto com o receptor, continuaremos andando em círculos e repetindo padrões de comportamentos que podemos observar na história.

Também fundamental é a dúvida: “Pois duvidar é uma função psicológica – não meramente para depurar ou provar a fé – mas para prevenir a resposta de fé inerente à demência do literalismo” (Hillman, 2016, p. 67). Não há criação de consciência sem dúvida; pois então se faz necessário ao guerrilheiro simbólico que seja amigo da dúvida, que ande de mãos dadas com ela. É somente duvidando que realmente prestamos atenção nos detalhes, se não for assim, tomamos a parte pelo todo automaticamente: tudo se torna genérico e o individual desaparece; caímos numa espécie de sonambulismo anestésico. Dessa forma, ficamos impossibilitados de encontrar diferenças quando nos encontramos naquela situação descrita pelo narrador no livro *Clube da Luta*: “É assim que as coisas funcionam quanto se tem insônia. Tudo está muito longe, é a cópia da cópia da cópia. A insônia o distancia de tudo, você não consegue tocar em nada e nada consegue tocar em você” (Palahniuk, 2012, p. 10).

Apesar de tudo parecer novidade, a criatividade fica impedida e: “Consequentemente, a incapacidade de apreender uma nova realidade produz uma crise de representação e, portanto, do próprio político. Em um mundo onde tudo deve estar conectado a todo o resto, o quadro total nunca pode ser completo”⁶⁷ (Apprich; Neves, 2023, p. 272, tradução nossa). Na paranoia determinada pelo fascismo algorítmico não há contraste, o indivíduo massificado não consegue nem imaginar trocar de lado. Imaginar seria a chave! Quando não conseguimos duvidar é impossível imaginar, e vice-versa. Imaginação e dúvida só podem viver juntos, por isso, também acabam morrendo juntos. Numa sociedade onde não há dúvida impera o literalismo e com ele a fantasia paranoica. É missão do guerrilheiro simbólico lutar pela imaginação criativa! Como afirma Clemens Apprich: “(...) delírios paranoicos também funcionam como um mecanismo de autocura, um processo reparador para compensar uma perda de ordem simbólica devido a uma superprodução de significado”⁶⁸ (Apprich, 2020, p. 6, tradução nossa). Transformemos nossos próprios delírios em imaginações criativas de um futuro melhor.

Para relativizar é preciso discriminar, o que, por sua vez, exige atenção, algo quase impossível quando o tempo e o espaço são tomados por informação e imagens devoradoras. Atenção consciente não é paralisação; na sociedade midiática impera a segunda. Aprisionados em câmaras de eco, só ouvimos a nós mesmos, mais uma vez com as imagens publicadas servindo, como já dissemos, como a ninfa Eco que só repetia o que dizia Narciso. Nessa seara, o guerrilheiro simbólico também precisa saber escutar o diverso:

⁶⁷ No original: Consequently, the inability to grasp a new reality produces a crisis of representation and thus the political itself. In a world where everything is supposed to be connected to everything else, the total picture can never be complete.

⁶⁸ No original: (...) paranoid delusions also function as a self-healing mechanism, a reparative process to compensate for a loss of symbolic order due to an overproduction of meaning.

Não ouvimos mais o outro de maneira atenta. Ouvir atentamente é um ato político, à medida que só com ele as pessoas formam uma comunidade e se tornam capazes de discursar. Ele promove um nós. A democracia é uma comunidade de escuta atenta. A comunicação digital como comunicação sem comunidade destrói a política da escuta atenta. Só ouvimos ainda, então, a nós mesmos falar. Isso seria o fim da ação comunicativa (Han, 2022, p. 62, grifos do autor).

Encontrar a linha tênue, vacilante e irregular que paradoxalmente separa e une o indivíduo e a coletividade não é tarefa fácil e exige dedicação. O mecanismo estereotípico da mídia social que, através da provocação emocional, age rapidamente na transmissão de informação, não deixa tempo para tal empreitada, e o que sobra é somente a projeção. Apenas aceitando a história de vida real que o outro pode transmitir através de suas narrativas é possível uma relação também real. Se vejo o outro através da tela, não vejo o outro, vejo uma imagem do outro; mais uma vez, a presença de uma ausência (Belting, 2010), que é preenchida pelos meus próprios conteúdos:

Nossa psique tem uma necessidade inata de se interessar por outras pessoas, de estabelecer laços. Se estamos separados dos outros (uma condição encorajada pelo individualismo atual e facilitada pela tecnologia), esse instinto leva a mente a se preocupar ainda com eles, mas na forma de fantasias, que são separadas da realidade e, portanto, muito mais incontroláveis e perigosas, que não contêm julgamentos, mas preconceitos⁶⁹ (Zoja, 2017, p. 34).

O guerrilheiro simbólico precisa se aproximar dos outros, sentir e atuar de perto, somente assim será possível causar qualquer efeito e nutrir esperança de mudanças. A partir da transformação do indivíduo é que podemos alcançar mudanças também no funcionamento da própria mídia que atinjam a coletividade:

Reconfigurar o ambiente tecnológico da mídia que condiciona nossas experiências individuais e coletivas será crucial se quisermos ir além do alinhamento individualista das plataformas de mídia social e seu foco na autorrepresentação em direção a uma ‘ecologia da atenção’ que nos ajude a nos tornarmos mais atentos uns aos outros⁷⁰ (Apprich, 2020, p. 16).

Por último, o guerrilheiro simbólico é religioso! Não no sentido literal, institucional e institucionalizante, mas no sentido hermético, mercurial, simbólico. Adotamos aqui a visão do

⁶⁹ No original: Our psyche has an innate need to take an interest in other people, to establish ties. If we are separated from others (a condition encouraged by present-day individualism and facilitated by technology), this instinct leads the mind still to concern itself with them, but in the form of fantasies, which are detached from reality, and hence far more uncontrollable and dangerous, which contain not judgements, but prejudices.

⁷⁰ No original: Reconfiguring the media technological environment that conditions our individual and collective experiences will be crucial if we want to move beyond the individualistic alignment of social media platforms and their focus on self-representation towards an “attention ecology” that helps us to become more attentive to one another.

filósofo Jacques Derrida (2000) sobre a etimologia e a compreensão conceitual do termo porque ela permite movimento.

Segundo o autor, podemos fazer duas leituras diferentes da etimologia da palavra religião. Uma aponta para *religare*, contando de uma reconexão necessária da ligação perdida entre o ser humano e as divindades; a outra vem de *relegere*, que significa uma releitura constante, minuciosa e disciplinada dos fenômenos dos dramas divinos e humanos, assim como a suas interligações. Embora diversas, hermeticamente, as duas são possíveis, juntas ou separadas, ao mesmo tempo ou de forma alternada. São possíveis em termos de entendimento intelectual, mas também e, na nossa visão, principalmente, como atitudes a serem tomadas. Agindo, paradoxalmente, das duas maneiras, mantemos vivos o deus da comunicação. Não encontramos melhores palavras para exprimir isso do que aquelas proferidas por James Hillman: “Sem Hermes, o Mensageiro, alusões e gestos divinos tornam-se ordens literais, e o instinto religioso torna-se desordenado, paranoico” (Hillman, 2016, p. 66).

CONCLUSÕES

“Supondo que tivéssemos tanta certeza de todas essas coisas – o que saberíamos então que já não sabemos nesse momento?”

Cindy Paton

Acreditamos que não seja necessário dizer que o assunto não se esgota, do contrário, não seria possível falar de um fascismo eterno, atemporal, arquetípico e algorítmico. Mesmo assim, achamos importante afirmar que nossa intenção nunca foi encerrar o assunto ou propor uma solução permanente para o problema, mas sim circumambular, ampliar e amplificar o fenômeno e suas imagens para que fosse possível criar alguma consciência sobre o tema. Nossa fantasia racional é a de que alcançamos tal objetivo. A partir dessa constatação, iremos puxar a tomada?

Retomando nossas perguntas iniciais: como o fascismo, em sua dimensão arquetípica, está conectado e se manifesta na sociedade midiática da atualidade? E, como a paranoia coletiva funciona como pano de fundo e sustentáculo dessa dinâmica fascista que se disfarça de um estado de liberdade de pensamento e comportamento, mas que, na verdade, transforma cada indivíduo em mais uma peça genérica da engrenagem?

Acreditamos que esses questionamentos foram respondidos ao longo do trabalho comprovando nossas hipóteses de que o funcionamento do algoritmo acaba sendo fascista por sua atuação segregacionista que cria câmara de ecos que aprisionam os indivíduos em suas próprias bolhas de pensamento. Conjuntamente, pudemos observar também como a paranoia coletiva é instaurada de maneira ideológica, principalmente através dos meios de comunicação digitais, e utilizada indiscriminadamente como sustentáculo da dinâmica fascista neoliberal das grandes lideranças políticas e econômicas.

Vivemos numa era paranoica, de busca incessante por significado, apesar da impossibilidade de encontrá-lo; nesse sentido, podemos facilmente definir esse tempo como kafkiano. Embora não tenhamos citado o autor até agora nenhuma vez no texto, ele chega em boa hora, pois nos ajuda a fechar este trabalho de maneira que a reflexão permaneça aberta. Não nos parece exagero dizer que nossa vida cotidiana pode ser comparada com episódios que

poderiam ser encontrados em praticamente qualquer um dos livros de Kafka. Ele anunciou, talvez intuitivamente e sem usar diretamente a expressão, a paranoia como modo de vida.

O que impera é um estado que se assemelha ao sonho, um delírio coletivo que encontra sua fundamentação e confirmação nas câmaras de eco criadas pela guiança fascista das imagens distribuídas individualmente pela ação dos algoritmos. Os deuses da mitologia, seja ela cristã, grega, romana, iorubá ou até mesmo algorítmica não só vivem entre nós, mas, negados de sua participação ritualística em nossas realidades pelo monoteísmo da consciência, vingam-se e constroem a situação patológica e disfuncional em que vivemos. Uma das frases mais citadas e parafraseadas, seja na esfera científica ou não, de C. G. Jung diz:

Ainda estamos tão possuídos pelos conteúdos psíquicos autônomos, como se esses fossem deuses. Atualmente eles são chamados: fobias, compulsões, e assim por diante; numa palavra, sintomas neuróticos. Os deuses tornaram-se doenças. Zeus não governa mais o Olimpo, mas o plexo solar e produz espécimes curiosos que visitam o consultório médico; também perturba os miolos dos políticos e jornalistas, que desencadeiam pelo mundo verdadeiras epidemias psíquicas (Jung, 2018b, p. 43).

Atualizando o que foi proposto pelo autor, podemos enxergar como esses conteúdos são projetados nas imagens, narrativas verdadeiras ou falsas, informação ou desinformação publicadas e compartilhadas nas redes sociais. Essa é a razão principal para incluirmos o inconsciente como parte dos estudos da comunicação. É preciso aceitar, mesmo que hipoteticamente, a inversão proposta pela psicologia de profundidade, em oposição à psicanálise ortodoxa, de que o inconsciente não é epifenômeno da consciência. Essa é, na nossa visão, uma das chaves de compreensão do misticismo por trás do fenômeno do fascismo, como citado por Reich (1988).

A psique, que não pode ser confundida com a consciência, mas sim compreendida como uma totalidade que carrega uma infinidade de processos desconhecidos pelo ser humano, precisa ser considerada dessa forma, principalmente em sua dimensão arquetípica. O que propomos, principalmente do ponto de vista metodológico, é que seja possível nos estudos da comunicação somar aos seus conceitos fundamentais ideias desenvolvidas pela psicologia. Isso contempla o que foi proposto por muitos autores, por exemplo, Edgar Morin (2007b) e suas ideias sobre a interligação dos saberes e suas teorias da transdisciplinaridade e da complexidade.

Durante nossa pesquisa, percebemos o quanto os temas propostos são difíceis de serem determinados conceitualmente; só foi possível fazer isso a partir de escolhas supostamente conscientes e enviesadas por nosso próprio sistema de crenças e pensamento, ou seja, pela nossa psique total, incluindo também o inconsciente. Isso nos faz levantar uma pergunta: não é exatamente esse o mecanismo de funcionamento da paranoia? Gostamos de acreditar que nossa

visão científica é mais apropriada para a compreensão do mundo, mas porque isso seria verdade? Mais uma vez com a ajuda de C. G. Jung, o autor afirma sobre os paranoicos: “Esses tipos de caso possuem uma tendência especial para *neologismos*, que na maior parte se reduzem à aplicação de termos técnicos que dão a impressão de erudição e distinção” (Jung, 2011e, p. 88). A suposta diferença entre os sãos e os paranoicos estaria na tentativa verdadeira ou falsa de compreensão do fenômeno. Portanto, para não criar uma ciência paranoica, é necessário que duvidemos de tudo aquilo que produzimos. É a dúvida nossa salvação.

Voltemos a Kafka, mas através das palavras de Albert Camus: “O mundo de Kafka é na verdade um universo indizível onde o homem se dá ao luxo de pescar numa banheira, mesmo sabendo que dali não sairá nada” (Camus, 2019, p. 131). Longe de nós querermos ser pessimistas, mas se não trouxermos um pouco de realidade para as nossas reflexões, corremos o risco de nos perdermos na paranoia criada pela superinformação, pela abundância de dados, números e gráficos, pela invasão das imagens da era da iconofagia (Baitello Jr., 2014) que se dá não só na nossa vida cotidiana, mas na ciência que propomos – a qual, também entendemos, é talvez a maior parte da nossa vida cotidiana enquanto cientistas. Todas essas coisas, na verdade, podem servir somente para confirmar aquilo que já sabemos ou que acreditamos saber sobre o mundo, ou seja, servem apenas para confirmar nossas próprias ideias paranoicas.

Talvez a paranoia venha como alguma garantia de que andamos pelo caminho certo durante nossa pesquisa; a necessidade de abordar o assunto veio naturalmente e de forma imprevista. Esse pode ser um sinal de que não estamos, em nossa pesquisa, apenas confirmando nossas opiniões prévias sobre o assunto, afinal, a surpresa é o que constitui a verdade pesquisa científica. Fomos, por assim dizer, virados do avesso pelo fenômeno que nos convocou à sua própria verdade; a paranoia se impôs.

Queremos dar destaque para duas falas de Vilém Flusser sobre Kafka. A primeira: “Da incongruência entre código e mensagem surge a vivência do absurdo que Kafka nos proporciona” (Flusser, 2002, p. 73). A mensagem era escrita por Kafka, mas, como é característico de um autor simbólico, ele falava mais do que queria dizer do ponto de vista pessoal, atingindo e revelando também conteúdos coletivos. Kafka foi um representante do vir a ser que se realiza – talvez ainda parcialmente – na contemporaneidade. Olhemos para Kafka como um daqueles que revelou antecipadamente o que o inconsciente coletivo e seus arquétipos guardavam para nós, meros humanos do tempo presente. Ainda com Flusser, parecemos concordar:

Considerada do nosso ponto de vista, do ponto de vista dos interlocutores de Kafka, a sua mensagem é prematura. As razões dessa afirmativa são as

seguintes: Kafka vive num mundo cuja problemática pouco ou nada tem a ver com a problemática dos seus contemporâneos, razão por que não foi ‘compreendido’ em seu tempo. Os problemas que o perseguiram e torturavam careciam de significado para os que com ele vivam. Alguns desses problemas começam a adquirir hoje um significado (Flusser, 2002, p. 74 - 75).

Negando o que afirmamos antes, Kafka não chega no final do nosso trabalho. Esteve sempre com a gente, porém, de maneira disfarçada, atuando por trás do texto. Kafka seria uma boa imagem para a sombra do pesquisador, que, com esperança de ter tecido uma espiral de aprofundamento reflexivo, questiona se chegou em algum lugar diferente de onde havia começado.

Para encerrar, chamamos às armas aqueles que acreditam na possibilidade de uma guerrilha simbólica; da guerra corpo a corpo, do contato humano, dos olhos nos olhos e da possibilidade do conflito crítico, mesmo que, muitas vezes, isso pareça paranoico. Rezemos para Exu, Zé Pelintra, Hermes, Mercúrio, Lóki e Sun Wukong⁷¹, para que eles permitam a loucura necessária, na justa medida, para que nos tornemos mais humanos e, assim, talvez, um pouco mais sãos. A indiferença do fascismo algorítmico paranoico não atinge somente a relação com os outros, mas a relação que deveríamos estabelecer com a nossa própria existência individual. Se não habitarmos nosso próprio corpo, onde viveremos? Não queremos, como aconteceu com o personagem de Kafka, Gregor Samsa, nos encontrarmos sem explicação aparente, transformados em insetos parasitas parasitados. Encerramos então essas conclusões e considerações (kafka) finais, com as palavras do próprio autor:

Logo descobriu que não podia absolutamente mais se mexer. Não se admirou com esse fato, pareceu-lhe antes um pouco natural que até agora tivesse conseguido se movimentar com aquelas perninhas finas. No restante sentia-se relativamente confortável. Na realidade tinha dores no corpo, mas para ele era como se elas fossem ficar cada vez mais fracas e finalmente desaparecer por completo. A maçã apodrecida nas suas costas e a região inflamada em volta, inteiramente cobertas por uma poeira mole, quase não o incomodavam. Recordava-se da família com emoção e amor. Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. Permaneceu nesse estado de meditação vazia e pacífica até que o relógio da torre bateu a terceira hora da manhã. Ele vivenciou o início do clarear geral do dia lá do lado de fora da janela. Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluiu fraco o último fôlego (Kafka, 2017, p. 78).

Não resta outra saída, a não ser o movimento, para dentro e para fora. Vamos às batalhas, guerreiros simbólicos!

⁷¹ Personagem na mitologia chinesa conhecido no ocidente como O Rei Macaco. Pode ser comparado à imagem arquetípica do malandro (em inglês, o famoso trickster).

REFERÊNCIAS

- ADLER, Alfred. **Understanding human nature: A key to self-knowledge**. Nova Délhi: Namaskar, 2021.
- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.
- APPRICH, Clemens. Data paranoia: how to make sense of pattern discrimination. **Pattern Discrimination**. p. 99 - 123, 2018.
- APPRICH, Clemens. The paranoid machine: five theses on digital cultures. **Explorations in digital cultures**. p. 1-18, 2020.
- APPRICH, Clemens; NEVES, Joshua. Introduction: Paranoia and New Attentional Forms. **Discourse**, v. 45, n. 3, p. 261-279, 2023.
- BACKES, Uwe. Meaning and forms of political extremism in past and present. **Středoevropské politické studie**, v.9, n. 4, p. 242-262, 2007.
- BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.
- BAITELLO JR., Norval. Instead of an epilogue: Iconophagy: Impact and impulses for global youth and education. *In: Global Youth in Digital Trajectories*: Routledge, p. 146-150. 2017.
- BAITELLO JR., Norval. **Existências Penduradas - Selfies, Retratos e Outros Penduricalhos**. São Paulo: Unisinos, 2019.
- BAITELLO JR., Norval. **O pensamento Sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.
- BAITELLO JR., Norval. **O tempo lento e o espaço nulo: mídia primária, secundária e terciária. Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 47-64, 2001.
- BALESTRINI JR., José Luiz. A Função Transcendente. *In: Fundamentos da psicologia analítica*. São Paulo: Eleva Editora, 2022.
- BALESTRINI JR., José Luiz. **Campos de concentração digitais do fascismo dissimulado à infocracia**. In: VII ComCult, 2023. Anais. Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da PUC, São Paulo, 2023a.
- BALESTRINI JR., José Luiz. **Sonho, Imagem, Imaginação e o Coração Onírico**. São Paulo: Eleva Cultural, 2023b.
- BALESTRINI JR., José Luiz; CONTRERA, Malena Segura. A destruição do espírito crítico: uma expressão do ur-fascismo na atualidade. **Revista Mediação**, 2021.

BALESTRINI JR., José Luiz; CONTRERA, Malena Segura. São Paulo. A eletrificação das imagens oníricas. In: **Anais do 32º Encontro Anual da Compós**, 2023, São Paulo. Anais eletrônicos. 2023.

BALESTRINI JR, José Luiz Balestrini; MAIA, Sandra Helena Vieira; CONTRERA, Malena. Vício nas telas, tempo de sono e a crise do pensamento simbólico. **Revista Eco-Pós**, v. 27, n. 2, p. 378-398, 2024.

BARRETTO FILHO, Henyo Trindade. Bolsonaro, Meio Ambiente, Povos e terras indígenas e de comunidades tradicionais: uma visada a partir da Amazônia. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991),v. 29, n. 2, p. e178663-e178663, 2020.

BARROS, ATMP. Raízes dos estudos do imaginário: teóricos, noções, métodos. **Teorias da Imagem e do Imaginário**, p. 50-80, 2014.

BARROS, Ricardo Paes de; HENRIQUES, Ricardo; MENDONÇA, Rosane. Desigualdade e pobreza no Brasil: retrato de uma estabilidade inaceitável. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, p. 123-142, 2000.

BATAILLE, Georges; LOVITT, Carl R. The psychological structure of fascism. **New german critique**, n. 16, p. 64-87, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1991.

BEIGUELMAN, Giselle. As verdades dos deepfakes. **Revista Zum**, ano 10, 2020.

BELTING, Hans, **Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem**. KKYM+ EAUM-Escola de Arquitectura, Universidade do Minho, 2014.

BELTING, Hans. Image, medium, body: A new approach to iconology. **Critical inquiry**, v.31, n. 2, p. 302-319, 2005.

BELTING, Hans. **Semelhança e presença: a história da imagem antes da era da arte**. Rio de Janeiro: Ars Urbe, 2010.

BIDDLE, William W. A psychological definition of propaganda. **The Journal of Abnormal and Social Psychology**, v.26, n. 3, p. 283, 1931.

BITTENCOURT, Maria Inês GF. Conceito de psicopatia: elementos para uma definição. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 33, n. 4, p. 20-34, 1981.

BOITO JR., Armando. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica marxista**, v.50, p. 111-119, 2020.

BONAVENTURE, Léon. **Miscellanea: Escritos diversos**. São Paulo: Paulus Editora, 2021.

BOSWORTH, Richard James Boon. **Mussolini and the Eclipse of Italian Fascism: From Dictatorship to Populism**. Yale University Press, 2021.

BRAGA, Renê Moraes da Costa. A indústria das fake news e o discurso de ódio. **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**, v.1, p. 203-220, 2018.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis, RJ: Vozes, v.1, 2014.

BRITO, Mário da Silva. Marinetti em São Paulo. **Literatura e sociedade**, v. 9, n. 7, p. 332-336, 2004.

BULLI, Giorgia. CasaPound Italia's cultural imaginary. **Patterns of Prejudice**, v. 53, n. 3, p. 253-269, 2019.

CALGARO, Fernanda. Bolsonaro inflamou atos golpistas com uso de violência em diversas ocasiões durante o mandato; relembre. **G1**, 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/11/invasao-do-stf-congresso-e-planalto-terroristas-miraram-locais-que-foram-alvo-de-ataques-de-bolsonaro-durante-o-mandato.ghtml>. Acesso em: 29 jul. 2024.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2019.

CHOI, Hyunyoung; VARIAN, Hal. Predicting the present with Google Trends. **Economic record**, v. 88, p. 2-9, 2012.

COELHO, Fernando Mendes. Neoliberalismo e darwinismo social: reflexões a partir da pandemia de covid-19 no Brasil. **Temporalidades**, v.14, n. 1, p. 613-639, 2022.

CONTRERA, Malena Segura. Imagens endógenas e imaginação simbólica. **Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia**, v. 23, n. 1, 2016.

CONTRERA, Malena Segura. Imaginação e Dimensão Simbólica da Imagem. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v.15, n. 29, 2018.

CONTRERA, Malena Segura. Impactos persistentes da cultura de massas na comunicação: a crise da empatia e o rebaixamento cognitivo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.44, p. 35-49, 2021.

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera**. São Paulo: Annablume, 2010.

CONTRERA, Malena Segura. **O mito na mídia**: a presença de conteúdos arcaicos nos meios de comunicação. São Paulo: Annablume, 1996.

CONTRERA, Malena Segura; TORRES, Leonardo de Souza; BALESTRINI JR., José Luiz. Fake News e a irrupção do Imaginário. **Anais do 30º encontro anual da compós**, 2021.

CONTRERA, Malena Segura; TORRES, Leonardo Souza. Reverberações simbólicas no Google Trends: uma análise do imaginário na internet. **Intexto**, n. 52, p. 98924, 2021.

CORTEZ, Yasmin Barros; SANTOS, Douglas Firmino dos; BIAR, Liana de Andrade. A ascensão de um termo: fascismo, necropolítica e o atual cenário político brasileiro. **Revista Escrita**, 2020, n. 26, 2020.

CRAMER, Florian. Crapularity hermeneutics: interpretation as the blind spot of analytics, artificial intelligence, and other algorithmic producers of the postapocalyptic present. **Repositorium für die Medienwissenschaft**, p. 23 – 58, 2018.

CYRULNIK, Boris. **Resiliência**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Editora Companhia das Letras, 2015.

DAVIS, Jade E. Paranoia and Fantastic Blackness. **Discourse**, v. 45, n. 3, p. 309-328, 2023.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Porto: Edições Antipáticas, 2005.

DEPUTADOS bolsonaristas criticam “Papa comunista”. **O Antagonista**, 2024. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/brasil/deputados-bolsonaristas-criticam-papa-comunista/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

DERRIDA, Jacques. **A religião**: o seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais**: Porque, pela 1ª vez, filhos têm QI inferior ao dos pais. Belo Horizonte: Vestígio Editora, 2021.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA - **DPLP**. Brasil, 2024. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org>.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Trad. Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ECO, Umberto. **How to Spot a Fascist**. Nova York: Random House, 2020.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. São Paulo: Editora Record, 2021.

ECO, Umberto. **Travels in hyper reality**: Essays. Boston: Houghton Mifflin Harcourt, 1986.

EDINGER, Edward F. **A criação da consciência**: o mito de Jung para o homem moderno, São Paulo: Cultrix, 1984.

ERTZ, Myriam; CAO, Xinyuan; MARAVILLA, José Maria Barragán. The Prosumer. **Encyclopedia**, v. 4, n. 3, p. 1263-1278, 2024.

FIELITZ, Maik; MARCKS, Holger. **Digital fascism**: Challenges for the open society in times of social media, 2019.

FILIPPI, Francesco. **Ma perché siamo ancora fascisti?**: un conto rimasto aperto. Torino: Bollati Boringhieri, 2020.

FLUSSER, Vilém. **Da religiosidade**: a literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

FORCHTNER, Bernhard. Nation, nature, purity: Extreme-right biodiversity in Germany. **Patterns of Prejudice**, v. 53, n. 3, p. 285-301, 2019.

FURET, François; NOLTE, Ernst. **Fascism and communism**. Nebraska: University of Nebraska Press, 2001.

GELFERT, Axel. Fake news: A definition. **Informal logic**, v. 38, n. 1, p. 84-117, 2018.

GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. **Media technologies: Essays on communication, materiality, and society**, v. 167, n. 2014, p. 167, 2014.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. São Paulo: Leya, 2020.

GOMES, Wilson da Silva; DOURADO, Tatiana. Fake news, um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v.16, n. 2, p. 33-45, 2019.

GREGOR, A. James. **Marxismo, Fascismo e Totalitarismo**. Campinas: Vide Editorial, 2021.

GREYLING, Talita; ROSSOUW, Stephanié. Development and Validation of a Real-Time Happiness Index Using Google Trends™. **Journal of Happiness Studies**, v. 26, n. 3, p. 39, 2025.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e poder: a presença e o papel dos meios de comunicação de massa estrangeiros na América Latina**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1981.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia**. La digitalización y la crisis de la democracia. 1. ed. en castellano. Madri: Taurus Editorial, 2022.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Psychopolitics: Neoliberalism and new technologies of power**. Londres: Verso Books, 2017.

HARE, Robert D. **Sem consciência: o mundo perturbador dos psicopatas que vivem entre nós**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Was heißt denken? **Merkur**, v. 6, n. 53, p. 601-611, 1952.

HERRENDOERFER, Christian; FEST, Joachim. **Hitler, uma carreira**. Alemanha: Netflix 1977.

HESSEL, Rossana. Bolsonaro: 'defendemos a família e somos contra a ideologia de gênero'. **Estado de Minas**, 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/06/17/interna_politica,1374216/bolsonaro-defendemos-a-familia-e-somos-contra-a-ideologia-de-genero.shtml. Acesso em: 29 jun.2024.

HILLMAN, James. **Pã e o Pesadelo**. São Paulo: Paulus, 2015.

HILLMAN, James. **Paranoia**. Petrópolis: Vozes, 2016.

HILLMAN, James. **Uma investigação sobre a imagem**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

HIRSCHBERGER, Gilad. Collective trauma and the social construction of meaning. **Frontiers in psychology**, v. 9, p. 1441, 2018.

IALONGO, Ernest. Filippo Tommaso Marinetti: the Futurist as Fascist, 1929-37. **Journal of Modern Italian Studies**, v.18, n. 4, p. 393-418, 2013.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de CG Jung**. Petrópolis: Editora Vozes, 2016.

JUN, Seung-Pyo; YOO, Hyoung Sun; CHOI, San. Ten years of research change using Google Trends: From the perspective of big data utilizations and applications. **Technological forecasting and social change**, v.130, p. 69-87, 2018.

JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011b.

JUNG, Carl Gustav. **A prática da psicoterapia**. v. 16/1. Petrópolis: Editora Vozes, 2011d.

JUNG, Carl Gustav. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018a.

JUNG, Carl Gustav. **Aspectos do drama contemporâneo**. v. X/2. Petrópolis: Editora Vozes, 1988.

JUNG, Carl Gustav. **Estudos alquímicos**. v. 13. Petrópolis: Editora Vozes, 2018b.

JUNG, Carl Gustav. **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011a.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011c.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. v. 9/1. Petrópolis: Editora Vozes, 2018c.

JUNG, Carl Gustav. **Psicogênese das doenças mentais**. v. 3. Petrópolis: Editora Vozes, 2011e.

JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011f.

JUNG, Carl Gustav. **Resposta a Jó**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011g.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

JUST, Natascha; LATZER, Michael. Governance by algorithms: reality construction by algorithmic selection on the Internet. **Media, culture & society**, v.39, n. 2, p. 238-258, 2017.

KAFKA, Franz. **A metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

KAMPER, Dietmar. **Trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1998.

KØLVRAA, Christoffer. Embodying ‘the Nordic race’: Imaginaries of Viking heritage in the online communications of the Nordic Resistance Movement. **Patterns of Prejudice**, v.53, n. 3, p. 270-284, 2019.

KØLVRAA, Christoffer; FORCHTNER, Bernhard. Cultural imaginaries of the extreme right: an introduction. **Patterns of Prejudice**, v. 53, n. 3, p. 227-235, 2019.

LAZER, David MJ; BAUM, Matthew A; BENKLER, Yochai; BERINSKY, Adam J et al. The science of fake news. **Science**, v.359, n. 6380, p. 1094-1096, 2018.

LINS, Eunice Simões; LOPES, Flávia. Trevas e queda: análise do imaginário feminino na representação de fake news sobre Marielle Franco. **Revista Memorare**, v.5, n. 1, p. 78-96, 2018.

LOUREIRO, Robson; GONÇALVES, Emerson Campos. (Semi) formação no contexto das fake news e da pós-verdade na sociedade excitada-de Adorno a Tūrcke. **Educação em Revista**, v.37, p. e225778, 2021.

LUCIANO Hang diz que diz que universidades formam zumbis e comunistas. **Correio do Estado**, 2019. Disponível em: <https://correiodoestado.com.br/cidades/luciano-hang-diz-que-universidades-formam-zumbis-e-comunistas/363510/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

MACIOCIA, Giovanni. **Os fundamentos da medicina chinesa: um texto abrangente para acupunturistas e fitoterapeutas**. São Paulo: Editora Roca, 1996.

MAGER, Astrid. Algorithmic ideology: How capitalist society shapes search engines. *Information, Communication & Society*, v.15, n. 5, p. 769-787, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ideologia**. Global, 1994.

MATVIYENKO, Svitlana; KIRTZ, Jaime Lee. Echo Chambers of Paranoid Knowledge: On Cyberwar Epistemology. **Discourse**, v. 45, n. 3, p. 381-403, 2023.

MEALEY, Linda. The sociobiology of sociopathy: An integrated evolutionary model. In: *The maladapted mind*: **Psychology Press**, p. 133-188. 2013.

MENEZES, Luis Fernando. Bolsonaro não foi eleito personalidade do ano pela revista Time. **Aos Fatos**, 2019. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-nao-foi-eleito-personalidade-do-ano-pela-revista-time/>. Acesso em: 20 jan.2024.

MICOCCI, Andrea; DI MARIO, Flavia. **The fascist nature of neoliberalism**. Routledge, 2017.

MIMURA, Janis. **Planning for empire: reform bureaucrats and the Japanese wartime state**. Cornell University Press, 2017.

MONICK, Eugene. **Phallos: Sacred image of the masculine**. Inner City Books, 1987.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: Neurose**, v. 1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007a.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007b.

MORIN, Edgar. **O método 4: habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

MUSSOLINI, Benito. **La dottrina del fascismo**. Milão: U. Hoepli Editore, 1936.

NELIS, Jan. Constructing Fascist Identity: Benito Mussolini and the Myth of "Romanità". **Classical World**, p. 391-415, 2007.

NALON, Tai. Bolsonaristas usam foto de paciente com enfisema pulmonar para promover 'cura' da Covid-19. **Aos Fatos**, Online, 2020. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaristas-usam-foto-de-paciente-com-enfisema-pulmonar-para-promover-cura-da-covid-19/>. Acesso em: 20 de abril de 2025.

NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

NEUMANN, Erich. **Psicologia profunda e nova ética**. São Paulo: Paulinas, 1991.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Edipro, 2019.

OREMUS, Will. **Facebook has stopped saying 'fake news'**. Disponível em: <https://slate.com/technology/2017/08/facebook-has-stopped-saying-fake-news-is-false-news-any-better.html>, v. 30, 2017. Acesso em: 09 de maio de 2025.

ORIGEM DA PALAVRA. **Online**, 2024. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br>. Acesso em 25 de abril de 2025.

O'SHAUGHNESSY, Nicholas. Selling Hitler: propaganda and the Nazi brand. *Journal of Public Affairs: An International Journal*, v. 9, n. 1, p. 55-76, 2009.

PAES, Amanda; BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa. Negacionismo Científico: Uma Análise do Twitter de Jair Bolsonaro em Março e Novembro de 2020. **Razón Y Palabra**, v. 26, n. 114, 2022.

PALAHNIUK, Chuck. **Clube da luta**. São Paulo: Leya, 2012.

PALMEIRA, Luma; CASARÕES, Guilherme. A Amazônia e o governo Bolsonaro: interesses particulares, discurso soberanista e os inimigos da nação. **FGV RIC Revista de Iniciação Científica**, v. 4, n. 1, 2023.

PAOLUCCI, Claudio. Pre-Truth: Fake News, Semiological Guerrilla Warfare, and Some Other Media and Communication" Revolutions". **Media and Communication**, v.11, n. 2, p. 101-108, 2023.

PAOLUCCI, Claudio; MARTINELLI, Paolo; BACARO, Martina. Can we really free ourselves from stereotypes? A semiotic point of view on clichés and disability studies. **Semiotica**, n. 253, p. 193-226, 2023.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Editora Schwarcz- São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PASOLINI, Pier Paolo. **Il fascismo degli antifascisti**. Milão: Garzanti, 2018.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. The psychology of fake news. **Trends in cognitive sciences**, v. 25, n. 5, p. 388-402, 2021.

PENTEADO, Claudio Luis de Camargo; GOYA, Denise Hideko; SANTOS, Patrícia Dias dos; JARDIM, Luiza. Populismo, desinformação e Covid-19: comunicação de Jair Bolsonaro no Twitter. **Media & Jornalismo**, v. 22, n. 40, p. 239-260, 2022.

PINE, Adrienne. Forging an anthropology of neoliberal fascism. **Public Anthropologist**, v. 1, n. 1, p. 20-40, 2019.

PINHEIRO, Rui Pedro Gonçalves. **Populismo e totalitarismo: uma análise a partir de Hannah Arendt**. Lisboa: Universidade da Beira Interior, 2022.

PINTO, José Marcelino de Rezende. O acesso à educação superior no Brasil. **Educação & Sociedade**, v. 25, p. 727-756, 2004.

PONTALIS, Jean-Baptiste; LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da psicanálise**. Santos: Martins Fontes, 2001.

PONTES, Jorge. **A necropolítica adotada pelo Brasil em 2020 tem as digitais de Bolsonaro Web**, 2021.

PREIS, Tobias; MOAT, Helen Susannah; STANLEY, H Eugene. Quantifying trading behavior in financial markets using Google Trends. **Scientific reports**, v. 3, n. 1, p. 1-6, 2013.

PRIZIBISCZKI, Cristiane. “O país que não investe em ciência está condenado a ser escravizado”, diz Bolsonaro. **O Eco**, 2022. Disponível em: <https://oeco.org.br/noticias/o-pais-que-nao-investe-em-ciencia-esta-condenado-a-ser-escravizado-diz-bolsonaro/>. Acesso em: 29 jul. 2024.

PROSS, Harry. **Medienforschung**: Film, Funk, Presse, Fernsehen. 1972.

QUARANTO, Anne; STANLEY, Jason. Propaganda. In: **The Routledge handbook of social and political philosophy of language**: Routledge, p. 125-146, 2021.

RADICK, Gregory. Darwinism and social Darwinism. **The Cambridge History of Modern European Thought**, v.1, p. 279-300, 2019.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes 1988.

RITZER, George. Prosumer capitalism. **The Sociological Quarterly**, v. 56, n. 3, p. 413-445, 2015.

ROSENBERG, Arthur. Fascism as a mass-movement (1934). **Historical Materialism**, v. 20, n. 1, p. 144-189, 2012.

ROSENFELD, Jean E. Fascism as action through time (or how it can happen here). **Terrorism and political violence**, v. 29, n. 3, p. 394-410, 2017.

SAID, Flávia. Em homenagem, Bolsonaro veste cocar e cita cristianismo a indígenas. **Metrópolis**, 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/em-homenagem-bolsonaro-veste-cocar-e-cita-cristianismo-a-indigenas>. Acesso em: 29 jul.2024.

SEIFTER, Ari; SCHWARZWALDER, Alison; GEIS, Kate; AUCOTT, John. The utility of “Google Trends” for epidemiological research: Lyme disease as an example. **Geospatial health**, v. 4, n. 2, p. 135-137, 2010.

SILVA, Mauricio Ribeiro da. **Na órbita do imaginário**: comunicação, imagem e os espaços da vida. Editora Bluecom, 2012.

SILVA, Mauricio Ribeiro da. **TROMPE-L'OEIL**: apagamentos e (in) visibilidade da Umbanda na cultura brasileira. 2019.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2006.

SOUSA, Kátia Menezes de; OLIVEIRA, Rafael Camargo de. Fascismo e bolsonarismo: relações teóricas e discursivas entre as duas práticas. **Revista Heterotópica**, v. 2, n. 2, p. 116 - 140, 2020.

SOUZA, Vinicius Guedes Pereira de. Fake News Política no Brasil: da ficha falsa da Dilma à deepfake do Jornal Nacional. **Revista Alterjor**, v.28, n. 2, p. 591-602, 2023.

STEVENSON, Robert Louis. **O médico e o monstro**: O estranho caso do dr. Jekyll e sr. Hyde. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

STEYERL, Hito. A sea of data: Pattern recognition and corporate animism. **Pattern Discrimination**, p. 1 - 21, 2018.

STRICK, Simon. **Rechte Gefühle**: Affekte und Strategien des digitalen Faschismus. Berlin: Verlag, 2021.

TEIXEIRA, Vítor Daniel Claudino Martins; MEDEIROS, Ana Lúcia. o caso alvim-goebbels: reflexões sobre liberdade de expressão e o papel social do jornalismo no combate a discursos de ódio. **Revista Mediação**, v. 22, n. 31, 2020.

TOFFLER, Alvin. **The third wave**: The classic study of tomorrow. Nova York: Bantam, 2022.

TORRES, Leonardo de Souza; BALESTRINI JR, José Luiz; SOUZA, Rafael Rodrigues de. Imagem técnica e escalada da abstração: um estudo das relações humanas com as sex dolls. **VII ComCult**, São Paulo, 2021.

TORRES, Leonardo. **Contágio psíquico**: a loucura das massas e suas reverberações na mídia. Eleva Cultural, 2021.

TROTTER, Wilfred. Herd instinct and its bearing on the psychology of civilised man. **The Sociological Review**, v.1, n. 3, p. 227-248, 1908.

TURNER, Fred. The rise of the internet and a new age of authoritarianism. **Harper's Magazine**, v. 29, p. 25-33, 2019.

VAN BAVEL, Jay J; PEREIRA, Andrea. The partisan brain: An identity-based model of political belief. **Trends in cognitive sciences**, v. 22, n. 3, p. 213-224, 2018.

WAINBERG, Jacques Alkalai. Populismo, emoção e a corrupção da linguagem. **Intexto**, 2020.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**: o problema. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

WIENER, Norbert. **The human use of human beings: Cybernetics and society**. Boston: Da capo press, v. 320, 1988.

ZOJA, Luigi. Paranoia: **The madness that makes history**. Oxfordshire: Routledge, 2017.